

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX. 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICAEDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O SEBASTIANISMO E NÓS

1—GÉNESE DO MITO

por JOEL SERRÃO

COUBE a Oliveira Martins o ensejo de na sua História de Portugal (1879) ter chamado a atenção para o significado do sebastianismo no fenómeno histórico português moderno. Interpretando-o como «uma prova póstuma da nacionalidade», caracteriza-o por este modo: «A alma lusitana, ingénua na sua candidez — tombado agora por terra o edifício imperial, desconjuntado e condenado

(Continua na 8.ª página)

A TENTATIVA FALHADA DE REDUZIR AO SILÊNCIO A CRÍTICA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Como ontem dissemos, sem dar margem a dúvidas, a propósito da tentativa da «Cineasso» de reduzir ao silêncio o exercício da crítica cinematográfica do «Diário de Lisboa», o leitor não deixará de encontrar no jornal aquilo que procura, o que espera de nós que é, acima de tudo, a independência e a insubmissão a interesses. O que o leitor não encontrará é a hipoteca dessa independência.

Uma carta de «Filmes Castelo Lopes»

Que a crítica cinematográfica do «Diário de Lisboa» — para além de pontos de vista e critérios sem-

pre discursivos — é exercida pelos que dela estão encarregados com equilíbrio e sentido relativo de valores prova o interesse dos leitores e, por, a atitude de algumas empresas cinematográficas. Como exemplo se transcreve a carta que, há breves dias, recebemos da firma «Filmes Castelo Lopes, Lda.»:

«Cumpramos agradecer o destaque que os termos da crítica ao

filme que neste momento apresentamos no Cinema Condes, «Uma Noite na Ópera», com os Irmãos Marx.

Temos o prazer de verificar que o «Diário de Lisboa», através da sua secção de crítica cinematográfica, não deixou de sublinhar, merecidamente, o

(Continua na última página)

MANIFESTAÇÕES SANGRENTAS NO CAIRO

BEIRUTE, 29. — (R.) — Durante dois dias, o centro do Cairo foi cenário de sangrentas manifestações, durante as quais dezenas de pessoas ficaram feridas em consequência dos protestos contra a brandura das sentenças impostas aos responsáveis mili-

tares pela derrota do Egipto, na guerra de Junho, segundo relatos de testemunhas oculares, que só hoje chegaram a esta cidade.

As manifestações foram muito mais violentas e envolveram um número muito maior de pessoas do que a princípio se anunciou. Para

dispensar os manifestantes e restabelecer a ordem, a Polícia a cavalo carregou sobre a multidão, enquanto brigadas de choque lançavam gases lacrimogénicos e avançavam à bastonada.

Os incidentes começaram no sábado quando milhares de jovens iniciaram uma marcha de protesto, barulhenta mas pacífica, em frente da Assembleia Nacional. Os manifestantes começaram então a encaminhar-se para a residência do presidente Nasser aos gritos de «sangue por sangue» e «morte aos traidores».

Os protestos tornaram-se gradualmente mais ruidosos e os estrófalos cada vez mais politizados, à medida que a tarde quente avançava. Os manifestantes tentaram invadir o jornal pró-governamental «Al-Ahram», cujo director, Mohammed Heykal, é amigo íntimo de Nasser, ao mesmo tempo que gritavam «escravos sobre a liberdade».

Policiais de capacete de aço, escudos de protecção e bastões de madeira chocaram com os manifestantes, que responderam à pedrada. Os comerciantes baixaram os toldos metálicos, receando um ataque às suas lojas.

No sábado à noite, a Polícia efectuou cerca de 50 prisões de conhecidos agitadores, indo buscá-los a suas casas. Mas tal facto só contribuiu para enfurecer ainda mais os manifestantes.

No domingo as desordens alastraram a toda a cidade do Cairo, travando-se combates entre os manifestantes e a Polícia.

As ruas do centro da cidade estiveram bloqueadas durante todo o dia, devido aos incidentes, enquanto policiais a cavalo carregavam sobre os manifestantes.

(Continua na 13.ª página)

HOJE — 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Jacqueline Kennedy passeia em Nova York, de braço dado com lorde Harlech. Tem-se falado muito num futuro casamento de «Jacquie» com o lorde, velho amigo do casal Kennedy e antigo embaixador inglês em Washington. Tanto Jacqueline como lorde Harlech têm sempre reafirmado como sem fundamento os boatos referentes ao seu noivado

Há no Vietnam 700 mil pessoas deslocadas

SAIGÃO, 29 — (F. P.) — Há actualmente no Vietnam 702 mil pessoas deslocadas, devido aos acontecimentos do mês de Janeiro. Vivem em

campos provisórios para refugiados. Cerca de 170 mil provêm de Saigão, 68 400 da

(Continua na 13.ª página)



O ar sorridente dos «leões» pode ser de esperança na recuperação

HUMBERTO MADEIRA

vai deixar o teatro?

A notícia correu célere ao nosso mundo do espectáculo: razões de saúde, deveras imperiosas obrigam o popularíssimo actor Humberto Madeira a abandonar os palcos onde alcançou os mais altos títulos entre os intérpretes da sua geração.

Com efeito, o prestigioso artista deixou já os ensaios da nova revista «Arroz de Miúdas» que se

afixados no Parque Mayer o nome do «milionário do riso» não tenha sido substituído. Carlos Coelho, há meia dúzia de semanas regressado de uma longa «tournée» pelo Ultramar e África do Sul, ultimava a planificação de nova digressão (desta feita aos Estados Unidos da América do Norte e Canadá) suspendeu, assim, essa actividade para, pela segunda vez, tomar posse do ceptro de Humberto Madeira. Recordar-se que, quando da representação da revista «E Canja!» já Carlos Coelho fora apressadamente incluído no elenco que, de um instante para o outro, se vira desfalcado do principal elemento masculino, exactamente Humberto Madeira, que, por conselho do médico assistente (o prof. dr. Lima Basto) dera, então, entrada no Instituto de Oncologia para ser submetido a melindrosa intervenção cirúrgica.

Algum tempo depois, Humberto Madeira retornava ao Parque Mayer e o produtor Giuseppe Bastos ofereceu uma festa em honra da vedeta regressada ao tablado do Teatro Capitólio. E Humberto Madeira voltou a ser o mesmo artista bem-humorado e rico de talento, logrando sempre a mais indesmentida popularidade. No Variedades, ao lado de Eugénio Salvador, foi um dos grandes responsáveis pelo tremendo triunfo de bilheteira da revista «A Ponte a Pé», que esteve em cena cerca de sete meses e depois foi incluída no reportório que a Companhia Giuseppe Bastos-Vasco Morgado levou a Angola e Moçambique. Humberto Madeira efectuou toda a digressão (demorada) e, quando voltou a pisar solo de Lisboa, trocou o Variedades pelo Maria Vitória, onde desempenhou um original de revista ao lado de Florbela Queirós. Seguiu-se a passagem pelo ABC: em «Mulheres à Vela», com cuja companhia percorreu, recentemente, diversas localidades.

E, por todo o lado, o êxito foi sempre a companhia do actor.

Assim, a sua última actuação, agora, em publico verificou-se na passada segunda-feira, no palco do Cinema Lido, na Amadora. A assistência não estava de posse do segredo, vivido e cerrado entre bastidores: Humberto Madeira estava muito doente.

Chega-nos agora a notícia de que o prof. Lima Basto, devotado amigo do actor, o impediu de continuar no palco.

E Humberto Madeira teve, assim, de abandonar o cartaz elaborado por José Miguel para o ABC.

Por quanto tempo se manterá o seu afastamento?

Tem a palavra a mais reputada equipa médico-cirúrgica do Instituto de Oncologia que tudo tentará para restituir Humberto Madeira, o «milionário do riso», aos palcos da fama, ao triunfo dos tabladros. Onde (ainda) o esperamos.

A ACADEMIA SOVIÉTICADAS CIÊNCIAS CONTRA OS DISCOS VOADORES

MOSCOVO, 29 — (A. N. I.) — Todos os discos voadores são «mitos» e estudá-los é «anticientífico» — afirma a Academia das Ciências Soviética, em comunicado hoje distribuído.

A Academia — sublinha-se no comunicado — organizou um seminário acerca dos objectos voadores não identificados (U. F. O.) e chegou à conclusão de que, se os dis-

cos voadores existissem, os cientistas já os conheceriam. Portanto, «não há discos voadores e é pura perda de tempo tentar estudar os U. F. O.».

Embaixador do Canadá

Regressou a Lisboa, no avião da Canadian Pacific, acompanhado da esposa, o embaixador do Canadá, sr. dr. Jean Morin. Aquele diplomata permaneceu no Canadá durante alguns dias.

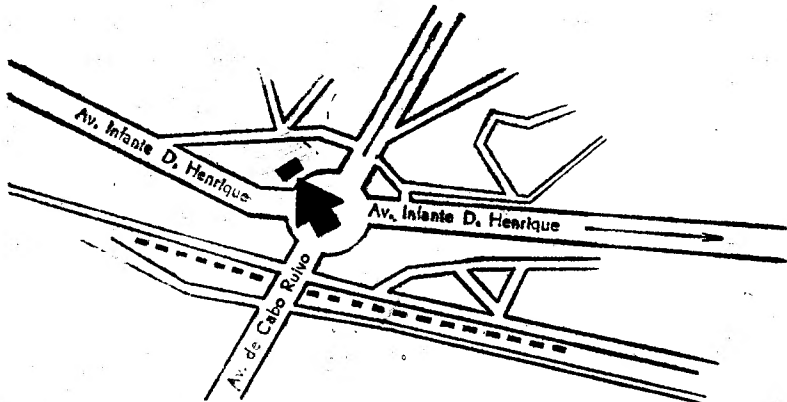
FORA DO BULÍCIO DA CIDADE



em Cabo Ruivo

o seu auto-banco realiza, as seguintes operações:

abertura de conta; compra e venda de moeda estrangeira; recepção de propostas e pagamento de letras; recepção de correio; recepção de depósitos; pagamento de cheques das dependências urbanas de Lisboa.



BANCO

TOTTA-ALIANÇA

UM BANCO NOVO COM MAIS DE CEM ANOS DE EXPERIÊNCIA

Malograram-se as esperanças quanto a um filtro superseguro para fumadores de cigarros

WASHINGTON, 29 — (R.) — Devido a um relatório publicado, a noite passada nesta capital, pela Comissão de Comércio do Senado, dissiparam-se as esperanças de conseguir um filtro superseguro para fumadores de cigarros.

No ano passado, o farmacêutico L. Strickman, de 56 anos, afirmou que o seu novo filtro ajudava a reduzir a absorção, ao fumarem-se cigarros, de agentes causadores do cancro.

Disse ainda que o seu filtro reduzia os alcatrões absorvidos em elevado grau pelos pulmões dos fumadores.

Contudo, a noite passada, o presidente da comissão do Senado, o senador Warren G. Magnuson, democrata por Washington, declarou que sancionava as conclusões da Universidade de Columbia, de Nova York — que adquirira a patente do filtro — de que o denominado filtro revolucionário Strickman era menos eficaz do que alguns filtros já à venda.

Ontem, a Universidade de Columbia afirmou que cometera um erro bem intencionado quando chegou a acordo no ano passado para adquirir os direitos de patente do filtro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Foi hoje a enterrar no cemitério da Guia o dr. Melo Furtado

No cemitério da Guia, em Cascais, foi autopsiado, esta manhã, o corpo do dr. Melo Furtado, conhecido professor do Ensino Técnico, falecido como oportunamente noticiámos, junto dos «courts» de ténis do Estoril, em consequência de uma crise cardíaca.

Assistiu à autópsia o sr. dr. José António de Matos Ratinho, subdelegado de Saúde de Cascais.

De tarde, após missa de corpo presente, efectuou-se, no cemitério acima mencionado, o funeral daquele que foi sempre um professor estimado e competente.



RECTÂNGULOS

A VIDA

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Desde Gagarine, o primeiro e único dos astronautas que conheceu um certo êxito pessoal, e de Kennedy, o primeiro presidente jovem dos E. U., que não surgia no mundo um homem-vedeta com a fascinação do doutor Barnard. Numa hipotética competição, o próprio Gagarine (nem vale a pena falar do presidente) seria, claro está, preterido, até porque o cosmos, sim senhor, é muito bonito ir até lá, muito apaixonante, mas fica longe como tudo, e o coração, esse está aqui dentro do nosso peito, e quando ameaça parar, adeus vida.

O que mais impressiona no doutor Chris Barnard é o forte contraste entre o seu físico de jogador de ténis (não sei porquê mas acho que ele deve jogar o

ténis), o seu sorriso aberto de actor de cinema que acaba de receber o «oscar» pela melhor interpretação masculina do ano, o seu ar totalmente satisfeito consigo próprio, a sua qualidade de cientista de primeira plana e as declarações de puro humor negro que alegremente lança ao publico.

Claro que, para utilidade dos homens, os animais (macacos, cães ou cobaias), sempre têm sido e serão os grandes sacrificados. Mas arrepiam um pouco, digam o que disserem, aquela história do cão do doutor Barnard, que tem duas cabeças, come com ambas e ladra com ambas. Ora nós gostamos de aproveitar os bene-

fícios da ciência, mas não de saber como se chega aos grandes êxitos. Preferimos não acreditar em coisas dessas, até porque acreditar nelas nos cria problemas e nos causa arrepios. Dizemos que não pode ser, que são histórias, coisas que se inventam.

O doutor Barnard, talvez porque é a um tempo um homem com o dom da simpatia, um homem excepcional e um actor nato, pode dizer as coisas como elas são. Se tivermos pesadelos é connosco, lava daí as mãos.

Naturalmente queríamos uns cérebros novinhos em folha e deixar todos os problemas técnicos e morais aos médicos. Nada mau.

AINDA O DOUTOR BARNARD

O Presidente da República condecorou hoje

individualidades que o acompanharam na visita à Guiné e a Cabo Verde

O Chefe do Estado e sua esposa ofereceram hoje um almoço, no Palácio de Belém, à comitiva que os acompanhou na sua recente viagem à Guiné e a Cabo Verde. Estiveram presentes a sr.ª D. Maria Natália Rodrigues Thomaz e os srs. prof. dr. Joaquim da Silva Cunha e esposa, dr. César Moreira Baptista, contra-almirante Henrique Tenreiro e esposa, dr. Emílio Patrício, comodoro dr. José Galvão Rocha e esposa, dr. Nuno Matias Ferreira e esposa, dr. Jorge de Melo e esposa, dr. D. Caetano Maria de Lancastre, dr. Carlos Ary dos Santos, capitão-de-fragata Mário Esteves Brinca, dr. António Joaquim da Fonseca, dr. José Alberto Pereira Monteiro, major João Carlos de Oliveira Marinho, falcão, 1.º tenente César Leal Coelho, comandante Manuel António Bio, tenente-coronel Freitas do Amaral e comandante Benvidio da Fonseca.

Após o almoço, o Chefe do Estado, na Sala Luís XV, procedeu à entrega e imposição das insígnias das várias Ordens com que decidiu distinguir algumas individualidades presentes ao almoço. Com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, foi condecorado o sr. prof. dr. Silva e Cunha; com a comenda de Sant'Iago da Espada, o dr. César Moreira Baptista; com a comenda de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, o comodoro médico dr. Galvão Rocha; com as comendas da Ordem Militar de Cristo, os srs. dr. Nuno Ferreira, capitão-de-fragata Esteves Brinca e comandante Manuel An-

tónio Biser; e com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique os srs. dr. D. Caetano de Lancastre, dr. Pereira Monteiro, major Maria Falcão, dr. António Joaquim da Fonseca e capitão-tenente César Coelho.

Ao fim da tarde, o sr. almirante Américo Thomaz deu uma recepção em honra dos representantes da Imprensa que o acompanharam na sua recente viagem à Guiné e a Cabo Verde.

Ofício ao «Diário de Lisboa»

O sr. Presidente da República, através de um ofício dirigido ao nosso director pelo sr. subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, dr. Paulo Rodrigues, significou-nos o seu muito apreço pela forma como os órgãos da Imprensa cumpriam a sua relevante missão, prestando alto serviço ao País mediante uma completa informação acerca da visita presidencial à Guiné e a Cabo Verde.

Teatro dos Estudantes

Os ensaios do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra recomeçam na segunda-feira, às 17 horas, nos Geraís, sob a orientação do director artístico daquele prestigioso organismo, sr. prof. dr. Paulo Quintela.

BARNARD FALA DE BARNARD

BEIRA, 29 — (L.) — «Há muitas Marias na Terra» — eis o significado do gesto com que o eng. Christian Barnard, funcionário do Trans Zambezia Railway, sul-africano como o famoso cirurgião seu homónimo, acolheu os jornalistas desta cidade, onde actualmente se encontra, atraídos pela curiosa coincidência.

O engenheiro, que acrescentou que nenhum parentesco o liga ao famoso professor do Hospital de Groote Schuur, disse, a propósito de certas críticas formuladas contra o cirurgião: «Há alguns anos atrás, quando se efectuou a primeira operação ao apêndice, também se gerou uma crítica igualmente baseada numa possível precocidade da intervenção. Todavia, essa operação é hoje levada a efeito com pleno êxito, até por médicos pouco experientes».

PRINCIPIOU O II CURSO DE ACTUALIZAÇÃO DE CIÊNCIAS NATURAIS

● Cerca de 200 professores inscritos

Com uma lição teórica, proferida pelo prof. dr. Torre de Assunção, principiou esta manhã, na Faculdade de Ciências de Lisboa, o II Curso de Actualização em Ciências Naturais, no qual se encontra inscrito o elevado e significativo número de aproximadamente 200 professores do ensino secundário. A tarde houve outra lição teórica, dada pelo prof. dr. Miguel Pereira Coutinho, seguindo-se sessões práticas.

O curso, promovido pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, com a colaboração do Liceu Normal Pedro Nunes, decorrerá até ao próximo dia 3 de Março, e nele são versados todos os 5 anos das Ciências Naturais, ao contrário do primeiro curso, que se efectuou em Outubro de 1966 e se versou apenas as Ciências Geológicas. As lições teóricas de amanhã serão proferidas pelos profs. drs. Carlos Teixeira e Baeta Neves, seguindo-se, como acontecerá habitualmente, sessões práticas.

QUEM PERDEU

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): uma pasta com livros, dois porta-moedas com dinheiro, uma aliança de ouro, uma nota do Banco de Portugal, uma mala de senhora, carteiras com documentos dos srs. António Luís Neves, António Simões e José Joaquim Santos, os bilhetes de identidade dos srs. Miguel Estêvão da Silva e José da Ponte Barboza e do sr. D. Odete Pereira Morais, um livro de estudo, uma sombrinha e uma capa, um gorro em lã, um lenço de pescoço, um casaco de fazenda, rolos de pano, um tampão e um aro de rodas de automóveis e argolas com chaves.

Ora, diga-nos...

— Costuma tomar precauções com o gás?

Mais duas pessoas morreram vítimas de imprevidência com gás. Mas o que mataria: o gás ou a falta de cuidado na sua utilização? Pergunta a que cada um dará a resposta que entender mais oportuna. Entretanto, a questão que pusemos foi outra, embora intimamente ligada a este assunto.



● O sr. Luís Pereira Mateus, vendedor, afirmou-nos:

— Sempre que nos vamos deitar verificamos se as torneiras do fogão e do esquentador estão fechadas. Além disso desligamos o contador.

— Então, nunca teve nenhum acidente com gás?

— Só uma vez notei na casa de banho um cheiro muito intenso, mandei vir o piquete da Companhia, mas não havia nada. É preciso ter muito cuidado...

● Sim... disse-nos vagamente, sorrindo, Angela Maria Oliveira, empregada dos C. T. T.

— Parece que não está muito convencida...

Ainda não é dona de casa?

— Não. Mas sei que à noite se fecha sempre o contador. Durante o dia não sei.

— Penso que o gás não é perigoso. Basta um pouco de cautela.



● Por fim, António Dias Lourenço, empregado bancário, respondeu-nos:

— Moro fora de Lisboa (na Amadora) e lá não temos gás da companhia. Mas em minha casa utilizo-me do outro, no fogão e nos esquentadores. O único cuidado que temos é nunca pôr os esquentadores no quarto de banho — o que jugo ser a principal causa dos desastres.

— Quanto ao fogão?

— Não cozinho, não sei. Nem por brincadeira cozinho. Se acho que é desprimoroso? Não. Mas não tenho jeito. Nunca experimental.

— Então como sabe que não tem jeito?

O nosso interlocutor riu-se, e seguiu o seu caminho...

Rafael doente

MAR DA PRATA, 29 — (F. P.) — O popular cantor espanhol Rafael teve de interromper a sua actuação, por se sentir subitamente afectado nas cordas vocais.

A empresa devolveu ao publico o dinheiro dos bilhetes. O médico recomendou a Rafael completo repouso, mas negou-se a especificar a gravidade da afecção.

«CELEIRO» SUPERMERCADOS

CONVIDAM OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES A EXPERIMENTAREM O
PALADAR DO FAMOSO BACALHAU INGLÊS (TERRA NOVA)
EM EXPOSIÇÃO NAS SUAS MONTRAS A PARTIR DE HOJE

67, RUA 1.º DE DEZEMBRO, 83
39, RUA DO CARMO, 41
20, LARGO DO CARVÁRIO, 23

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RADIO

MARIA VITÓRIA

Só até domingo
«Pão, pão... Queijo, queijo»

As representações da popular revista «Pão, Pão... Queijo, Queijo» findam preferivelmente no domingo, visto aquele espectáculo iniciar na segunda-feira, em Setúbal, uma digressão pela província. «Pão, Pão... Queijo, Queijo» foi considerada a melhor revista do ano, pelo que recebeu, muito justamente, o «Prémio da Imprensa».

TEATRO VILLARET

Em 5.ª semana
«Um anjo de chapéu de palha»

É uma divertida comédia o espectáculo que, há cinco semanas, se representa, com lotações esgotadas, no palco do Villaret. Henrique Santana é o protagonista, coadjuvado brilhantemente por Irene Isidro, Maria Helena e um excep-

cional elenco de figuras das mais destacadas no nosso meio teatral. Hoje e todas as noites, às 21 e 45.

MONUMENTAL

«Duas pernas... um milhão»
um sucesso que regressa

A superprodução musical «Duas pernas... Um milhão» que regressou a Lis-

GILBERT BÉCAUD NA R. T. P.

A R. T. P. apresenta hoje, às 22 e 25, um grande espectáculo com Gilbert Bécaud.

Neste show, além de Gilbert Bécaud, actuam artistas de grande renome, destacando-se, pelo êxito que tem alcançado na Europa, o brasileiro João Gilberto.

boa e se representa agora no palco do Monumental, é um espectáculo divertidíssimo, com Camilo de Oliveira, Nicolau Breyner, Jo Apoloni e um elenco extraordinário de «estrelas» do nosso teatro. Hoje e todas as noites, às 20 e 45 e 23 horas

VARIEDADES

«Pois, pois...»
ou o triunfo de Solnado

Raul Solnado continua a provocar todas as noites uma torrente de gargalhadas entre o público que assiste à magnífica super-revista «Pois, Pois...», no Variedades, às 20 e 45 e às 23 horas

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge
Título em português — «Viver para viver».

Título original — «Vivre pour vivre».

Produção — Francesa.
Realização — Claude Lelouch.
Interpretes — Yves Montand, Anna Girardot e Candice Bergen.
Gênero — Drama.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Color de Luxo.
Classificação — 17 anos

TRINDADE
— F. N. A. T. —
O T. N. P. apresenta
HOJE, às 21.45, A COMÉDIA
«Cautela, Libertino!»
de LUIGI PIRANDELLO
(ADULTOS)



UM ACONTECIMENTO DE VERDADEIRO CINEMA!

LINO VENTURA
PAUL MEURISSE
RAYMOND PELLEGRIN

Não é uma crítica aos métodos de investigação —
— é uma reportagem arrasante de um ajuste de contas sem mercê!

Realização de JEAN-PIERRE MELVILLE

Adultos

FILMES CASTELLO LOPES 50
apresenta

AMANHÃ
NOITE DE GRANDE ESTREIA
NOS CINEMAS

CONDES
MUNDIAL

Argumento de JOSE GIOVANNI

NUMA DAS ZONAS MAIS MISTERIOSAS DO MUNDO, UMA AVENTURA FABULOSA QUE ARREBATARÁ O PÚBLICO!

PERIGO DE MORTE
EM BEIRUTE

COM O GRANDE
FREDERICK STAFFORD
GENEVIEVE CLUNY • CHRIS MORELANDE
SCOPE COLORIDO 17 ANOS

AMANHÃ ESTREIA ALTAMENTE EMOTIVA



POLITEAMA

CAPITÓLIO
Tel. 32 03 79
Amanhã, 6.ª-feira, às 21.45 h.
A LOCOMOTIVA
de A. Roussin
apresentando COSTINHA
ao lado de
AMÉLIA REY COLAÇO
e com um categorizado elenco
— SABADO, AS 16 HORAS —
Por exigência do público, última
representação, de
«A VOLÓPIA DA HONRA»
— A preços reduzidos —

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se no RESTAURANTE REGIONAL, no CAFÉ CONCHADA, no CAFÉ A BRASILEIRA, na PASTELARIA IMPÉRIO e no CAFÉ RITZ.

TEATRO Telef. 36 17 40

MARIA VITÓRIA

HOJE: às 20.45 e 23 h.

Só até domingo
Lisboa pode aplaudir
A FAMOSA REVISTA

PÃO, PÃO...
QUEIJO, QUEIJO



com a graça e o talento dos queridos artistas
● SALVADOR
● VIANA
a Vênus tota da Europa
AFRICA
PRAIS
● MARIEMIA
«Prémio de Imprensa» como «a actriz do ano»
● MAX
● ANITA
● DORA
● LEAL
● VICTOR MENDES

AFRICA PRATS: uma escultura autêntica!

e o sensacional
AUTOMÓVEL VOADOR

ATENÇÃO
2.ª e 3.ª-feira em SETÚBAL
4.ª-feira no MONTIJO
6.ª-feira, 8, no PORTO

TEATRO Telet. 32 60 375

VARIEDADES

HOJE: As 20.45 e 23 HORAS

RIR A BANDEIRAS
DESPREGADAS COM
RAUL SOLNADO

o fabuloso da gargalhada
«PRÉMIO DE IMPRENSA»
como actor do ano
graças à maravilhosa interpretação em
«PINGUINHAS»
NA SUPER-REVISTA

Pois, Pois...

com
IVONE SILVA
BARROSO • CORTEZ
NICHOLSON • CLARISSE
a voz diferente de
MARIA TERESA QUINTA
o «ballet» inglês
The Santiago Dancer's
a plástica impressionante
da atracção brasileira
WANDA MORENO



UM VULCAO DE RISOTA!

SINTRA ESPERA-O

Para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

«OS PESCADORES DE PÉROLAS»

NO SÃO CARLOS

POR UM GRANDE ELENCO

Na sexta-feira, às 21 e 15, prossegue a temporada de ópera do Teatro Nacional de São Carlos, cantando-se «Os Pescadores de Pérolas», interpretada por um elenco de grande classe — Christiane Eda Pierre, Alain Vanzo, Gabriel Bacquier e Marc Vento — e dirigida pelo distinto maestro Edmond Carrière.

Christiane Eda Pierre — que em épocas anteriores conquistou grande sucesso entre nós, tendo ficado inesquecível a sua actuação em «Os Contos de Hoffmann» — Alain Vanzo e Gabriel Bacquier — dois grandes cantores que o nosso público tantas vezes tem aplaudido — e Marc Vento são artistas de grande prestígio internacional e que ocupam lugares de particular destaque na cena lírica europeia. A encenação foi confiada a uma grande artista: a cantora Denise Duval que o público de Lisboa tantas vezes aplaudiu.

No espectáculo colaboram ainda a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, o Coro do Teatro de São Carlos ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali e os Bailados do S. N. I. dirigidos por Margarida de Abreu e Fernando Lima, Cenários de mestre Alfredo Furiga.

O espectáculo repete-se no domingo, em Tarde Cultural.

Abre na terça-feira a temporada do Coliseu

A semelhança do que tem acontecido nos últimos anos, o Teatro Nacional de São Carlos, em colaboração com a F.N.A.T., vai realizar no Coliseu dos Recreios mais uma grandiosa temporada popular de ópera apresentando naquela sala popular de tão brilhantes tradições líricas os mesmos espectáculos da temporada do São Carlos. Dá-se assim continuidade a uma obra de cultura e divulgação musical que desde há anos o Teatro de São Carlos vem realizando.

A temporada popular do Coliseu terá início na terça-feira e apresentará uma série de óperas de agrado geral: «Os Pescadores de Pérolas», de Bizet (terça-feira); «Simão Boccanegra», de Verdi (20 de Março); «Maria de Rohan», de Donizetti (26 de Março); «Traviata», de Verdi (2 de Abril); «Tosca», de Puccini (9 de Abril) e «O Guarany», de Carlos Gomes (22 de Abril).

Trata-se de uma programação que inclui obras que o grande público aprecia particularmente e que vai proporcionar-lhe ouvir cantores de prestígio internacional entre os quais destacamos: Renata Scotti, Christiane Eda Pierre, Gabriel Bacquier, Alain Vanzo, Marc Vento, Gian Giacomo Guelfi, Luigi Roni, Ludmilla Bakocovic, Armando Guerreiro, Giancarlo Luccardi, Flaviano Labó, Giorgio Giorgietti, Ottavio Garaventa, Pedro Stomper, Diva Pieranti, Pulo Fortes, etc. Ao mesmo tempo poderá o público apreciar a arte de maestros como: Edmond Carrière, Oliveira de Fábriis, Arturo Basile e Silva Pereira. Todos os espectáculos têm início às 21 e 15.

Prevenção Rodoviária Portuguesa

Amanhã, às 11 horas, decorre na Prevenção Rodoviária Portuguesa, Rua Rosa Araújo, 12, 4.º, uma reunião em que será dado a conhecer aos órgãos de informação o plano de actividades da associação para o corrente ano. Será feita referência também aos trabalhos preparatórios da representação do nosso País na VI Taça Escolar Internacional.

VIDA RELIGIOSA

Conferências no Colégio do Coração de Maria

Hoje, às 21 e 30, no auditório do Colégio do Coração de Maria, Avenida Manuel da Silva, 12, o rev. dr. João de Sousa, professor do Seminário dos Olivais, fará a primeira de duas conferências sobre o tema «Fé porquê?». A segunda decorrerá no dia 7. No fim das conferências haverá diálogo entre o orador e a assistência.

GRANDE PRÉMIO DO CINEMA FRANCÊS GLOBO DE OURO — Associação da Imprensa de Hollywood

DEPOIS DE «UM HOMEM E UMA MULHER», O NOVO FILME DE CLAUDE LELOUCH



VIVER PARA VIVER

(VIVRE POUR VIVRE)

COM

YVES MONTAND
ANNIE GIRARDOT / CANDICE BERGEN
num filme de
CLAUDE LELOUCH

COM IRENE TUNC / UTA TAEGER / JEAN COLLOMB / ANOUK FERJAC / FRANCIS LAI
PRODUÇÃO DE ALEXANDRE MINOUCHEKINE & GEORGES DANCIGER / COLOR BY DELUXE

MÚSICA:



HOJE SENSACIONAL ESTREIA
AS 21.30 NO CINEMA

SÃO JORGE



Adultos

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

«FRENTE A FRENTE» — «Era uma vez um crítico de televisão! Bem, era uma vez, eu. Eu que virava e revirava o programa de televisão e esfregava as mãos enquanto pensava: «Pensas que não tens nada para dizer? Pois desengana-te! Vem aí o «Frente a Frente» que é tradicionalmente, uma rubrica que dá pano para mangas, mesmo que as mangas sejam de quimono!»

Fiquei tranqüilo. Afinal, o «Frente a Frente»... Afinal, que desilusão! É certo que, por via de regra, os toureiros são pessoas de poucas palavras e é verdade que o dom de falar, sendo próprio dos homens não está equitativamente distribuído. Mas não eu! Agora de falar bem ou falar mal. Cuido de dizer ou não dizer alguma coisa que mereça ser dita.

Gosto, já repararam, de contar alguma coisa do que se passa na televisão para assim alguns dos meus leitores não morrerem totalmente ignorantes. No caso especial de José Julio, vejo-me muito embaraçado. Procuro reunir os pedacinhos de memória como quem busca reconstruir o jarrão partido em mil migalhinhas. E trabalho para Hércules.

(Devo dizer que escrevo esta crónica acompanhado pela cigarra arranhante dos meus arranhados nervos, da banda gasta da «Noite de Cinema». A fita corre, mas eu não vejo. Minto! As vezes levanto os olhos. Agora, por exemplo, no momento em que futo a fita o Jackie Cooper diz á rapariga: «É maravilhoso isto de ser eu o preferido, havendo tantos milhares de rapazes...» Já, Portem-se bem. Não se estejam a sorrir. Haverá, desde o princípio do mundo, alguém que não tenha pensado (ou dito) as mesmas palavras?)

José Julio foi sincero: está metido numa grande confusão. O medo, antes de entrar na praça... «Toureiro é coisa que se sente...» O medo, percebem, logo que se sente o oiro e a seda nas pernas... É um medo que eu gosto de sofrer...

O medo isto, o medo aquilo, aliás os toureiros gostam muito de falar dos seus medos, e o Mensurado começa a sentir o chão a fugir debaixo dos pés, que diabo, não se pode passar a vida a falar da mesma coisa! Entrevistador e entrevistado hesitam. Sofrem horrivelmente. Até que tomba do céu a tourada á portuguesa...

At se manifeste ainda mais a confusão de José Julio. O «matador» nunca entra a matar. Ele é apolo-gista da tourada á portuguesa, claro, é a tourada da sua terra. Mas na tourada á portuguesa o «matador» é apenas uma figura mais, enquanto na tourada á espanhola... Claro, ele é partidário da tourada á portuguesa, porque. Mas o toureiro a pé não é protegido, quer dizer, não está apoiado. Isto assim não é carne nem peixe. Claro, apolo-gista da tourada á portuguesa.

Por que se fez toureiro? Os toureiros são todos românticos. Dá-nos tanto prazer, é quase como quem canta o fado... O pai de José Julio morreu tinha ele três anos e o pai nunca chegou a ser o toureiro que sonhou ser, de maneira que ele, José Julio, sente que ser ele o toureiro

que o pai não chegou a ser e uma forma de o vingar, de o realizar, uma lágrima começa a bailar nos olhos do toureiro e a câmara discretamente, pudicamente afasta-se.

O arrastar do tempo na praça, os touros não deverem ser manipulados.

Mensurado, atabalhoadamente, volta aos medos (que tendência para o papão!) e não sei que o que sente antes de entrar na praça e José Julio, que já tinha dito tudo sobre o assunto.

Não querem ver? (Olhem, na fita o Cooper diz que tem o pai doente, prestes a morrer, mas os médicos afirmam que ainda pode durar uns 60 dias! Socorro! Não será o Kildare?)

Vida musical

História da música
no Orfeão Universitário
do Porto

A quinta lição de História da Música, da série que o prof. Filipe Pires pronuncia no Orfeão Universitário do Porto, sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, decorre amanhã, ás 21 e 30, com o tema «O estilo barroco e as suas formas musicais».

Pelo Quarteto
de Instrumentos Antigos

A Associação de Belas-Artes de Cascais promove no sábado, ás 22 horas, na Junta de Turismo da Costa do Sol, o quarto concerto da temporada, com o Quarteto de Instrumentos Antigos do Conservatório Nacional, constituído por Maria Malafaia, Lidia de Carvalho, François Broos e Isaura Pavia de Magalhães.

Concerto na delegação
da Pró-Arte em Aveiro

A delegação da Pró-Arte em Aveiro promove amanhã o primeiro concerto desta temporada. O programa está inteiramente a cargo do «Quarteto de Instrumentos Antigos do Conservatório Nacional», de que fazem parte os professores Maria Malafaia (cravo), Isaura Pavia de Magalhães (viola de Gamba), Lidia de Carvalho (quintão) e François Broos (viola d'amor).

se o filme
o entusiasmou...



lerá o livro
avidamente
Doze Indoma-
veis Patifes

E. M. NATHANSON



PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º — LISBOA

HOJE PODE VER...

• As 21 e 55: «Dr. Kildare»
Na série «Dr. Kildare», princípio, hoje, um novo argumento, que será apresentado em dois episódios, e que tem como intérpretes os artistas Richard Chamberlain e Raymond Massey.

• As 22 e 55: Variedades
O programa de variedades desta noite é preenchido com a actualização do cançonetista francês Gilbert Bécaud, num programa da televisão alemã.

matador, e o Mensurado, entrevistador, falaram, falaram — e no fim eu é que fiquei derreado, moído, massacrado dos hiatos, dos silêncios, daquele ambiente pesado de claro-escuro, ambiente estranho de subterrâneo. Frazão, por favor mande arranjar outro cenário, de mau teatro estamos nós fartos!

«Frente a Frente» — uma desilusão á nossa frente. O falhanço de José Julio como entrevistado só terá comparação no dia em que Mensurado resolver tourear. Esperemos que, nesse dia, por vingança, as câmaras da televisão estejam presentes. — M. C.

O Teatro Nacional estreia amanhã «A Locomotiva» com Amélia Rey Colaço

A companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, apresenta amanhã, em estreia no Capitólio, mais um original da presente temporada.

Trata-se de «A Locomotiva», de André Roussin que Olavo d'Eça Leal traduziu para português. A peça francesa sucedeu no cartaz do Capitólio ao original de Pirandello com o qual o Teatro Nacional de D. Maria II se associou às comemorações do centenário do nascimento do grande autor italiano.

«A Locomotiva» tem a recomendação do facto de ter sido propostamente escrita para uma gran-

de actriz, que a criou em Paris, onde a peça fez uma carreira de três anos. Em Lisboa esse papel vai ser defendido por Amélia Rey Colaço, que nele terá certamente, mais uma das grandes criações da sua gloriosa carreira.

Mas não é menos verdade que a réplica lhe vai ser dada por um outro grande nome da nossa cena,



AMELIA REY COLAÇO
uma grande actriz
para uma grande criação

Costinha, que pela primeira vez trabalha, como artista convidado, na companhia de Amélia Rey Colaço.

Além destes intérpretes temos Ana de Sá e Filipe La Féria, dois estreantes, a primeira galardoada com a melhor classificação do ano passado, nos exames finais de Arte de Representar, o segundo sábio das lides da Casa da Comédia. Há ainda uma bela oportunidade para Herminia Tojal, igualmente começada na Casa da Comédia e mais tarde no Teatro da Trindade. O outro papel de «A Locomotiva» é desempenhado por Pedro Lemos, um competentíssimo homem de teatro, que dirigiu os ensaios e é o autor da encenação.

A partir de amanhã, pois, o Teatro Capitólio apresentará um espectáculo que se poderá transformar num grande cartaz popular da temporada.

Fornecimento de: VIATURAS
(para passageiros e carga)
Concurso Público n.º 28/68

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Rua das Trinas, 49 — Lisboa, onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se as propostas para o fornecimento em referência.

NO TEATRO MONUMENTAL

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, 2 sessões às 20.45 e 23 h.

(ADULTOS)



DUAS HORAS
DE
RISO TOTAL
COM
CAMILO DE OLIVEIRA

UM EXITO
QUE
CONTINUA
NO CARTAZ
COM
AS MAIS
LINDAS
MULHERES!
A MAIS BELA
MÚSICA!
E LINDAS CANÇÕES



APENAS ALGUNS DIAS

MAIS DO QUE UMA REVISTA:

um elenco de estrelas

NICOLAU BREYNER

MARIA ADELINA

YOLA • ANTÓNIO ANJOS • MARIA LAURENT • LINDA SILVA • ALBERTO VILAR • LURDES LIMA • GUIDA MARIA • COSTA VAZ • ANTÓNIO BARRA • ALICE CARLA

colaboração especial

IO APOLONI

LUIS TITO

UM ENSEMBLE «BALETO»,
constituído por 20 bailarinos e bailarinas
coreografia de FERNANDO D'AZEVEDO

LAURA ALVES em «A FLOR DO CACTO»
HOJE, no Rosa Damasceno de Santarém; AMANHÃ, em T. Vedras; Sábado, no Cartaxo; Domingo, em Peniche; 2.ª-Feira, no Bombarral; 3.ª e 4.ª, em Caldas da Rainha. ADULTOS.

ALÓ!... ALÓ!...
TODA A GAMA
DE
**ELECTRO
DOMÉSTICOS**
a preços sensacionais:
Av. Almirante Reis, 172-A

IMPERLUZ

Manuel José Silva Loureiro

Para assinalar o seu recente regresso da Guiné, onde esteve em serviço militar, realizou-se um almoço de homenagem ao sr. Manuel José Silva Loureiro.

Vários oradores saudaram o homenageado e enalteceram a sua conduta e a de seu irmão José Manuel, ainda em serviço militar na Guiné, assim como a de todos os que defendem a Pátria.

O pai do homenageado, sr. dr. Manuel Rodrigues Loureiro, agradeceu o testemunho de amizade e apreço prestado a seus filhos e afirmou que a reunião devia ser dedicada, no espírito dos presentes, a todos os portugueses que cumprem o seu dever lutando pela honra e pela sobrevivência da Nação, afirmando a vitalidade do Portugal de hoje, e ás suas famílias.

O sr. Manuel José Silva Loureiro também agradeceu, manifestando quanto o sensibilizava o carinho de que o rodeavam os seus familiares e amigos. A noiva do homenageado, sr.ª D. Maria Teresa Matta, foi igualmente saudada pela assistência como símbolo da digna e patriótica atitude que têm assumido as mulheres portuguesas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

Título — «Sete Contra o Mundo» («Sette Schilavi Contro il Mondo»)
Realizador — Michele Lupo, 1966
Interpretes — Roger Brown, Gordon Mitchell, Seilla Gabel.

Este não é um filme importante. «Sete Contra o Mundo» nada mais pretende do que atingir a mediana divertida de um espectáculo de pancadaria ritmada, construído na base dos usuais *peplums* italianos. Posto isto, situado o filme dentro dos seus limites, despiído de toda e qualquer pretensão, é chegada a altura de se dizer tratar-se de uma paródia bem-humorada, na linha do seu predecessor imediato, devido a mesma equipa (e que, como já vai sendo regra era, em certa medida, melhor do que esta continuação um pouco apressada). Referimo-nos a «Sete Contra Todos», estreado em 1966, no Avis.

Cada vez mais desacreditado, o *peplum* (filme histórico baseado em temas mitológicos ou clássicos, tratados em estilo de série Z) já não convencia nem as plateias ingenuas dos cinemas populares (que os trocam avidamente por espionagens ou *Westerns* rodados nas mesmas circunstâncias e igualmente em Itália. A força do uso de clichés, das repetições, da degradação contínua, os heróis lendários (essa fauna que vai de Maciste a Hércules, de Sandokan a Ulisses, de Sansão a Tauro, ou do Cavaleiro Mascarado a Zorro ou Espartaco) tiveram de trocar as tunicas romanas ou os farrapos de escravos pela estrela de *terceira* ou pela maleta jamesbondiana dos congéneres.

Pois «Sete Contra Todos» (e o mesmo *Sete*, agora «Contra o Mundo»), sem entrar abertamente pela via (necessária) da desmistificação de um género (de largas e graves repercussões nas camadas populares), conseguiu equilibrar a sátira e a aventura, proporcionando duas horas de agradável distração. Sete magníficos acrobatas encarregavam-se dos *numeros* (o que continuam a fazer da mesma forma, neste prolongamento), preenchendo um *écran* de cinematocópio com os mais sensacionais arrais de pancadaria dos últimos tempos. Ao falarmos de «pancadaria» e de «arraia», estamos a falar mesmo de pancadaria e mesmo de arrais, o mesmo é dizer que se afasta todo o sadismo doentio e a violência gratuita muito em voga.

Junte-se ainda um ritmo de acção constante, espectacular, uma movimentação condizente, um fio de intriga que nada tem a ver com as mil e uma imbecilidades postas a circular impunemente (sempre no mesmo género de filmes); acrescenta-se um relativo bom gosto, e teremos dito tudo. Ou quase, já que, convém reafirmar duas ideias essenciais: a) que «Sete Contra Todos» era superior a estes «Sete (Es-cravos) Contra o Mundo»; b) que este é um tipo de filmes de características definidas e que só integrado dentro dessa produção é que esta obra de Michele Lupo merece as referências atrás expendidas. — L. A.

• NO EUROPA

Título: «Duelo em Diablos»
Realizador: Ralph Nelson
Interpretes: James Garner, Sidney Poitier, Bibi Andersson, Dennis Weaver, Bill Travers, William Redfield e John Hoyt

Algo de novo em «Western» é proeza reservada a dois ou três mestres — e, mesmo assim, de longe em longe. Não é para todos. A crónica do oeste americano está contada e recontada em Cinema. Mas um «Western» é uma película de aventuras, e a aventura é um sonho longínquo do homem comum. Por isso, não é crível que a saga dos soldados das pradarias que tornaram possível os Estados Unidos deixe de ter os seus cronistas da câmara de filmar: as multidões gostam de imaginar-se a cavalo, a desfilada por montes e vales, protegendo diligências, e carros de munições ou comboios pioneiros. Ou, quem sabe, na pele de um grande chefe de figura direita, que comanda, com um gesto, centenas de índios emplumados...

Com a dificuldade de fazer algo de novo, encontra-se neste «Duelo em Diablos» o realizador Ralph Nelson, e quase meia dúzia de artistas de bom plano, que já aplaudimos noutras tantas películas. Que temos, desta vez? Uma epopeia com alguns laivos de comédia — pelo menos, o público ri-se — com muitas cenas de realismo (que, embora de estúdio, podem provocar alguns ca-

belos em pé). Ao espectador habitual de cinema é um pouco difícil de entender um Sidney Poitier de casaca azulada e de pistola à cinta, no papel de um ex-sargento tornado negociante próspero de cavalos e outras mercadorias, capaz de domar cavalos ao mesmo tempo que a coluna de soldados inexperientes progride em direcção ao objectivo. Sentese que o actor está deslocado, que não é ele, apesar da sua naturalidade naquelas cenas. Dos outros intérpretes ingredientes do caso, pode dizer-se que têm misturado o sal necessário para que o prato não seja enosco.

O argumento de Marvin H. Aibert e Michael M. Grilikhes não contém grandes novidades, mas está bem urdido e adaptado a uma certa linguagem cinematográfica — exactamente aquela que diz alguma coisa a quem gosta de sentir-se comandante de patrulha ou grande chefe. Na plateia... — J. D.

• NO OLÍMPIA

Título — «Guerreiros do Sahara»
Realizador — James Reed, 1965
Interpretes — George Mikell, Pamela Tudor, etc.

No Olímpia, perante o público costumado, mais um programa de aventuras se estreou na passada segunda-feira. «Guerreiros do Sahara», uma realização de James Reed, conta-nos uma história desinteressante, passada no deserto de Sahara (uma evidência lapidária), entre os ataques dos árabes e a tração de um branco, enfim, com muita acção, muitos tiros, incoerência, pancadaria, fancaria, areia e ódis, e mais areia, e areia, muita areia, e algum sangue, um certo suor, etc., etc.

A publicidade afiança que se trata de «um ambiente apaixonante», onde «três homens e uma rapariga guiados no traço de deserto por uma personagem misteriosa caminham sempre avante para o desconhecido, na companhia do espectro da morte!» E' isso! Isso mesmo!... «O filme das aventuras inenarráveis!»

• NO IMPÉRIO

Título — «Kwaidan»
Realizador — Masaki Kobayashi, 1965
Interpretes — Rentaro Mikuni, Michiyo Aratama, Tassuya Nakada.

Anteestreado durante a semana de cinema japonês organizada pelo cinema S. Luiz em fins de 1967, «Kwaidan» acaba finalmente de ser posto à disposição de todo o público. Adaptado de quatro contos do escritor inglês Lafcadio Hearn, «Kwaidan» surge-nos como obra de excepção na filmografia de Masaki Kobayashi, autor dito por muitos (em França, por exemplo, onde a sua carreira é relativamente bem conhecida) como um artista essencialmente político, enfrentando politicamente os problemas do seu tempo e do seu país (ainda que por vezes o tenha feito actualizando determinados temas medievais relativos à época feudalista do Japão-samurai — caminho de que certamente os espectadores portugueses recordarão «Hara-kiri»). Visto por este prisma, «Kwaidan» surpreende. Surpreenderá ainda mais sabermos-lo extraído de quatro contos de um escritor ocidental, emigrado para o Japão, onde assimilou costumes, história e mentalidade, ali morrendo em 1904, depois de ter assumido o nome de Yakumo Kōsumi. De facto a película de Kobayashi mantém o dilema levantado pelo próprio Lafcadio: ser demasiado ocidental para ser tido como genuinamente japonês e sentir-se demasiado japonês para se saber ocidental. Longe da constatação surgir como uma crítica ao filme, o mistério deste carácter híbrido mais lhe adensa a própria essência: um maravilhoso, fantástico e poético de qualidade invulgar e de ressonâncias que, se atingem o inquietante, não deixam, contudo, de permitir um fascínio e uma beleza extraordinários.

Agrupando quatro episódios, quatro histórias fantásticas, resolutamente *surreais*, quer pelo ambiente, em que se inscrevem, quer ainda pelo tipo de imagética que nelas se reflecte, «Kwaidan» demonstra uma sensibilidade e um apuramento estilístico de um verdadeiro mestre.

Vejamos sucintamente os temas centrais dos quatro contos:

a) *Numa Chávena de Chá* (de todos o mais fraco e menos logrado, cinematograficamente): fala-nos de um samurai (Kannai) que ao beber chá vê reflectir-se no fundo da chávena o rosto de um homem. Essa aparição vai-se multiplicando

até se tornar obsessiva. A razão das visões é deixada em suspenso. Sabese que aquele é um conto não concluído pelo seu autor e quando o editor vai a casa dele buscar o original, não o encontra, acabando por ver reflectir-se no fundo de um recipiente o rosto do escritor desaparecido.

b) *A Senhora Yuki ou A Mulher de Neve* (este episódio é o seguinte parecem-nos as duas obras-primas de «Kwaidan»): conta-nos a história de dois lenhadores que no Inverno andam a apanhar lenha quando são surpreendidos por uma tempestade de neve. Então, Minokichi vê, estupefacto, o companheiro ser levado por uma mulher de neve que o mata com o seu sopro gelado. Quando se abeira, por sua vez, de Minokichi, e em virtude da mocidade e beleza daquele, poupa-o da morte, desde que ele não conte a ninguém aquela estranha visão. Durante muitos anos vive Minokichi feliz, acabando por casar com uma estrangeira de quem tem filhos, até que, um dia, ao contar-lhe o episódio, a mulher se revela como sendo a própria mulher de neve e desaparece...

c) *A Lenda de Hoichi, sem Ore-lhas*: igualmente admirável é esta história de Hoichi, um tocador de viola cego, que é escolhido, em virtude das suas qualidades extraordinárias, para ir cantar, todas as noites, a lenda do clã Heike, a uma estranha assembleia (que vem a saber-se ser afinal do próprio clã, desaparecido há séculos...). O episódio inicia-se com uma notável sequência da batalha naval onde o clã Heike havia sido derrotado pelo de Kentsi. A reconstituição feita simultaneamente através de pinturas da época e por imagens interpretadas por actores, adquire uma unidade de ambiente e de tom conseguida pela utilização de fundos cénicos (inclusivamente céus, nuvens, mares) e de nevoeiros coloridos que resultam de forma magnífica.

d) *A Ilusão ou A Reconciliação*: finalmente este episódio trata de um amor: um samurai caído em desgraça, resolve trocar a mulher que o ama, pela aventura do poder, casando para tanto com a filha de um nobre que se vem a revelar egoísta e insuportável. O jovem samurai arrepende-se então da sua desmedida ambição, regressa e vai encontrar a primeira mulher, entre as ruínas da casa. Deitam-se e, na manhã seguinte, apercebe-se de que esteve a dormir com um esqueleto...

«Kwaidan» desenvolve, assim, com inteira propriedade, uma das vias possíveis de um cinema de raiz fantástica, que tem na literatura o equivalente em Poe, Lautreamont, Kafka ou Lovecraft. E' um cinema e uma literatura que se encontram radicados em pesadelos e obsessões que, apesar de todo o seu carácter fantástico e maravilhoso, não deixam de pertencer ao mundo (ou mundos) do homem e da sua imaginação.

Concluindo, poderemos afirmar «Kwaidan» uma obra-prima, e como tal considerá-la de imprescindível visão para o espectador atento aos múltiplos aspectos do cinema contemporâneo.

LAURO ANTÓNIO

MASAKI KOBAYASHI



Nasceu no Japão, em Hokkaido, a 4 de Fevereiro de 1916. Em 1941 entra para o cinema como assistente de Kinoshita, trabalhando nos estúdios de Shoshiku. Em 1952 estreia-se na

A SAÍDA DA ESTAÇÃO DO ROSSIO...

Recebemos do sr. Alvaro Serrão da Veiga, da Amadora, a seguinte carta que publicamos para conhecimento das entidades interessadas:

«Para os que se servem dos comboios da linha de Sintra diariamente (e o signatário utiliza-os há mais de 20 anos) para se deslocarem a Lisboa, onde estão empregados, não é novidade saber-se que estão sujeitos a arelias, por se servirem dos mesmos. Os comboios não circulam segundo os horários previstos, as carruagens apresentam-se sujas e os funcionários nem sempre estão prontos a informar convenientemente. Há, também, que reccar as decisões que tomam nos momentos em que os passageiros são vítimas de situações, que não desejam e, que resultam, principalmente, de determinações da C. P. que já não se ajustam ao ritmo do tempo.

«Nalgumas carruagens estão afixados entre outros dizeres, o seguinte: «Se entrar e sair das carruagens rapidamente terá viagens cada vez menos demoradas e verá os horários cumpridos». Este condicionalismo, para o cumprimento dos horários, faz-nos sorrir. Como exemplo: será por os passageiros não entrarem e saírem rapidamente das carruagens que o comboio com paragem na Amadora e partida às 8 e 49 (raro é o dia que tal acontece, seguindo muitas vezes à sua frente a composição cuja circulação tem início nesta estação e partida às 8 e 58) chega e não é exagero dizer sempre atrasado ao Rossio?»

«A C. P. não basta que os bilhetes sejam revisados durante a viagem. É obrigatória a sua entrega, e os passes devem ser mostrados aos funcionários que estão junto às saídas da estação do Rossio e pelas quais os passageiros se esgueiram entre portas abertas. Foi por isso, que há dias, por só ter aberto a carteira, para mostrar o passe, a três passos de um dos referidos empregados, e por este não concordar com esta atitude e, por a essa distância não o distinguir bem, provocou a intervenção de um dos agentes da P. S. P. ali de serviço, para que eu voltasse atrás e lho mostrasse novamente.

«Porque há-de a C. P. exigir a entrega dos bilhetes e a apresentação dos passes se os mesmos já foram revisados? Porque não estão completamente abertas as portas da estação do Rossio, se isso poderia contribuir para o escoamento mais rápido dos passageiros que ali se comprimem? Não teríamos assim viagens menos demoradas? Não se evitariam, também, as situações desagradáveis como a que me atingiu? Que sensação experimentará um ex-passageiro da linha de Sintra, que passe a utilizar a do Estoril, no pri-

Dizem os leitores...

meiro dia da sua chegada à estação do Cais do Sodré? Bem andam necessitados de paz os que viajam na linha de Sintra!»

A FICHA NÃO DÁ ACESSO AO SERVIÇO DE URGÊNCIA

«Tenho um netinho com 3 anos que sofre de asma brônquica. No passado dia 23 teve um acesso que muito me assustou e como a médica assistente tinha ido ver um doentinho, não esperei e recorri ao Hospital da Estefânia, que, desde a minha mocidade, ouvi dizer que era para as crianças, e qual, não foi o meu espanto por não me quererem ver o menino, pois não pertença àquela área, porque moro em Alvalade e pertença a Santa Maria. Em casos de urgência estará certo? O mais interessante é que quando eu disse que o menino já tinha ficha, foi-me respondido que para consulta podia lá ir, mas para serviço de banco não. — Rita Muto — Lisboa.»

HOMENAGEM A MEMÓRIA DO PROF. POMERAT na Sociedade de Ciências Veterinárias

Amanhã, pelas 21 e 30 horas, na sede da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, a sr.ª dr.ª Maria Teresa Furtado Dias, Chefe de Serviço do Laboratório de Patologia Experimental do Instituto Português de Oncologia, falará sobre o prof. Charles Marc Pomerat, evocando a figura de homem e de cientista do sãudo sócio correspondente estrangeiro e membro de honra daquela Sociedade.

Nessa ocasião será decorado pela oradora o retrato do prof. Pomerat.

Morreu queimada uma criança de 2 anos

OLIVEIRA DE FRADES, 29 — Maria do Rosário Lopes da Silva, de 2 anos de idade, filha de Camilo Ferreira da Silva, de Travanca, freguesia desta vila, estando, com outra criança, a fareira, para se defender do frio, tanto se aproximou do lume que este pegou-se-lhe ao vestido e a queimou de tal maneira que ela faleceu poucas horas depois.

PROVA DE SABRE NA ACADEMIA MILITAR

Realiza-se no próximo dia 2 de Março, pelas 15 horas, no ginásio da Academia Militar, uma prova de sabre para disputa da «Taça Académica Militar», instituída pela Sala de Armas daquele estabelecimento de ensino.

OS HOQUISTAS DO F. C. PORTO NO FUNCHAL

FUNCHAL, 28 (L.) — De acordo com as negociações efectuadas para as transferências dos hoquistas Ricardo e Castro, do Clube Sport Marítimo para o Futebol Clube do Porto, os dirigentes dos dois clubes vão, brevemente, entrar em contacto a fim de tentarem chegar a um acordo quanto à deslocação da turma principal de hóquei em patins do F. C. Porto à Madeira.

Ao que parece, as diligências efectuadas até agora prevêm a deslocação dos norteños ao Funchal, onde realizarão dois jogos com a turma do Marítimo, para depois da realização do Campeonato do Mundo da modalidade.

No CARREGADO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA VIO-LANTE

O SEBASTIANISMO E NÓS

(Continuação da 1.ª página)

o sistema de ideias patrióticas que desde o século XVI tinha dado vida à Nação — rebentava em soluços, buscando no seio da Natureza, onde se acolhia, uma salvação que não podia esperar mais das ideias, dos sistemas, dos heróis, nem dos reis em quem tinha confiado por dois séculos. A obra temerária dos homens caía por terra; e o povo, abandonado e perdido, abraçava-se à Natureza, fazendo do lendário D. Sebastião um génio, um espírito — e da sua história um mito».

Desde então, bem se pode afirmar que o sebastianismo ou, mais genericamente, o fenómeno messiânico em Portugal, não deixou de estar no horizonte da nossa cultura, como uma preocupação, por vezes, quase obsidiana. Na esteira de Oliveira Martins, mas guinando para outro rumo, Sampaio Bruno em *O Encoberto* (1904) carregou importantes achegas, especialmente de natureza bibliográfica, para o esclarecimento do problema; Lúcio de Azevedo delineou a origem e a evolução do mito (1918) e António Sérgio, quase no início da sua doutrinação pedagógica e cívica, contestou boa parte dos assertos do autor da *História de Portugal* e buscou equacionar o problema de outro jeito. Segundo ele, o sebastianismo, em vez de mergulhar as raízes num hipotético «espírito rácico português», teria sido «um fenómeno social e intelectual», cujo condicionalismo se reduziria, ao cabo, à «existência do cristão novo, comprimido, ansioso de redenção», responsável pelo fenómeno propriamente messiânico, o qual foi adoptado, com feição própria, pelo povo português em dadas condições da sua história: a iminência da perda da independência nacional, a morte de D. Sebastião. «Essas condições», afirmou o ensaísta, «vêm a resumir-se, para falar como os teólogos, numa consciência de «queda», acompanhada da falta de verdadeira independência; com a persistência de tais condições, vemos seguir paralelamente a da tradição do bandarrismo». E concluiu: «O messianismo terá vida (ou poderá tê-la) enquanto se impuser a este povo, para comparar e contrapor à sua efémera grandeza o espectáculo persistente da sua lúgubre decadência».

Entrementes, o mito sebastianista ou o do Quinto Império vicejava, como que re-moçado pela alquimia da escrita literária, nas mãos de poetas, tais como António Nobre, Teixeira de Pascoais e Fernando Pessoa, entre outros. A *Mensagem*, único livro poético de Pessoa, publicado em sua vida data de 1934, e radica no «nacional-

lismo místico, sebastianismo racional» que, a par de muitas outras coisas menos inocentes, também o autor ensaiou.

A duração histórica do mito, conquanto sujeito a metamorfoses e ressurgências epocais, permitiu que um historiador como João Lúcio de Azevedo fosse levado a concluir que o sebastianismo, «nascido da dor, nutrido-se da esperança, é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa».

Posto desta maneira o problema, a quem o estude com o cunho da objectividade, logo se lhe depararão as dificuldades de toda a espécie que ele implica. Mais uma razão, alegariamos, para que busquemos equacioná-lo na esperança de cingirmos — ou de darmos um passo nesse sentido — o esquivo fenómeno, tão característico da vida portuguesa, a partir de meados do século XVI.

NEM só o povo hispânico do século XVI prestava tento às profecias antigas e coevas: elas lavravam também para além dos Pirenéus, como o ilustra o caso de Nostradamus (1503-1566).

Em Castela, as profecias atribuídas a S. Isidoro de Sevilha (século VII) assim como as suas paráfrases quinientistas de Rocacelsa e de Pedro de Frias eram escutadas pelo povo inerme de então, num frémito de vaga esperança. Quando, pois, de 1530 a 1540, o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Anes, conhecido pelo Bandarra, após longas e continuadas leituras da Bíblia, improvisa as suas Trovas, que tanta fortuna viriam a ter, o que aí se verifica é tão-só mais um caso de profetismo, ao nível popular, perfeitamente natural na ambiência mental da centúria, cujas raízes mais fundas ou mais próximas são conhecidas: a tradição bíblica pela convergência das vias cristã e judaica; o exacerbamento do messianismo judaico ante as condições adversas criadas na Península pela política anti-hebraica de Espanha e Portugal; a criação castelhana do mito do Encoberto após o esmagamento das Germanias de Valência (1519-1522)

e do seu chefe, Vicente Pérez, o que, no contexto da história social hispânica, consagra a vitória da aristocracia sobre a incipiente burguesia e o povo miúdo de então, tema a que reverteremos.

Com efeito, as *Trovas* circularam em cópias manuscritas, primeiramente, entre os cristãos-novos de Trancoso, de Lisboa e, por fim, de todo o Reino, que nelas entreviam uma mística que era sua. Os hebreus tornaram-se nos seus mais ardentes propagandistas, o que explica a intervenção do Tribunal do Santo Ofício (1540) que proibiu as profecias, pelo que nelas haveria de judaísmo larvar, e condenou o seu humilde autor a não mais escrever, nem ler, nem divulgar matérias tocantes à Bíblia.

Mas que profetizava, afinal, o vidente popular? Num linguagem impregnada de reminiscências bíblicas, vaticina, ao fim e ao cabo, o surto

Desse bom Rei Encoberto

que porá termo à injustiça e aos desaguisados do Mundo, o qual, imperador dos outros reis.

Tirárá toda a Erronia, Fará Paz em todo o Mundo.

Era, na verdade, a ressurgência em terras de Portugal do mito judaico do Quinto Império, ao nível da mente de quem o entrevia e propunha. Em si mesmo, facto sem consequências apreensíveis, que, segundo toda a verosimilhança, nem sequer terá sido singular. Assim teria pensado a Inquisição que recambiou o profeta popular para a sua tripeça, sem prestar mais atenção ao caso.

Simplesmente, as circunstâncias nacionais, a partir dos meados do século — a viragem da estrutura (1545-1552), a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir (1578) e a anexação de Portugal pela Espanha — ascenderam, das cinzas em que jazia, a esperança mística da revelação do Encoberto.

É que o Encoberto era, afinal, o jovem rei, sumido nas plagas marroquinas! As *Trovas*, mais ou menos popularizadas, com a sua linguagem de teor anfibológico, à maravilha de adaptavam aos anseios daqueles que queriam travar acontecimentos que, de outra forma, se diriam inelutáveis...

O Prior do Crato fora derrotado, como fora definitivamente dominada «aquella canalla», nos termos de Faria e Sousa, «que seguia a D. António, i atropellando toda la razon i toda la orden se acabaran de confundir, i en Santarém le saludáram Rey»; Mateus Alvares, filho de um pedreiro,

que se fez passar por D. Sebastião redivivo, fora esmagado às portas de Lisboa, na Ericeira, à frente dos seus passante de mil «súbditos» por «quatrocentos soldados castelhanos bem armados para fazer a diligência» (1585); não tivera consequências de maior o D. Sebastião de Pénamacor (1584) e Marco Túlio, o aventureiro calabrês... Pois não lhe prestou vassalagem total o desenganado D. João de Castro, esse que, na expressão de Oliveira Martins, se tornaria no S. Paulo da «religião» sebastianista?

INCANSAVELMENTE, nas agruras do exílio e da miséria, D. João de Castro estuda as Trovas, interpreta-as com fina casuística, ajeta-as ao seu sonho de desesperado: o Bandarra previra não só a catástrofe mas também a salvação. É que D. Sebastião não morreria nem poderia ter morrido! Era o pobrezinho do calabrês perseguido, naturalmente, pelos grandes da Terra, ciosos do milagre que tal sobrevivência já representava e das proezas que o «Rei» teria de levar avante... É um sonho espantoso pela intensidade e pela duração, documentado pelas páginas que incessantemente escreveu (conservadas na Biblioteca Nacional), das quais se deu a lume, por falta de pecúnia, o Discurso da Vida do Sempre Benvido e Aparecido Rei Dom Sebastião (...) e a Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso.

Com a sua morte, o sonho sebastianista de D. Sebastião propriamente dito, em sua pessoa redivivo, desvanecia-se aos poucos.

Mas eis que, em 1624, Manuel Bocarro publica *Anacephaleosis da Monarquia Lusitana*, logo apreendida, e perseguido o autor. É que, bem consideradas as coisas, o Encoberto seria, afinal, o duque D. Teodósio, da poderosa Casa de Bragança! Depois, falecido o duque, sem que tivesse havido ensino para que se descobrisse como quem era, as trovas do Bandarra, bem interpretadas, o que anunciavam, isso sim, era o fim do domínio castelhano e a entronização do restaurador D. João IV!

Segundo assevera João Lúcio de Azevedo, que vimos seguindo, então, «as Trovas eram livro que em cópias manuscritas, andava em mãos de toda a gente, lido, relido, decorado e discutido». Eram como que a consagração sobrenatural dos feitos da Restauração: pois no dia da aclamação de D. João IV, não estivera exposta na Sé, como se de um santo se tratasse, a imagem do Bandarra?

JOEL SERRÃO

O EMBAIXADOR DO URUGUAI entregou credenciais

No Palácio de Belém, o sr. Presidente da República recebeu, hoje de manhã, em audiência solene, o novo embaixador do Uruguai no nosso País, sr. Filipe Amorin Sanchez, que lhe fez entrega das respectivas credenciais.

O sr. Filipe Amorin Sanchez, chegou às 11 horas ao Palácio de Belém. Na Sala das Bicas, onde se perfilavam soldados também da G. N. R. de espada desembainhada o sr. comandante Guilherme Tomás, ajudante de campo do sr. almirante Américo Thomaz, recebeu o novo diplomata e sua comitiva e introduziu-o na sala Luís XV, onde o sr. Presidente da República o recebeu, encontrando-se presentes os srs. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador José Luis Archer e dr. Luís Pereira Coutinho, secretários-gerais daquele departamento do Estado e da Presidência da República; general Humberto Pais, chefe da Casa Militar e tenente-coronel Freitas do Amaral e comandante Benvido da Fonseca, oficiais às ordens do Chefe do Estado.

Ao proceder à entrega das cartas que o acreditam como embaixador junto do nosso Governo, o sr. Filipe Amorin Sanchez, dirigiu saudações ao Chefe do Estado que agradeceu.

DESPEDIDO... POR TRABALHAR DE MAIS

LOURENÇO MARQUES, 29. — (L.) — O Sindicato dos Condutoras de Joanesburgo expulsou o português João Trindade Gonçalves da Cunha, que há nove anos se fixou na África do Sul, porque o imigrante, contrariamente ao estabelecido por aquele organismo, fazia mais do que 24 horas extraordinárias por semana, segundo notícia o jornal «Sunday Times».

Em declarações prestadas aos jornalistas, o nosso compatriota, que se afirma decidido a lutar por uma vida cada vez melhor, mesmo que para isso tenha de «trabalhar de dia e de noite», revelou que tencionava escrever, expondo as suas razões, ao ministro sul-africano do Trabalho.

As qualidades de João da Cunha são, aliás, sobejamente abonadas pelo próprio director adjunto dos Serviços de Transportes de Joanesburgo que, também em declarações ao «Sunday Times», afirmou: «Durante os seus três anos de serviço, Cunha nunca faltou ao trabalho um só dia e nunca esteve doente; era um empregado perfeito e completo. Mas não podemos dar trabalho a quem não seja sócio do Sindicato».

EM TRÊS LINHAS

O dr. António Correia de Barros, professor efectivo do Liceu Nacional de Setúbal, foi nomeado para exercer em comissão de serviço, a funções de adjunto do provedor da Casa Pia de Lisboa, vago em virtude da exoneração concedida ao dr. Miguel de Sá da Bandeira.

///

Foi prorrogado, até 31 de Dezembro deste ano, o prazo para conclusão das obras do conjunto restaurante-bar e instalações de praia artificial e de desportos náuticos a levar a efeito pela Junta de Turismo do Furdouro na ria de Aveiro (praia do Areinho).

///

Foi mandada extinguir a instituição de assistência particular denominada «Comissão de Beneficência da Freguesia das Mercês», de Lisboa.

///

O dr. Carlos Manuel Jardim da Costa Mota foi contratado para o lugar de médico da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

C E D E - S E

MELHOR POSIÇÃO EM GARAGEM COM STAND DE EXPOSIÇÃO E OFICINAS EM ÓPTIMO LOCAL

CARTA A S. 1007, HAVAS, RUA AUREA, 242 — LISBOA

BALMANYA no BARCELONA

Na tentativa de alcançar um prestígio que já teve ao nível internacional, o Barcelona acaba de firmar contrato com o actual seleccionador nacional de Espanha, Domingo Balmanya, para as funções de secretário técnico do poderoso clube catalão.

Balmanya, que já anunciou a sua saída do cargo de seleccionador, em Junho próximo, deverá a partir daquele mês iniciar a sua actividade no Barcelona.

A notícia, de que a Imprensa espanhola fez eco, foi confirmada pelo presidente faraltonista D. Narciso Caseras, numa reunião de Imprensa, promovida pelo Círculo Catalão de Barcelona.

A SITUAÇÃO DOS VETERINÁRIOS FOI HOJE VENTILADA NA ASSEMBLEIA NACIONAL

«Está a extinguir-se no País a classe dos veterinários» — disse o deputado Lopes Frazão

Na Assembleia Nacional prosseguiu, esta tarde, o debate sobre as Contas Gerais do Estado, tendo usado da palavra os deputados rev. Barros Duarte (Timor) e eng. Sousa Magalhães (Porto).

Antes da «Ordem do Dia», o sr. eng. André Navarro (Lisboa) teve algumas considerações sobre a expansão do mundo comunista, analisando alguns aspectos da presente situação internacional.

Seguidamente, o sr. dr. Santos Bessa (Coimbra) chamou a atenção para o uso e abuso de pesticidas na agricultura, «o que concorre para afectar a saúde da comunidade».

Usando da palavra, o deputado Teófilo Lopes Frazão, numa intervenção sobre veterinários municipais, afirmou que a situação destes «era, sem sombra de exagero angustiosa e insustentável».

«Têm sido muitas, e até opostas nos seus critérios — disse —, as soluções apontadas para resolver essa situação caótica, testemunho da queda acentuada de uma classe, hoje em franca tendência para a extinção, e de que a vida económica nacional tem tanta necessidade

pela exigência de uma pecuária que se precisa seja altamente qualificada, o que nunca será possível sem técnica e sem investigação».

— Se continuarmos — prosseguiu — com a nossa veterinária marmada, tal como se encontra, ou temos mesmo que passar sem ela, o que por concepção não me parece possível, ou, então, ver-nos-emos obrigados a recorrer a técnicos estrangeiros, o que afinal já hoje se vai vendo, infelizmente, com frequência, e isto tão-só por serem cada vez menos os técnicos nacionais. Além disso a nossa formação profissional tem sido extremamente precária, sem a conveniente qualificação para uma cobertura perfeita, conducente a uma assistência efectiva e a uma investigação aprofundada e intensa. A humildade do exercício, por humilde a matéria

sobre que é executado, e a sua extrema rudeza, isso aliado a uma baixa remuneração são motivos de nenhuma atracção sobre a nossa juventude estudantil em busca de uma carreira. Assim é que de uma média anual de 33,1 diplomados, baixou-se para a de 11,5, de 1956 a 1966, e, nos dois últimos anos, essa média diminuiu ainda mais, caindo para 7. O que são 7 veterinários licenciados por ano?

Finalmente, o deputado Horácio Silva (Angola) ocupou-se do povoamento ultramarino.

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se no RESTAURANTE REGIONAL, no CAFÉ CONCHADA, no CAFÉ A BRASILEIRA, na PASTELARIA IMPÉRIO e no CAFÉ RITZ.

COURTELLE

EM FOCO



Porque a vida moderna
não pára...
COURTELLE...
procura antecipar-se
às necessidades
e preferências
do Homem actual!
Com toda a sua inigualável
qualidade...
COURTELLE é anti-ruga,
anti-traça, não faz borboto,
lava-se e seca num instante.
Mas acima de tudo...
COURTELLE veste
o Homem moderno
de acordo com a imagem
que ele prefere!
Já reparou?
Há sempre um olhar
especial
para **COURTELLE**.
Confirme.
COURTELLE em foco.



COURTELLE

A FIBRA DE ETERNA JUVENTUDE

CENTRAIS DE CAMIONAGEM—5

ALCÂNTARA E OS PROBLEMAS DO TRÂNSITO PELA PONTE E DA REDE DE METROPOLITANO

O facto de a ponte sobre o Tejo estar concluída e em funcionamento, embora esta não tenha atingido os limites de funcionamento que são de prever levou as entidades responsáveis pelos problemas de trânsito a criar em Almada e em Alcantara as duas primeiras estações de camionagem existentes no País. É certo que elas não podem ser ainda consideradas como verdadeiras unidades do género, razão, talvez, que levou a chamar-lhes estações-piloto, na medida, ainda, em que servem de base de estudo para as futuras instalações daquele tipo.

A linha definida pela ponte, na cidade, constitui, aliás, a sua espinha dorsal, no futuro, como ainda há dias o leitor pôde ver através do Plano Director da Região de Lisboa, publicado pelo nosso jornal.

Não admira, assim que, definida em termos de futuro, tudo quanto se encontra situado sobre essa espinha dorsal que atravessará Lisboa como meio de ligação entre o Norte e o Sul seja objecto de atenções especiais. Parte dessa via encontra-se concluída, embora na pequena parcela respeitante à zona de acessos, em Lisboa e na Outra Banda.

Quando a parte restante estiver concluída constituirá um importante canal de drenagem do trânsito que entra na capital, através das Portas de Benfica.

Essa entrada de Lisboa, que agora é um autêntico quebra-cabeças para toda a gente, passará a ter vida mais desafogada, embora a existência dos eléctricos e a própria largura da Estrada de Benfica, continuem a ser sempre razão de problemas de trânsito de veículos e peões.

A este assunto voltaremos no próximo e último artigo, uma vez que este aspecto do assunto que tratamos se encontra estreitamente ligado ao problema das estações centrais de camionagem de Benfica.

• Duas obras

A pressa com que teve de ser terminada a ponte e a não correspondência, em ritmo, das obras anexas, levou a deixar menos do que macabadas as obras dos dois pontos de coordenação de tráfego criados em cada uma das margens do rio.

Muito se tem clamado contra a falta de comodidades para o público verificada nas estações de Alcantara e Almada, inconveniente esse aceite pelos próprios técnicos, intervenientes na concepção e manutenção daquelas unidades.

Pois esses inconvenientes vão agora ser abreviados com a melhoria das instalações, embora essas obras não tenham carácter definitivo.

Para um e outro caso o Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres, do Ministério das Comunicações, já criou os res-

pectivos projectos e verbas, obtendo para essas realizações o acordo da Camara Municipal de Almada, esperando-se para breve o acordo da de Lisboa.

Assim, no próximo mês, começarão na Outra Margem, no Cen-

REPORTAGEM DE Luís d'Oliveira Nunes

tro de Coordenação de Almada, as obras de pequenas instalações cobertas.

Os mil e oitocentos contos destinados a este empreendimento cobrem obras recentemente executadas (reforço de pavimentos) no Centro de Coordenação de Almada e na E. C. C. da Costa da Caparica e ainda umas pequenas

EM ALMADA COMEÇAM NO PRÓXIMO MÊS AS OBRAS DE ACABAMENTO DO CENTRO DE COORDENAÇÃO QUE IMPORTARÃO EM 1800 CONTOS

instalações cobertas a executar nas duas estações.

Também em Alcantara deverão começar em breve obras idênticas, com a construção de um pequeno edifício onde o público se possa acolher, com salas de estar e instalações sanitárias, além de bilheteiras, de forma que se crie um mínimo de comodidades. Assim se pretende assegurar, durante alguns anos, com o mínimo de condições que aquelas duas estações desempenhem o importante papel que o futuro lhes reserva. Será então necessário, nessa altura, construir ali uma importante infra-estrutura centralizadora de transportes, onde se reunirão os autocarros, o metropolitano e o caminho-de-ferro.

• Razões

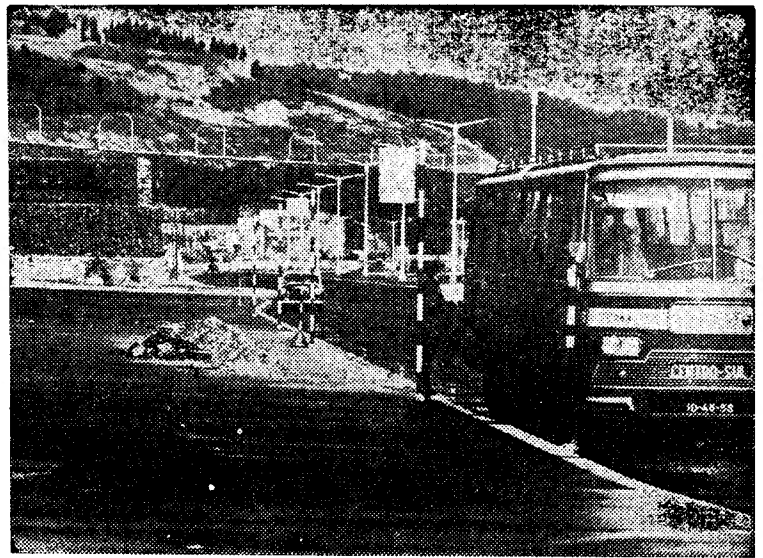
É sabido que nestes artigos não foi considerada uma importante entrada de Lisboa — a que, pela Marginal, para aqui orienta todos os que trabalham ou residem na Costa

do Sol. É que essa entrada é fundamentalmente feita através do caminho-de-ferro da Sociedade Estoril, além dos veículos particulares que se deslocam num e noutro sentido.

Neste caso, pois, ao falar de camionagem de transporte público ela não tem razão de existir. Mas existe, e tem de ser considerada, do ponto de vista da entrada de veículos automóveis na cidade, em especial a partir do momento em que entrou ao serviço do público a Avenida Gulbenkian, que liga o Vale de Alcantara, através da Avenida de Ceuta, com a Avenida de Berna. Assim, os automóveis particulares que venham da Costa do Sol pela Marginal e se dirijam ao Norte da cidade não precisam de atravessar esta por dentro, como amanhã não precisam de o fazer todos os que se dirijam, através

do mesmo caminho, para a auto-estrada do Norte (Vila Franca de Xira).

Em relação à central de camionagem de Alcantara, o problema deverá ser visto somente do ponto de vista dos transportes colectivos rodoviários feitos através da ponte. É sabido que esse transporte, feito pela C. C. F. L. nos seus autocarros e por empresas associadas da margem Sul do Tejo, é por enquanto de reduzido valor. Mas é de prever que daqui a alguns anos, com o desenvolvimento de toda a península de Setúbal, a urbanização de Almada e a melhoria da rede de transportes entre todas as localidades daquela margem do rio, este transporte colectivo de passageiros venha a aumentar substancialmente. Não, claro, que deixe de se fazer pelos «cacilheiros», sabido que a gente do Barreiro e vilas limítrofes, como a de



O público aguarda que em Alcantara, no local onde chegam e de onde partem as camionetas de passageiros que atravessam a ponte, apareçam em breve as adequadas instalações para acolher o público. Há verba e há projecto. Só falta vencer a burocracia.

Cacilhas e mesmo a de Almada, que trabalhe no centro da cidade, há-de preferir o barco, por ser mais rápido e mais económico meio de transporte.

• Ponto de passagem

Essa é uma das razões que justificam se tenha protelado para mais tarde a construção definitiva da Estação de Alcantara.

Mas outra, não menos importante, embora complementar, é a da extensão da rede do metropolitano até Alcantara.

Enquanto esta se não fizer (daqui a dez anos?) é ocioso pensar que o tráfego de passagem colectiva na ponte possa atingir números substanciais, apesar dos passageiros poderem ser encaminhados, por autocarros da Carris, através da Avenida Gulbenkian, para uma zona onde existe já a linha de metropolitano que rapidamente os pode colocar no centro da cidade. Alcantara servirá, assim, durante algum tempo, apenas como ponto de reunião do tráfego vindo da ponte, estando apta, ao mesmo tempo, a servir como escoadouro de veículos para o norte da cidade.

Para já está delimitado em Alcantara, na Avenida de Ceuta, em frente da estação do caminho-de-ferro, um vasto terreno, que custou seis mil contos e servirá para a central do futuro.

Para ali estão calculadas, quando a prevista linha de caminho-de-ferro atravessar a ponte, algumas grandes obras, entre elas a ligação, por escadas mecânicas, dos vários pisos em que ficará seccionada a grande central que reunirá o caminho-de-ferro da ponte, o ramal portuário, que vai a Campolide e pode dar ligação a todo o País, a linhas de metropolitano para toda a cidade, as camionetas de passageiros que vão para o sul do País e os autocarros que igualmente hão-de servir, em substituição dos eléctricos, as outras zonas da cidade.

Como se resolveu, para já, igualmente, com carácter provisório, o problema da entrada no centro da cidade dos passageiros vindos pela

A SEGUIR: Em Palhavã surgirá este ano uma central provisória.

O Senhor
Roger Bloch

utilizou
item

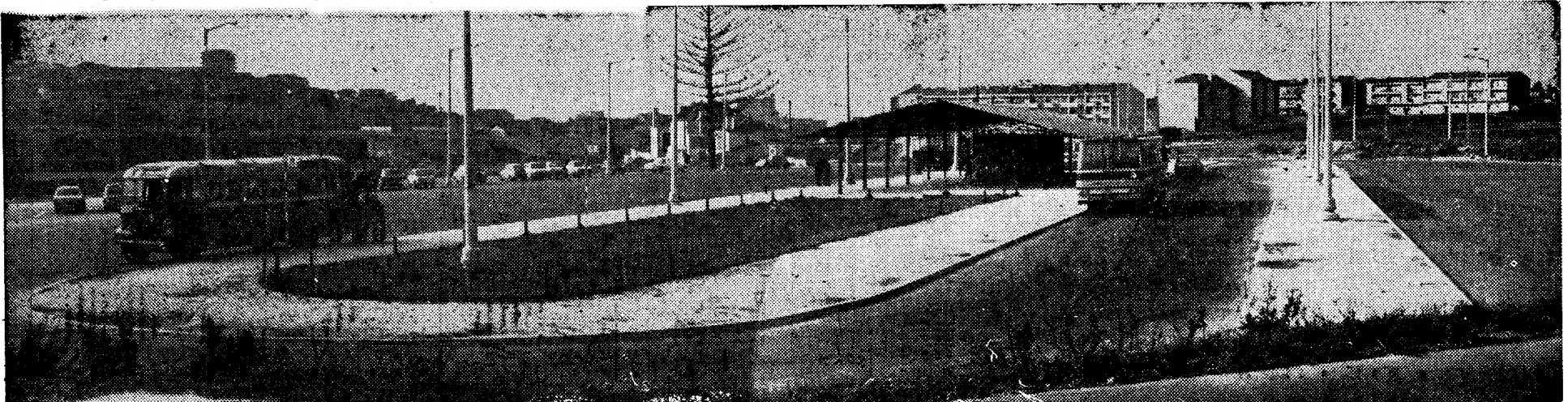
Atestado de Louis Chopard - Notário em
Lausanne - (Suíça)

Deve fazer
como ele!

Peça folhetos a:

**COLIM — SOC. COSMÉTICO
FARMACEUTICA, LDA.**

Porto: Rua da Alegria, 181
Lisboa: Rua da Madalena, 182

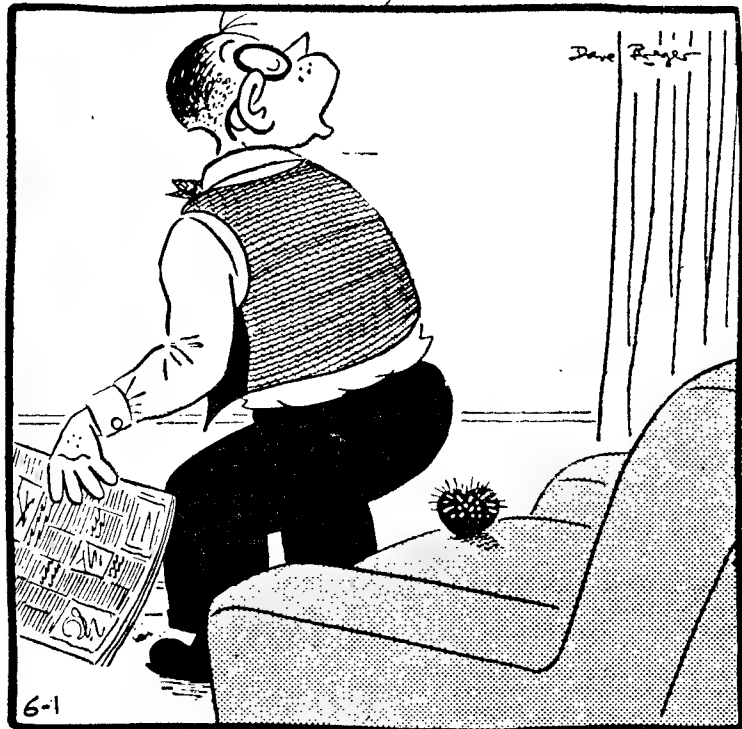


É nesta zona, denominada Centro de Coordenação de Almada, que começarão no próximo mês algumas obras, para efectivação das quais foram destinados um total de mil e oitocentos contos. A Camara Municipal de Almada já deu a sua concordância ao projecto, esperando-se que a de Lisboa faça outro tanto, em relação com as instalações provisórias de Alcantara.

PEQUENO

MAGAZINE

CARREIRAS AÉREAS



— Não, querida, não vi onde deixaste a tua almofada de alfinetes ..

CURIO-
SIDADES

● Perigos do alcoolismo

Segundo investigações feitas pelo dr. Gunnar Lundquist, médico-chefe da clínica para alcoólicos no Hospital Karolinska de Estocolmo, cerca de dez por cento das pessoas que bebem em demasia estarão sem vida dentro de cinco anos — caso persistam no abuso da bebida. O referido estudo incidu, durante cinco anos, sobre 100 indivíduos, todos de boa posição na classe média alta, que se apresentaram, voluntariamente. Doze deles faleceram em consequência do excesso de bebidas alcoólicas.

Entre a causa das mortes estão doenças de fígado, acidentes ou suicídios. Se o alcoólico, entretanto, se abstém, ou mesmo reduz o consumo de bebidas fortes, o risco de vida diminui em proporção.

Facilidades da P. A. A.
para visitas
aos Estados Unidos

Os viajantes europeus terão, agora, um estímulo para visitar os Estados Unidos da América do Norte, por meio de um plano de «cartões de desconto» da P. A. A., pelo qual são concedidos descontos substanciais nos preços de diversos artigos e serviços naquele país.

Depois da redução do custo dos passeaportes, nos Estados Unidos, segue-se esta oferta da Pan American, na Europa, iniciativa do maior interesse para os passageiros que utilizam as carreiras dos já famosos «Clippers», para a América do Norte.

O programa do «cartão de desconto» visita os Estados Unidos, da Pan American proporcionará aos europeus descontos que vão de 10 a 40 por cento sobre os preços das acomodações nos hotéis, das refeições em restaurantes, nas compras nas grandes armazéns, etc.

Qualquer europeu obterá, mediante a apresentação do seu passaporte, em qualquer escritório de vendas da P. A. A. ou das agências de viagens, na Europa, um cartão que lhe permitirá obter esses sensacionais descontos.

— É de prever, que por meio deste programa, será financeiramente, possível a visita aos Estados Unidos de mais alguns milha-

res de europeus no corrente ano — declarou o sr. Norman Blake, vice-presidente da P. A. A. para o tráfego e vendas. — O custo da visita de um europeu será consideravelmente reduzido pela utilização do plano de cartão de desconto; os hotéis, os grandes armazéns, as agências de aluguer de carros e os restaurantes contam-se entre as maiores organizações que concedem descontos aos visitantes — esclareceu o sr. Blake, que afirmou depois, possuírem os escritórios da P. A. A. as listas de todas as firmas que concedem os respectivos descontos.

A iniciativa foi lançada, além de Lisboa, noutras capitais europeias, entre as quais Paris, Frankfurt e Londres.

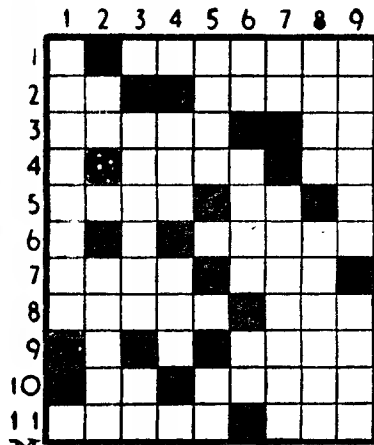
«Diário de Lisboa»

Fizeram referências ao «Diário de Lisboa» ou transcrições os nossos prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário do Alentejo», «O Lobito» (Angola) e o «Comércio do Sul», de Faro, onde, também, o sr. dr. Vergílio Passos se ocupou do nosso inquérito sobre o Ensino Liceal.

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4744



HORIZONTAIS: 1 — Infausto. 2 — Preposição. Separe. 3 — Imparcial. Quinhentos e cinquenta em romano. 4 — Lugar onde se secam e malham cereais. Preposição e artigo. 5 — Divertimento. Nôva. 6 — Quando não. 7 — Aguça. Consentimento. 8 — Simples. Maior. 9 — Desarranjo mental. 10 — Prefixo de negação. Substitui. 11 — Propício. Pega.

VERTICAIS: 1 — Quebram o jejum. 2 — Mulo. Afortunado. 3 — Acompanhar. Em a. 4 — Parente. Preposição e artigo (pl.). 5 — Dar crédito. Pedra de moinho. 6 — Pertences. Estímes. Pronome pessoal. 7 — O lado do vento (naut.). Movimentada. 8 — Nome de mulher. Namora. 9 — Diligente. Fronteira.

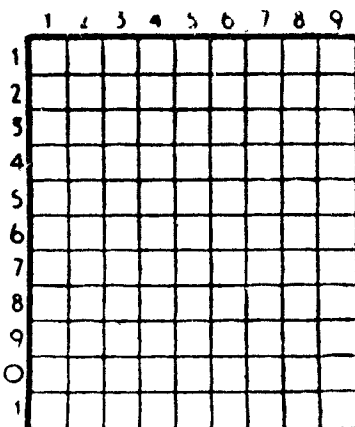
Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4743

HORIZONTAIS: 1 — Chapos. AC. 2 — Adir. Aio. 3 — Roa. 4 — Amor. QUEM. 5 — Lá. Anura. 6 — Ala. Als. 7 — Reveste. 8 — Abofetel. 9 — Nô. Ago. Gr. 10 — CHORA. Are. 11 — Amam. SEU.

VERTICAIS: 1 — Solamancia. 2 — Há. MAL. Bohr. 3 — Adro. Aro. Om. 4 — PIORA. Elara. 5 — Ara. Navegam. 6 — Quieta. 7 — Alufise. As. 8 — Ai. Er. Tigre. 9 — Colmate. Réu. (Provérbio: QUEM CHORA SEU MAL PIORA).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8588



HORIZONTAIS: 1 — Ilha da República da Indonésia no arquipélago de Sunda. Burla (Pop.). 2 — Larva dos feridos dos anemais. Maior. 3 — Troça. Oceano. Em partes iguais. 4 — Moeda de prata espanhola. 5 — Tumulo. 6 — Pronome pessoal. Letra grega. 7 — Repenicas. 8 — Venera. 9 — Abreviatura de Santíssimo. Patrão. Cloro (s. q.) 10 — Nome de vários papas. Abreviatura de página. 11 — Rio da China. Língua vernácula ndiana.

VERTICAIS: 1 — Pragas. Pequena lousa. 2 — Apelido. Preposição. Consentimento. 3 — Futil. Sova. O sono dos crianças. 4 — Palavra galega que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses. Passada. 5 — De alto preço. Cabeleira. 6 — Sistema montanhoso de Marrocos. Cincha. 7 — Grande ribeira da Ásia Russa. Dá marrocos. Prastodímio. (s. q.) 8 — Bateia. Distrito da Índia Portuguesa. Tomba. 9 — Guarnição de arames. Salgação.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8587

HORIZONTAIS: 1 — Agar. Paços. 2 — Camaradas. 3 — Oral. Como. 4 — Roda. Oras. 5 — Ta. Or. 6 — Tá. Mia. Ai. 7 — Camas. 8 — Marraries. 9 — Lá. Ni. 10 — Mito. Fará. 11 — Mãos. Alai.

VERTICAIS: 1 — Agar. Tom. MM. 2 — Garoto. Alia. 3 — Amada. Crato. 4 — Rala. Mar. Os. 5 — Limar. 6 — Paço. Aar. Fa. 7 — Adoro. Sinal. 8 — Câmara. Aíra. 9 — Osos. los. Ai.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Barreiro, no Posto de Venda, junto ao Café Tico Tico, até às 20 horas.

COFRES-MEALHEIROS

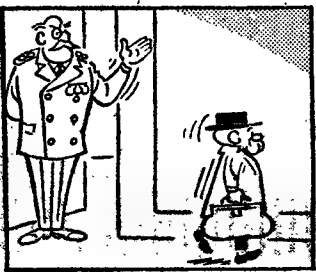
JURO

0%

isento de
imposto
complementar



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

AVENTURAS
DO TIO
CARLOS

NOS JOGADORES DO SPORTING UMA ESPERANÇA: RECUPERAR

(Continuação da 1.ª página)

vesse sido adverso e tomado até uma expressão que de certo modo compromete as aspirações da turma, nem por isso a comitiva leonina escondia a esperança de que em Lisboa, no encontro de «volta», se rá possível a anulação dos três golos de vantagem com que os helvéticos se apresentaram em Alvalade, o que aliás não seria proeza inédita, pois que no seio do clube verde-branco vive a recordação da sensacional recuperação frente a uma equipa mais cotada como a do Manchester.

Apreciável grupo de famílias e amigos aguardavam a embaixada do Sporting. Na antegare, viam-se o presidente do Sporting, dr. Brás Medeiros, acompanhado pelo dirigente Borges Leal, assim como Afonso Lacerda pela Federação e Silva Santos pela A. F. L.

Todos queriam saber pormenores e o dr. Pereira da Silva, dos primeiros a desembarcar, apressou-se a satisfazer essa ansiedade:

— O Zurique jogou com uma velocidade espantosa, a que aliou considerável felicidade com lances de ressaltos, quase todos ganhos por «eles». Têm uns extremos rapidíssimos e constituem uma equipa do tipo do Celtic que todos recordamos, e vimos em Lisboa. Depois quando o Sporting começou a equilibrar o jogo, e começou a desenharse possibilidade de obtermos um golo, não só surgiu a lesão de José Carlos, como apareceu o 3.º golo dos suíços.

E o dr. Pereira da Silva concluiu:

— O Zurique constitui uma equipa de excelente índice físico e servida por jogadores duros que correm durante hora e meia. Que fizeram o jogo da sua vida contra o Sporting.

As exigências da Alfândega requeriam a presença dos jogadores «leoninos» e Fernando Caiado, retido por momentos pelos camaradas da Televisão, disse-nos, logo que teve conhecimento do adversário dos «leões» no torneio de reser-

vas — o Alhandra — «explicando» assim a derrota:

— «Eles» foram-nos superiores em todos os aspectos.

Perguntamos:

— O Sporting terá possibilidades de recuperar, de anular os três golos que sofreu em Zurich? — quisesmos saber.

— Veremos o que se pode fazer, pois resta sempre uma possibilidade de recuperar. Agora de momento o que me preocupa são os cinco jogadores que trago lesionados: José Carlos, Figueiredo, Gonçalves, Manuel Duarte e Marinho. (Manuel Marques confirmou depois ser problemática a recuperação de Gonçalves e Figueiredo).

Cumpridas as formalidades logo os futebolistas do Sporting seguiram para o Centro de Estágio em Alvalade. O jogo do próximo domingo é o problema imediato e o Sporting é o «leader»...

UMA COMPANHIA INGLESA QUER TRABALHAR COM A T. A. P. EM REGIME DE «POOL»

— A nossa vinda a Lisboa está, em parte, relacionada com um possível acordo a efectuar com a administração da TAP, para a efectivação de um «pool» entre a B. U. A. e a companhia portuguesa, na linha Londres-Lisboa-América do Sul — afirmou no aeroporto o sr. Armand Weiss, director regional da British United Airways, que esta tarde chegou á capital na companhia do secretário da administração da companhia, sr. W. Bedford.

Para o sr. Weiss, este «pool» entre a TAP e a B. U. A. seria muito útil na coordenação dos transportes aéreos para o continente americano. Evitando a competição, traria vantagens para as duas empresas, tanto no campo financeiro como no da exploração propriamente dita.

Os nossos encontros com as entidades aeronáuticas portuguesas — acrescentou — visam dar conhecimento do programa de trabalhos da B. U. A., não só com vista á próxima inauguração em Lisboa dos nossos serviços, mas, igualmente, quanto ao programa que elaborámos em relação á Primavera e Verão próximos, com voos de fretamento. Temos já assegurado o transporte de milhares de turistas ingleses que desejam passar temporadas em Portugal. Vamos, as-

PARA EVITAR MOTINS RACIAIS Quatro milhões de contos a fim de dar trabalho a negros norte-americanos

WASHINGTON, 29 — (A. N. I. e R.) — Completou ontem a sua tarefa a comissão nomeada pelo presidente Johnson para estudar as causas e os meios de pôr termo aos tumultos raciais nas cidades norte-americanas. O «mayor» de Nova York, John Lindsay, e os senadores Fred Harris e Edward Brooke, todos membros da comis-

são, depuseram ontem perante a comissão senatorial de atribuição de verbas, pedindo a concessão de 150 milhões de dólares (4,35 milhões de contos) para um programa de emergência que tem por objectivo dar empregos, durante o Verão, aos que, habitualmente, não têm ocupação nessa época do ano.

O relatório da comissão só deve ser publicado no próximo fim-de-semana.

FALHOU UMA TENTATIVA DO NEGRO CLAYTON POWELL

Entretanto, uma tentativa de Adam Clayton Powell para recuperar o seu lugar na Câmara dos Representantes falhou ontem quando o Tribunal de Apelação dos Estados Unidos, em Washington, negou provimento ao seu recurso.

Powell, um ministro baptista negro, que representou durante 20 anos, como democrata, o 18.º bairro (Harlem) de Nova York, foi expulso da Câmara em 1 de Março do ano passado, sob pretexto de utilizar indevidamente, para uso pessoal, fundos governamentais.

Adam Powell, que tem passado virtualmente todo o seu tempo na ilha de Bimini, a fim de evitar Nova York, onde se arrisca a ser preso, por causa de uma sentença por difamação, declarou que recorrerá para o Supremo Tribunal.

Após a sua expulsão da Câmara, Powell foi reeleito numa eleição especial realizada para preencher a vaga. Contudo, nunca se apresentou ao Congresso para prestar juramento.

CARNAVAL SANGRENTO

CIDADE DO PANAMA, 29 — (F. P.) — Registraram-se vinte e cinco mortes violentas durante o último Carnaval, o mais sangrento da história do Panamá. Dezas seis pessoas morreram em acidentes rodoviários, quatro foram assassinadas, duas puseram fim aos seus dias, outras duas morreram na explosão de um depósito de fogo de artifício e a última morreu no mar.

Regressou da Madeira o embaixador dos E. U. A. em Lisboa

Regressou ao princípio da tarde a Lisboa, o embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, dr. W. Tapley Bennett Jr., que passou alguns dias de férias na ilha da Madeira.

Sua mulher, que se sentia um pouco adoentada, não pôde acompanhar aquele diplomata.

O dr. Tapley Bennett Jr., encantado com a beleza da ilha, prometeu voltar ali logo que lhe seja possível na companhia da embaixatriz.

No aeroporto foi aguardado pelo ministro conselheiro e pessoal superior da Embaixada.

O VICE-PRESIDENTE DO VASAS VEM ASSISTIR ao BENFICA-BELENENSES

Chega depois de amanhã a Lisboa o vice-presidente do Vasas, de Budapeste, o clube adversário do Benfica na próxima eliminatória da Taça dos Campeões, em futebol.

O objectivo principal de Mr. Rosner — assim se chama o dirigente húngaro — nesta sua visita a Portugal, é assistir ao encontro Benfica-Belenenses, a realizar no próximo domingo, no Estádio da Luz. Não deixará, no entanto, de atender a outros assuntos, nomeadamente o da instalação da equipa do Vasas durante a sua presença em Lisboa.

Prof. Adriano Moreira

Regressou a Lisboa, por via aérea, o prof. dr. Adriano Moreira, director do Instituto Superior de Ciências Sociais e Ultramarinas, que se deslocou a Madrid a fim de participar nas reuniões do Cedi-Internacional, de que é membro.

FORNECIMENTO DE UMA COBERTURA DE ALUMÍNIO

Na Direcção dos Serviços Técnico-Especiais da Câmara Municipal, á Avenida 24 de Julho, 171-C, foi posto, esta tarde, em concurso público, o fornecimento e montagem de uma cobertura em chapa de alumínio, com a base de licitação de cento e cinquenta contos.

Só apareceu um concorrente, cuja proposta vai ser estudada pelos respectivos serviços camarários...

Bombardeamentos em Biafra

• 30 mortos

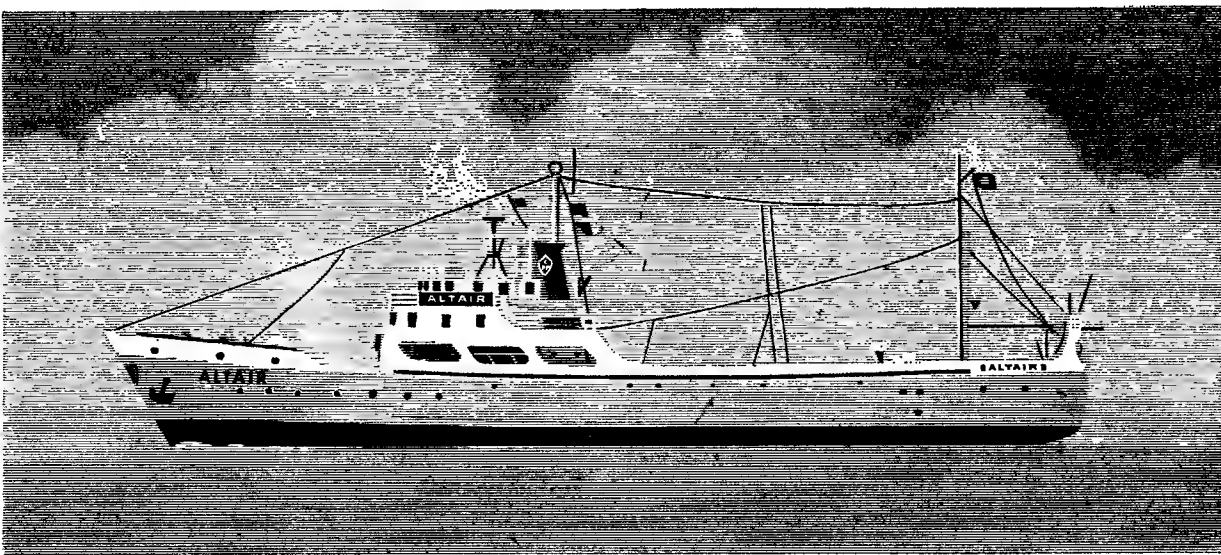
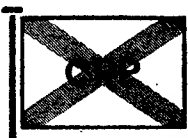
LAGOS, 29 — (F. P.) — Foram mortos trinta civis e ficaram feridos sessenta, devido aos bombardeamentos efectuados pela aviação federal nigeriana na cidade de Oroko, a 19 km de Oron — anunciou esta noite a rádio biafrense.

A emissora acrescentou que as bombas tinham caído sobre o mercado de Oroko. Disse ainda que as tropas federais tinham lançado uma ofensiva fluvial durante o fim de semana. A tentativa, porém, falhou e os 5 barcos federais foram afundados com os seus ocupantes, à excepção de um que foi aprisionado.

N/M 'ALTAR',

BOA VIAGEM !

BOA CAMPANHA !



Mais um novo grande arrastão pela popa, construído num estaleiro nacional para a nossa Marinha de Pesca, foi confiado ao Serviço de Marinha MOBIL.

Construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo para a Companhia Portuguesa de Pesca, este novo arrastão está equipado com o mais moderno equipamento de navegação, pesca, propulsão e auxiliar com uma potência unitária instalada de cerca de 2300 H. P.

Orgulhosa com a preferência e confiança nos seus lubrificantes e Serviços de Marinha, a Mobil saúda a Empresa Armadora, "COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA", o Capitão, Oficiais e Tripulantes e a todos deseja Boa Viagem e Boa Campanha.

Mobil

Mobil Oil Portuguesa, S.A.R.L.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

«GUERRA DE NERVOS» DO VIETCONG À VOLTA DE SAIGÃO

SAIGÃO, 29 — (F. P.) — Os «vietcongs» mantiveram a sua «guerra dos nervos» e os seus bombardeamentos à volta da capital sul-vietnamita. Foram encontrados panfletos em diversos bairros populosos de Saigão, anunciando que seria lançado novo ataque dentro de 24 horas. O dispositivo de segurança nestes bairros foi reforçado durante a noite. Esta, porém, não foi mais agitada que as anteriores.

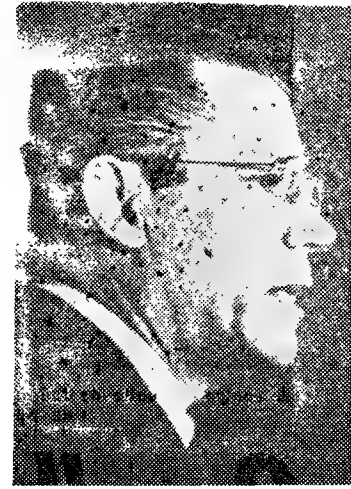
Sessenta obuses de 82 mm, causaram feridos cinco civis. As perdas, pelas 20 horas, no posto de das militares foram classificadas como de um regimento governamental de «digeiras», namental, perto de Bien Hoa, F. Assinalaram-se numerosos recon-

tros nas duas províncias setentrionais de Quang Tri e de Thua Thien, onde o ritmo das operações militares parece ter aumentado consideravelmente nas últimas 24 horas.

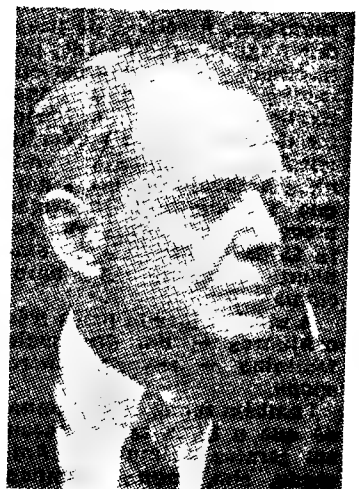
Tropas norte-vietnamitas e americanas entraram em contacto em vários sectores, nomeadamente à volta de Hue, onde se registaram seis recontros. Num deles, morreram cinco «marines» e outros cinco ficaram feridos. Os norte-vietnamitas tiveram 21 mortos.

A seis quilómetros de Dong Ha, foi atacado um comboio de pequenas embarcações sul-vietnamitas.

O render da guarda



ROBERT MCNAMARA



CLARK CLIFFORD

Robert McNamara, secretário norte-americano da Defesa, que hoje cessou as suas funções, abandona o Pentágono numa altura em que a guerra no Vietnam atinge o auge da violência.

Levado para a Administração pelo presidente Kennedy, McNamara foi escolhido por duas razões fundamentais: a sua proverbial competência, comprovada por uma carreira brilhante na Ford Motor Company, onde chegou a presidente, e o facto de se tratar de um republicano.

O presidente Kennedy seguiu muitas vezes o critério de escolher homens competentes para os lugares-chaves, embora politicamente não conjugassem das suas opiniões, convencido de que a sua acção, como coordenador máximo, lhe permitiria traçar as grandes linhas da política americana, deixando a esses homens a tarefa de repor a ordem no caos em que a Administração Eisenhower deixara os respectivos departamentos.

O papel de McNamara na guerra do Vietnam assume excepcional importância, porquanto foi ele o grande obreiro da estratégia da «escalada».

Do seu quartel-general no Pentágono, servido pelos mais modernos «cérebros electrónicos», estabeleceu as etapas da escalada, que chegaram a prever o fim da guerra para 1965.

Dementido amide pelos factos da guerra, aumentou sempre os efectivos americanos no Sueste Asiático, embora algumas vezes tenha anunciado como próxima a sua redução.

Tentou estabelecer a linha McNamara (versão electrónica das fronteiras electrificadas que

a França, montou na Argélia, quando tentava deter o afluxo de guerrilheiros vindos da Tunísia e de Marrocos), junto da zona desmilitarizada que separa os dois Vietnams e em certas zonas da fronteira com o Laos.

Justificou os bombardeamentos ao Norte afirmando que isso deteria ou, pelo menos, diminuiria, o apoio do Vietnam do Norte aos guerrilheiros do Sul. Mais tarde confessaria que os abastecimentos, em homens e material, não só continuavam como aumentavam constantemente.

Alvo de muitos ataques, McNamara vê-se agora relegado para um posto que, comparado com o de chefe do Pentágono, se pode considerar de segundo plano: a presidência do Banco Mundial.

Na hora do render da guarda, e depois da visita do general Wheeler a Saigão fala-se já num aumento dos efectivos americanos no Vietnam do Sul, que poderia ir de uma divisão de 40 mil homens até 200 mil.

Clark Clifford, o sucessor de McNamara, sem ser rotulado de «pomba» ou «falco», é, contudo, considerado pelos que o conhecem como mais favorável aos apóstolos do endurecimento. Tendo sido conselheiro dos três últimos presidentes democráticos — Truman, Kennedy e Johnson — Clifford parece ser homem para permitir mais facilmente que o presidente exerça uma maior e mais directa influência sobre os militares, ao contrário do que sucedia com McNamara, que pretendia sempre — para isso Kennedy o nomeara — manter um estrito comando civil.

A. V. C.

Pessoas deslocadas

(Continuação da 1.ª página)

provincia de Gia Dinh e 463 800 do resto do Vietnam. O número de mortos recentes atinge 7000.

Foram destruídas quase 50 mil casas.

Por outro lado, o presidente Van Thieu anunciou o propósito de assinar um decreto ordenando o en-

cerramento permanente dos boteco-uns e salas de dança em todo o território nacional.

Num discurso radiodifundido, o chefe do Estado expôs o programa de acção do Governo para socorrer a população e acelerar o plano de reconstrução dos sectores destruídos nos combates da ofensiva do «Te».

Além do encerramento daqueles estabelecimentos, já decretado provisoriamente, o presidente anunciou que 50 por cento dos funcionários públicos deverão dedicar-se à obra de auxílio às vítimas da guerra e trabalhar nomeadamente nos centros de refugiados. Setecentas mil pessoas são consideradas vítimas de guerra — acrescentou o chefe do Estado — a obra de reconstrução e de readaptação em todo o país está orçada em cinco mil milhões de piastras.

Hanoi bombardeada

MOSCOW, 29 — (A. N. I.)

Aviões norte-americanos bombardearam, esta manhã, Hanoi — anunciou a agência noticiosa russa «Tass», acrescentando que, durante os ataques a alvos nos subúrbios e a zonas residenciais da cidade, foi abatido um avião dos Estados Unidos.

AVIÃO AMERICANO

ABATIDO NO VIETNAM

SAIGÃO, 29 — (A. N. I.) — A aviação do Vietnam do Norte abateu ontem um caça «Thunderchief-F105» da Força Aérea norte-americana — revelou um informador militar dos Estados Unidos.

Trata-se do 802.º aparelho norte-americano abatido pelos comunistas do Norte. O piloto, capitão Gene Basel, de 31 anos, saltou em para-quedas e foi recolhido por um helicóptero.

NOVO MUSSOLINI

NAS PRÓXIMAS

ELEIÇÕES ITALIANAS?

MACERATA, 29 — (F. P.) — Mussolini II apresentar-se-á às próximas eleições nacionais italianas? Mario Galuzzo, de 38 anos, decidiu retomar o nome do «Duce» e o seu programa. A sua «subida ao poder» começou, segundo explica, em Lausanne, onde soube que Mussolini tinha trabalhado de 1902 a 1906 como servente e vendedor ambulante. Nada mais foi preciso para que Galuzzo decidisse seguir as pisadas do «Duce». Fundou há um ano e meio um «Partido Nacional Operário». Atribuiu-se o nome de Mussolini II.

O novo Mussolini conta obter cerca de 20 mil votos na próxima Primavera. A conquista do Poder está prevista para 1973. Suprimirá então todos os partidos, excepto o seu, e um outro, na oposição.

A REFORMA DA CÚRIA ROMANA

O recrutamento dos sacerdotes far-se-á sob proposta das conferências episcopais

CIDADE DO VATICANO, 29 — (F. P.) — Não há revolução, mas adaptação às exigências do serviço, cada vez mais profundas. Foi neste espírito que se concebeu a renovação do funcionamento da Cúria, cuja reforma entra em vigor amanhã, afirmou mons. Giovanni Pinna, secretário da Comissão para a Reforma da Cúria, na sua conferência de imprensa de hoje.

A maior parte do regulamento — cujo texto não foi ainda publicado, embora tenha sido comunicado aos chefes das congregações romanas — baseia-se na constituição apostólica do Santo Padre Pio X, de 1908, e é relativa ao pessoal, tanto eclesiástico como leigo. As categorias respectivas recebem uma nova estrutura. Tem a preocupação de permitir uma internacionalização mais vasta da Cúria, favorecer o ministério sacerdotal dos padres adidos aos dicasterios romanos e tomar na maior consideração a sua dignidade sacerdotal. Assim, em igualdade de títulos terão em conta para recrutamento, os candidatos propostos pelas conferências episcopais nos diversos países do Mundo. O horário de trabalho passa de 36 para 33 horas. O trabalho começará às 9 horas. Em contrapartida, os eclesiásticos deverão estar presentes nos seus lugares também das 18 às 20 horas.

Quis-se ter confiança nos padres, suprimindo a obrigação de assinarem folhas de ponto ou usar relógios de ponto. Prevê-se uma licença anual suplementar para lhes dar

por abluente de segurar as exco-cícios espirituais. Estas licenças têm a mesma duração para todos. Os chefes da congregação podem conceder tempo para o caminho, aos que residam longe de Roma.

Quanto ao limite de idade: Está fixado em 74 anos para os prelados ocupando lugares mais elevados e em 70 para todos os outros.

Por outro lado, disposições especiais permitirão que sejam respeitadas os votos de obediência e de pobreza das religiosas trabalhando nos Dicasterios romanos.

A SUÉCIA PROMETEU APOIO A PAPANDREOU

— segundo um jornal de Atenas

ATENAS, 29. — (R.) — O diário ateniense «Eleftheros Kosmos» acusou hoje o primeiro-ministro sueco, Tage Erlander, de sabotar a segurança da Europa Ocidental ao prometer apoio ao político grego exilado Andreas Papandreu.

A agência noticiosa Atenas citou o jornal como dizendo que a promessa de Erlander constituiria um acto de sabotagem contra a Aliança Atlântica e a segurança europeia.

«O papel da Grécia na defesa da Europa é da maior importância, pois o nosso país é uma fortaleza,

sem a ocupação da qual a U. R. S. S. não estará em posição de completar a sua conquista do Mediterrâneo» — disse o «Eleftheros Kosmos».

A agência afirmou na noite passada supor-se que o Governo grego irá apresentar um vigoroso protesto ao Governo suco relativo à intenção de Erlander de dar apoio financeiro ao «Movimento para libertação da Grécia», dirigido por Papandreu.

Andreas Papandreu visitou Estocolmo no começo deste mês.

As manifestações no Cairo

(Continuação da 1.ª página)

Anteontem, a noite, o Governo egípcio tomou a iniciativa sem precedentes de enviar automóveis pa-

ra transportar uma delegação dos manifestantes à Assembleia Nacional, a fim de expor os seus pontos de vista.

Durante uma reunião de quatro horas na Assembleia Nacional, os jovens expuseram as suas reivindicações e pediram a libertação dos seus colegas, o que se verificou no dia seguinte.

O «HOMEM-TRONCO» FOI OPERADO DE NOVO

CIDADE DO CAIRO, 29. — (F. P.) — Dirkie Strydom, de 22 anos, amputado em Dezembro da metade inferior do corpo, em consequência de um acidente, foi submetido, ontem, no Hospital Conradi, a uma intervenção tendente a consolidar o enxerto de pele na base da coluna vertebral. O estado de saúde do operado é satisfatório — dizem naquele hospital.

ADMISSÃO INSTITUTOS?

LICEUS?

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMÉDES

Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 53402

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

Rua Conde Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef. 536380

CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

A RESPOSTA

As alunas do Liceu Rainha D. Leonor organizaram um baile no sábado passado. Como todos os bailes, este fez-se com música e teve pares na pista de dança — ou seja no ginásio. Cálculo por alto: quatrocentos rapazes e raparigas. A reitora do liceu, dr.^a Angelina de Macedo, patrocinou a festa e associou-se-lhe durante todo o tempo. Explicaria depois ao repórter do nosso jornal: «Tenho absoluta confiança nas minhas alunas. Por isso, e porque sei que são raparigas modernas, concordei com esta tarde de convívio no ambiente que elas mais apreciam».

A música tocada pelos três conjuntos — um dos quais feminino — era do género «pop».

Também fomos testemunha de que o baile se processou em termos exemplares. Animado, sim, muito animado mesmo. Uma animação contagiante. Mas sem qualquer ambiguidade. Não vimos a mínima falta de respeito (nem esperávamos que houvesse), pelo que nos atrevemos a dizer, entre outras coisas, que este tipo de diversão está perfeitamente certo. A sua naturalidade é sintomática, a sua necessidade parece-nos flagrante.

Acompanhamos o leitor no raciocínio seguinte: se a festa do Liceu Rainha D. Leonor foi agradável, é porque tinha um ingrediente musical (trata-se de um baile, não é assim?) igualmente agradável; se o ingrediente agradável se chama música «pop», é porque esta preenche hoje a função que já preencheram o «charleston», o tango e os ritmos brasileiros; assim sendo, deve aceitar-se a sua existência. Isto mesmo nos disse, a propósito, a reitora do liceu.

Mas o verdadeiro problema situa-se a outro nível. Onde se divertem habitualmente estes rapazes e estas raparigas que vimos sábado passado no Liceu Rainha D. Leonor? Haverá qualquer sistema programado para acudir à sua necessidade de diversão? Bailes como o do liceu de Alvalade não serão, bem feitas as contas, excepcionais?

Sim, existem as «boîtes», existem os «dancings». Frequentados por jovens. Cheios de jovens nas noites de sábado, quando o porteiro diz delicadamente que «não entra mais ninguém, o soalho até tremer...» Mas será essa a nossa única resposta?

F. A. P.



A equipa da noite de fado castiço: Clemente Pereira, Acácio Gomes e António Pessoa, Alcídia Rodrigues, Maria da Saudade, Manuel Calisto e Mariana Silva. De pé: Júlio Peres

O velho fado castiço em Quarta-Feira de Cinzas

O fado castiço — como sabem — está em coma e a balões de oxigénio, como se viu, ontem à noite. Os fadistas da velha guarda tomaram de assalto uma das chamadas casas típicas de Lisboa, para as bandas de Alcantara, e impuseram por umas horas a sua lei. Castiço e só castiço, na noite de Quarta-Feira de Cinzas, recordando os tempos em que iam até às hortas, enterrar o Carnaval com uma cegada.

Júlio Peres, da geração do Alfredo Marceneiro, organizou o programa e lá cantaram, como puderam e ainda sabem, Alcídia Rodrigues, Maria da Saudade e Manuel Calisto, Júlio Peres e os novos Mariana Silva, Luis Braga e Emília Reis.

Eu «pró» que der e vier trago a navalha na ligo

Ventiladores derrotados pelo fumo. A um canto, envergonhado das noites de folclore, um piano de verniz reluzente. A decoração, à base de bandeirinhas cruzando a sala em fileiras multicores e obsequiosas. Whisky, sangria, lulas recheadas. Há, também, uma mesa de engenheiros recém-formados da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro. São doze. A viagem «de estudo pela Europa» prosseguirá pela Espanha, França e Itália. Em Portugal, irão à Lisnave e à Ponte, mas começa-

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

ram pelo castiço. Já conheciam as desgarradas através da TV.

Leva-me ao Perna de Pau, ao Charquinho, ao Quebra Bilhas

— Quando me chamam, venho sempre. Sou operário metalúrgico. Tomei juízo a tempo. Andei anos «nisto». É uma velha tradição o fado de Quarta-Feira de Cinzas. Mas não com comida «vendida». Tinha mais graça quando a gente levava os cestos e os garrações para fora de portas e cada um depois se levantava, para mostrar o que valia no fado Bacalhau, no Mouraria, no Puchavante, na Marcha do Alfredo, no Menor, no Carriço ou na Camélia.

É Manuel Calisto que fala, depois de ter cantado — e bem. Os entendidos pousam o copo e gritam «Eh fadilista!».

— Não carpir, não chorar. Mas dormir, sim. Poucas pessoas se divertem mesmo. Têm um ar triste e cara de má digestão. O menino «ié-lé», brasonado, que tem mesa certa e garrafa de whisky «pessoal», trouxe uma menina de mini-saia, que se cansou do castiço, que se cansou dos beijos e agora dorme um sono — aliás repousado e lindo — no ombro do amigo. Uma senhora

gorda, de vestido preto, destroi, sistematicamente, pires sobre pires de pipocas, azeitonas e amendoins. Só pára para aplaudir. Não esteve nas hortas porque estas já não existiam quando lhe tiraram o biberão e passou definitivamente aos alimentos sólidos.

Rigoroso, afaaaa...distado

Maria da Saudade. Até o nome está certo.

— Canto o fado há trinta anos, e quando comecei já se usavam estes. O Júlio Peres organiza tudo, mais para matar saudades do que para outra coisa. Eu ando por aqui e por ali, fechei a casa que tinha no Rego... O ano passado, não vim porque estava com gripe. É tudo tão bonito.

A festa era deles. Júlio Peres pigarreia e apresta-se para o grande momento.

Preparou tudo cuidadosamente. Dizia o programa: «Nesta memorável noite, Júlio Peres, numa evocação do fado de antigamente, apresenta uma rubrica da autoria do poeta Clemente Ferrel, com o título «Do passado ao Presente», em que colaboram, ainda, Mariana Silva, Luis Braga e Emília Reis». Uma desgarrada, com recitativos. Júlio Peres pede desculpa, receia enganar-se, e engana-se mesmo. Mas o autor está de lado e sopra as linhas caídas da memória do fadista.

E tudo terminou em desgarrada, pela noite chuvosa adentro.



Júlio Peres, na desgarrada

REFORMA ADMINISTRATIVA

O programa de actividades do Secretariado da Reforma Administrativa foi tornado público pelo ministro

A revisão das condições de remuneração, acesso e segurança social do funcionalismo público, e bem assim a organização de cursos para formação e aperfeiçoamento profissional do mesmo funcionalismo, foram esta tarde anunciadas pelo ministro de Estado como parte integrante do programa de actividades do Secretariado da Reforma Administrativa para o ano corrente.

Instituído há pouco mais de três meses, por decreto-lei de 23 de Novembro último, o referido secretariado tem a dimensão de órgão central de remodelação da máquina administrativa do Estado, como lhe chamou o dr.^o Mota Veiga. Da importância da sua comunicação de hoje, que levou ao Palácio de S. Bento, pelas 16 horas, os representantes dos órgãos da Informação.

Começou o ministro de Estado por lembrar os principais passos da criação do Secretariado da Reforma Administrativa, cujo corpo de funcionários, «pouco numeroso mas qualificado», teve desde logo, nos termos da sua lei orgânica, a tarefa primordial de elaborar o programa de acção para 1968.

Problemas da administração pública

Os problemas a resolver pelo secretariado são, muito logicamente, aqueles com que se defronta a administração pública portuguesa. Problemas hoje comuns à generalidade dos países, seja qual for o seu grau de desenvolvimento — referiu o dr.^o Mota Veiga. Mas o ministro também não esquece que eles existem de facto entre nós e diam por solução.

— Como bem se compreende — acrescentou — a reforma administrativa não é acto instantâneo ou conjunto isolado de providências, antes deve entender-se como processo permanente e dinâmico de adaptação da máquina burocrática às funções cada vez mais complexas e multifórmes do Estado na sociedade moderna. Justamente porque se trata de um processo continuado e em constante evolução, a reforma administrativa não surge, entre nós, com a criação do secretariado, nem, evidentemente, se esgotará com a sua actuação.

Os governos têm procurado, através de sucessivas providências, ir acompanhando as necessidades dos tempos. A esse respeito o dr.^o Mota Veiga salientou o alcance da reforma de 1935, que tratava de reorganizar os quadros e os vencimentos do funcionalismo civil.

— Não obstante os trinta e dois anos entretanto decorridos — precisou o ministro — muitos dos prin-

DR. ALBERTO FERREIRA

Encontra-se doente, há alguns dias, o nosso prezado colaborador dr. Alberto Ferreira, a quem desejamos rápido restabelecimento.

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL E DE PROBABILIDADE E DE COMPETÊNCIA

OURIVESARIA DA MODA
RUA D. DUARTE
(Edifício do Hotel Mundial)

SEJA PREVIDENTE

Comprando jóias de categoria terá a certeza de uma boa aplicação de capital. Na OURIVESARIA PIMENTA encontrará um sortido inigualável. Rua Augusta, 253.

ATENÇÃO

OS FABRICANTES DA

Pasta Dentífrica Couto

Informam que saiu a 4.^a & OURO à sr.^a D. Maria Margarida Macedo, Rua Afonso Albuquerque, 184 — GAIA

A Pasta Dentífrica Couto

FOI VENDIDA PELA DROGARIA CASTILHO

Muitas outras & vão ser encontradas, pois já foram colocadas 120 * ESPREMA BEM O SEU TUBO DE PASTA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e liberta o ouro, mas a PASTA MEDICINAL COUTO, DA-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

* * A NOITE é para as "estrelas" ... *

NOTÍCIAS QUE NINGUÉM SABE

Magnífico relevo para a divulgação que a «Belter» oferta aos seus artistas: JOSÉ REIS, credenciado no campo do jornalismo profissional, é o eixo que movimentará um bom punhado de «estrelas». FILIPE DE BRITO regressou da América do Norte. Um dia destes contaremos como foi a viagem.



MARIA JOÃO: o Lumiar auto-empobrece-se

MARIA JOÃO, convidada a integrar uma turma radiofónica de respeito. Digressão possível: talvez lá para Setembro JOSÉ VIANA



JOSÉ VIANA

contará «chistes» perante a Televisão Venezuelana.

Quase concluído o elenco que se fixará em Luanda: HENRIQUE SANTOS, CARMEN MENDES, RUDOLFO NEVES, LILY NEVES e o ponto SOARES BORBA. Parece que o cavaleiro tauromático PEDRO LOUCEIRO fixará residência no México, abandonando a lide nos «ruedos» e dedicando-se exclusivamente ao ensino de equitação.

O ex-pugilista profissional VALENTE ROCHA é o autor de composições musicais que andam por aí, de boca em boca, nos recintos fadistas. A jovem actriz-nha DINA MARIA pensa percorrer a Europa, integrada num «show» que englobará ANA MONICA e VICKY.

Muito provável a digressão da cançonetista CARMO CANAS à Bélgica e Holanda.

NO horizonte de AMÉRICO COIMBRA: inclusão no «cast» da próxima película do brasileiro ANSELMO DUARTE.

A Alvorada deposita enormes esperanças no fadista



LUÍS MIGUEL: anda o fado em novas bocas

LUÍS MIGUEL: o locutor CARLOS LACERDA («public-relations» da editora) não esconde o seu entusiasmo pelo intérprete.



DINA MARIA: as armas do êxito



No «show» de Gilbert Becaud João Gilberto é a vedeta desta noite

Depois da folhetinesca e delicado-doce aventura do «cantador» «doctor» Richard Kildare Chamberlain, tratamento de dias alternados que o telespectador luso vem recebendo desde há tempos, poderá ver-se, com agrado, esta noite, na R. T. P., um bom programa de variedades. Será pelas 22 e 40, e trata-se do «show» de Gilbert Becaud, produzido e apresentado pela TV alemã (o que é chance de qualidade, de boa qualidade, a afunilar pelos da mesma procedência já anteriormente trazidos até nós).

Pois, neste número do «Show» de Becaud, além do titular (que, por si só, é cartaz de projecção e valor internacional), teremos Belina, Inge Brück (a graciosa representante germânica no Concurso da Eurovisão, no ano passado), João Gilberto (é esta a grande «vedeta» do programa): Deuria Rajter, Hana Hegerova, Hans Koller, Le Günter Kallmarm-Chor e a orquestra de Raymond Bernard.

Dissemos que João Gilberto é a grande vedeta do espectáculo desta noite, no «show» de Gilbert Becaud. E João Gilberto é «bossa nova». E o que é «bossa nova»? Embora a expressão não chegue a definir mais do que uma característica do movimento

que veio dar nova forma ao samba, a verdade é que ela é concreta, e foi assim que se lançou e conquistou o mundo.

Representando a culminância de um processo evolutivo no modo de dividir o compasso e, também, dos temas melódicos e literários, o êxito da «bossa nova» está particularmente ligado a um trio que a define perfeitamente: João Gilberto, Antônio Carlos Jobim (Tom) e Vinícius de Moraes. Nascendo ou encontrado seu terreno nas calçadas de linhas sinuosas, em desenhos lindos de samba e sol de Copacabana, a «bossa nova» cresceu e voou até ao Carnegie Hall, onde foi atracção e venceu. E encheu o mundo, encantou a Europa.

Foi um movimento que a todos agradou, que todos



JOÃO GILBERTO

contagiu pela sua autenticidade, singeleza e naturalidade.

Hoje teremos João Gilberto. Quem não conhece «Desafinado», «Chora sua tristeza», «Samba de uma nota só» e «Bá-quinho»?

OS REIS DO RITMO

3—EUGÉNIO PEPE



Eu, GENIO PEPE

A estreia de Eugénio Pepe teve lugar ao piano da «Tá-gide», exactamente a 12 de Outubro de 1956, quando um debutante em Económicas e Financeiras disse adeus à hipótese de um curso e ingressou no mundo da música ligeira. Rápida foi a carreira do pianista: saltitando de «boite» para «boite», deslizou pelo «Palm-Beach», «Ronda», «Mónaco», «Canoa» e «Choupana» antes de se fixar na «Cova do Galo», seu império há bons seis anos. Compõe com facilidade, tendo diversas melodias impressas em acetatos divulgados nas vozes de Tony de Matos, Beatriz da Conceição, Manuel Dias, Carlos do Carmo e Tristão da Silva, na interpretação

do guitarrista Jorge Fontes ou do seu próprio conjunto musical. Três êxitos em caixa alta: «Agora choro à vontade», «Marcha de Lisboa-1965», «Quando cai uma mulher».

Eugénio José Pepe Costa é associado da dupla Cortez-Nicholson na produtora musical «R a R», sendo o responsável pelo sector-harmonia da editora. Porém, a sua carreira de executante público parece em perigo: o Sindicato dos Músicos não o considera profissional, uma vez que falhou no chamado «exame de competência». Mas, Pepe defende-se: os milhares que o admiram não entram na noite para escutar Mozart ou aplaudir solfejo.

A «VELHA GUARDA»

NO «QUEBRA-BILHAS»

O grupo dura há anos. São «Os meninos das bicas», embora estes meninos tenham em média setenta ou oitenta anos.

Todas as tardes, quem entrar nos fundos do «Paladium» lá encontra alguns do grupo, que ficam a caturrar, em especial sobre coisas do teatro, pois todos são actores ou se encontram de algum modo ligados a essa actividade.

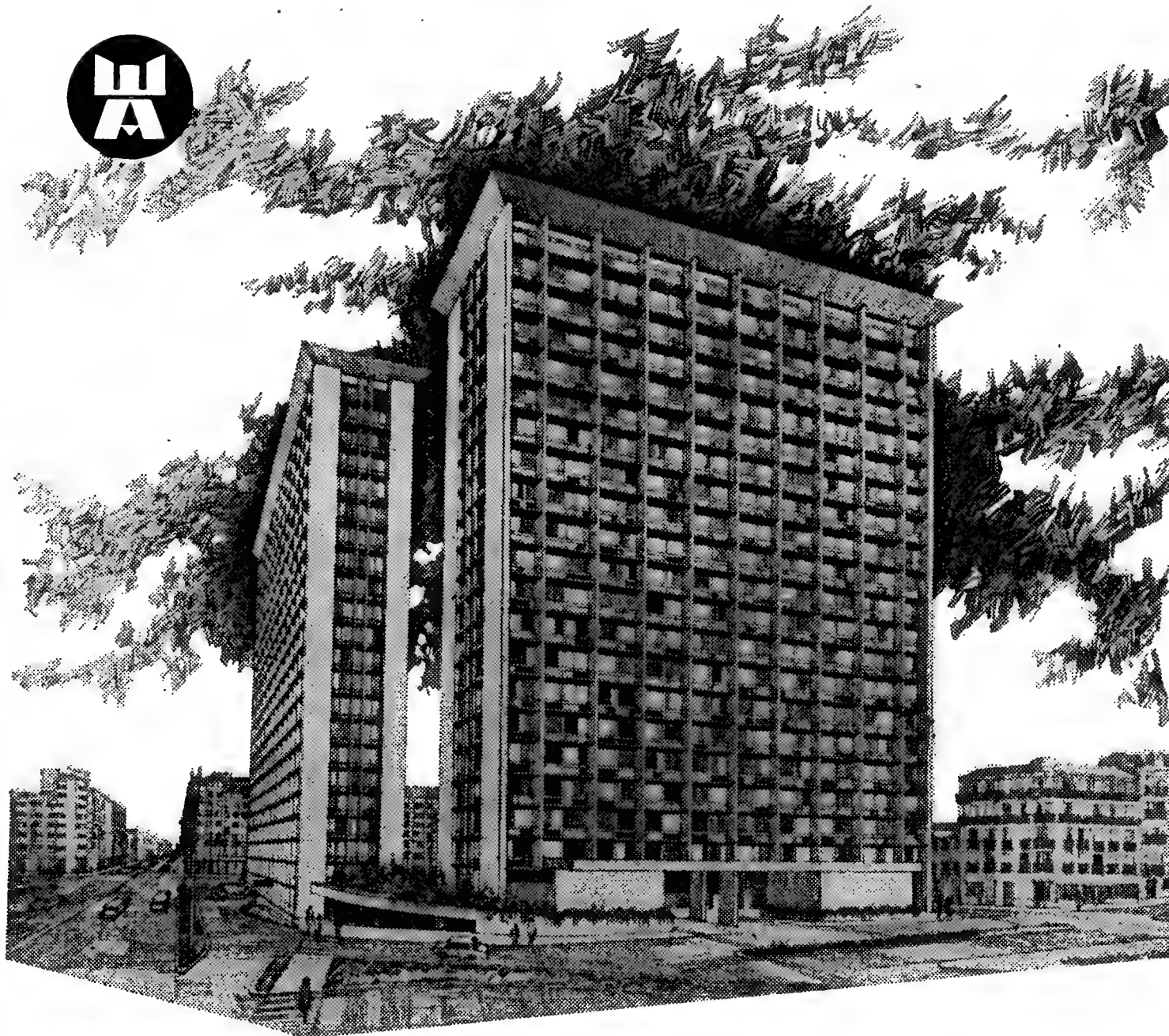
Pois «Os meninos das bicas» têm uma tradição — fazer uma almoçada, em quarta-feira de Cinzas, comendo e bebendo de caizão à cova, dizendo versos e contando anedotas picantes.

Ontem, de novo, lá esteve uma vintena destes foliões, reunida no «Quebra-Bilhas», ali para os lados do Campo Grande.

Na marquise situada ao fundo do quintal foi armada a mesa, com a enorme vela vermelha, ao meio, a atestar o seu feitiço esquisito. Todos os participantes estavam medalhados com cápsulas de cerveja e laranjada, embora só se bebesse tinto. E se bebesse em especial a saúde de Vasco Matos Sequeira, que veio de África e, ao ser admitido, teve de se sujeitar à cerimónia do baptismo, de que Ribeirinho foi padrinho.

Os convivas, entre eles Alberto Ghira, Assis Pacheco, Manuel Correia, Samuel Diniz, Barreto Poelra, Emílio Correia, Luís de Campos, Virgílio Macieira e Luís Pinhão, o «benjamim» do grupo, fizeram as honras ao bacalhau com grão e grelos, ao caldo de grão e ao arroz doce, e até o sr. Wagner, que tem oitenta anos e uma saudável boa disposição, não contando com o seu célebre nome, foi capaz de ficar nas meias tintas.

edifícios AVIZ



PERSPECTIVA DO BLOCO 'B'
CUJA CONSTRUÇÃO FOI JÁ INICIADA

« A aquisição de bens imobiliários foi sempre, no decorrer do tempo, a forma mais segura e mais rápida de valorizar o dinheiro. »

No caso especial dos 'Edifícios Aviz', essa valorização atinge proporções jamais verificadas.



R. Rodrigues Sampaio, 146 • 3.º D.º
Telefones 53 51 11 - 53 51 14 • LISBOA

Artes plásticas

Manuel Cargaleiro vai expor na Galeria Dinastia

Na Galeria Dinastia, á Rua da Escola Politécnica, 183, vai ser inaugurada na próxima segunda-feira, ás 22 horas, uma exposição do artista Manuel Cargaleiro.

A exposição de Cargaleiro compreende óleos e guaches, estando a despertar considerável interesse nos meios artísticos lisboetas.

Carlos Ramos na S. N. B. A.

Nas saletas de entrada da S. N. B. A. abre ao público, amanhã, sábado, a exposição do pintor conimbricense Carlos Ramos. A exposição ficará aberta ao público durante uns dias.

A retrospectiva de Eduardo Viana

Ainda se não encontra marcado o dia para a abertura da grande exposição retrospectiva de Eduardo Viana, num dos salões do S. N. I.

O salão encontra-se presentemente em obras, não devendo essa exposição ser inaugurada antes de meados do mês de Março. Assiste á inauguração o sr. Presidente da República.

A exposição de Conduto

Continua aberta na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes a exposição de novos trabalhos do escultor Fernando Conduto, a qual pode ser visitada, todos os dias, das 14 ás 20 horas.

Professora americana deseja correspondentes

Uma professora reformada norte-americana pede, através do «Diário de Lisboa», pessoas que queiram corresponder-se com ela, em inglês.

«Meu marido e eu temos muitos amigos, mas nenhum em Portugal», escreve a sr.^a Nellie Cudeback, que revela gostar de música, leitura e viajar.

A idade, religião, educação e situação económica não são obstáculos á troca de correspondência.

Quem desejar, pois, escreva para: Mrs. C. W. Cudeback, 2138 E, 39th St., Ashtabula, Ohio 1101, U. S. A.

O 165.º aniversário do Colégio Militar

No sábado, o Colégio Militar comemora o 165.º aniversário da sua fundação, com um desfile na Avenida da Liberdade, ás 10 horas; missa no Mosteiro dos Jerónimos, ás 12 e 30; e, ás 16 e 80, formatura no Largo da Luz.

Não se efectuarão manifestações desportivas pelas classes da Associação dos Antigos Alunos nem o tradicional jantar de confraternização no refeitório do colégio, em virtude do muito recente falecimento do director, também antigo aluno.

ATOMICAUTO

RUA TOMAS RIBEIRO, 6 - C

- Renault R 10 1967
- Taunus 12 M — 2 p. 1963
- Taunus 12 M — 2 p. 1968
- Volkswagen 1500 S... 1963
- Austin 850 1965
- Austin 850 1962
- Sovam (Novo) —
- Chevrolet — Sting Ray 1965

Todas estas unidades são vendidas c/ certificado de garantia. Grandes facilidades de troca e pagamento.

CARRO ROUBADO

MORRIS 850 GI-28-37

Agradece-se

qualquer informação

pelo telef. n.º 713220

DIVIDAMOS QUE V. ENCONTRE MAIS BARATO, PORQUE NINGUÉM VENDE MAIS BARATO

DO QUE A **Dardo** SE ENCONTRAR, PROVE!

FRIGORÍFICOS

PHILCO, GENERAL ELECTRIC, BOSCH, FRIGIDAIRE, KELVINATOR, FRIMATIC, PHILIPS, PRINCE ROYAL, ETC. ETC.

TELEVISORES

NORDMENDE, PHILIPS, TELEFUNKEN, GRUNDIG, PONTO AZUL, PRINCE ROYAL, GENERAL ELECTRIC, PHILCO, SIEMENS, PYE, TOPRANK, EKOQ, ETC. ETC.

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA - MÁQUINAS DE LAVAR LOUÇA - BATEDEIRAS FOGÕES - ESQUENTADORES - PANEIS DE PRESSÃO - ASPIRADORES - ENCRADADORAS - CANDEIEIROS - RÁDIOS RADIOGRAMOFONES - GIRADISCOS GRAVADORES, ORGÃOS ELECTRÓNICOS ALTA FIDELIDADE - SOFÁS-CAMA, POLTRONAS, ALCATIFAS E CARPETES COLCHÕES E ALMOFADAS, ETC. ETC.

GANHE EM TUDO E POR TUDO, COMPRANDO NA

Dardo

5 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1.ª DE MAIO, 146 (S amaro)

GANHE NO PREÇO

a pronto ou a prestações sempre as melhores condições

GANHE NA ENTRADA

SEM NENHUMA ENTRADA MESMO! começa a pagar um mês depois da compra!

GANHE NO PRAZO

ANOS PARA PAGAR!!! o prazo mais longo! o mais fácil! o mais barato!

GANHE NAS CONDIÇÕES

vendas a prazo com encargos mínimos!



BEDFORD



CAMIÕES DE TODAS AS TONELAGENS FURGONETAS DE TODOS OS TIPOS



CABINES NORMAIS E AVANÇADAS PESOS BRUTOS DE 3500 KG A 15 000 KG CARGAS APROX. DE 1500 KG A 10 000 KG CAIXAS DE CARGA DE 2,92 M A 7,39 M FURGONETAS DE 300 A 900 KG DE CARGA



AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

MINISTÉRIO DA MARINHA DIRECÇÃO-GERAL DA MARINHA

Concurso para admissão de dactilógrafos

Faz-se público pelo espaço de 30 dias a contar de 10 do corrente, se encontra aberto concurso, nesta Direcção-Geral, para o preenchimento de vagas de dactilógrafos do quadro do pessoal civil, bem como das que ocorrerem nos próximos dois anos. A esta categoria que é de ingresso no grupo «Pessoal de Secretarias», corresponde o vencimento mensal líquido de 1500\$00, acrescido do subsídio de 330\$00.

Esclarece-se que a este concurso podem candidatar-se indivíduos de ambos os sexos. Todavia, qualquer que seja o número de indivíduos do sexo feminino aprovados, não poderão ser preenchidas por concorrentes desse sexo mais do que dez vagas das que existam ou venham a existir dentro do prazo de validade do concurso.

As condições do concurso constam do Aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 35, 2.ª série — de 10 de Fevereiro corrente, e encontram-se patentes na 5.ª Secção da 1.ª Repartição da Direcção da Marinha Mercante, Ministério da Marinha, Praça do Comércio, Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Direcção-Geral da Marinha, 16 de Fevereiro de 1968.

O DIRECTOR-GERAL,
a) António Morgado Belo
C/ Almirante



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCA

Taunus (carros de serviço) 2 e 4 portas, c/ garantia

Taunus 1500 - 1965

Taunus 12 M 1500 4 port. 1965

Taunus 1500 - 1964

Cortina - 1964

Opel Kadette - 1963

e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saralva, 15 (Alvalade)



VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS Juro da lei RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-20 TELEFNS. 52248-556580

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2

TELEF. 369384

DIÁRIO DE EVA



Ela tinha talento...

Depois destas discussões, competia ao personagem masculino a iniciativa da reconciliação. Ele era patético na sua consciência de nada poder fazer. Teresa sentia-o e sentia um amor imenso apertar-lhe a garganta. Ele sofria com tudo isto. Não tinha culpa de tudo se passar assim. Tinha tido culpa ao princípio, por ter gostado dela. Mas isso

MARIA TRIGOSO

também ela tinha tido, por ter gostado dele. Ele também não tinha culpa ao teimar estupidamente no facto de ela ter talento. Só ela verdadeiramente pôdia entrar dentro de si própria e perceber a ilusão mostra que era o seu talento. Não tinha talento nenhum.

Sabia-o definitivamente. No entanto, para ele era além de cómodo (tendo ela talento, podia-se libertar de bicho doméstico, sem mais modificações grandes na vida comum), fácil de acreditar, pois que ele nunca tinha sabido acreditar verdadeiramente no que ela dizia. Ele julgava-me um pouco louca. Acreditava que a minha insatisfação é doentia. Tem pena de mim. E a Teresa tinha uma vontade enorme de o beijar, de lhe pedir que não ficasse mais triste. Que não tivesse pena. Que acreditasse que era maldade o teimar em enaltecer-lhe o talento. Que

isso a magoava tanto, pois ela sabia tão bem que não havia nada lá dentro senão um desejo de luta, completamente desligado de qualquer ideal artístico ou estético. Ele devia primeiro que tudo acreditar na sua lucidez. Se ele acreditasse talvez fosse mais fácil. Ele não acreditava, no entanto. Nada havia a fazer, senão seguir o autor. E o autor dizia que a vida continuava igual, que eles podiam continuar, como se nada tivesse acontecido. Eles seguiam à risca o texto, despiam as máscaras e voltavam à vida anónima. Até à nova representação.

(Continua)



Este bonito vestido é todo de renda e foi inspirado no tradicional vestido de noiva mexicano...

NOVO SUBSTITUTO PARA O LEITE MATERNA

A primeira usina industrial no mundo para filtragem com gel, substância formada pela coagulação de um líquido coloidal, vai entrar dentro em pouco em operação na cidade sueca de Götene, onde se encontram as principais instalações do fabricante de alimentos Semper. O sistema de filtragem até agora utilizado apenas em escala de laboratório, servirá para a produção de um novo substituto para o leite materno, Allomin 40/60.

O novo produto contém cerca de 15% mais de caseína e proteínas de soro que o leite materno, mantendo o mesmo conteúdo de sais, 0,2%

O soro, matéria-prima usada no processo, tem uma alta percentagem de sais, que são eliminados pela filtragem de gel, neste caso Sephadex, um subs-

tituto para o plasma de sangue. A substância filtrante evita a passagem das pequenas moléculas, enquanto deixa passar, com maior rapidez, as moléculas maiores. Desta maneira, as moléculas grandes das proteínas são separadas entre outras coisas, dos sais de sódio e potássio.

Um litro de Allomin 40/60 contém 675 calorias, ou seja, o mesmo que o leite materno. O único hidrato de carbono no produto é a lactose e as vitaminas são misturadas segundo os níveis indicados pelo Instituto de Saúde Pública da Suécia. Além disso, acrescenta-se uma certa dose de vitamina D.

Segundo a Semper, o novo substituto do leite materno deve ser lançado no mercado em Abril ou Maio próximos.

—ENTÃO SURTIU O MEU GRANDE DESEJO: INSTRUIR-ME!

Venham comigo e conheçam gente! Dispam-se das frases e pensamentos de espantar rapariga de olho na foto-novela e venham bisbilhotar mulher vestida de dignidade e querer. «Venham curvar-se para colher flores». Flores. Mulheres. Homens nascidos apesar de tudo...

Plantem aqui a vossa vontade de transformar mundo. Nestas mulheres...

Mulher nada diferente de qualquer mulher. Um filho para educar. Verbos para decorar e redacções a fazer. Uma ânsia de tornar a sua cara bonita procurando em qualquer sítio um objecto de encantar: flores, coisas velhas, nacos de coisas só por ela sentidas...

A MINHA MAIOR AMBICÃO

Qual a minha maior ambição? Nunca ninguém me fez tão a sério esta pergunta; eu própria raramente a faço a mim mesma. Até talvez seja esta uma das únicas vezes que me interrogo exigindo de mim uma resposta.

Provavelmente por ter levado, até certa altura, uma existência cheia de dificuldades e demasiado humilde nunca tive ambições? E como vivi sempre com a minha mãe que era uma pessoa extremamente medrosa do futuro, pelas dificuldades que passou, ela nunca me soube incutir no espírito: EU QUERO.

Assim, tanto na infância

como na adolescência nunca desejei algo que não fosse com um medo enorme de não vencer, então vivi sempre o dia a dia sem pensar muito no futuro. Quer dizer, eu tinha de facto um desejo era de ser uma boa modista, não sei se o consegui porque a certa altura (já mulher) esse trabalho deixou de me seduzir. Sentia-me cada dia que passava mais ignorante aturando gente que nada me dizia da vida, só exigiam e diziam banalidades. Então surgiu o meu grande desejo — instruir-me, deixar aquele trabalho que me prendia dias e dias, ali entre paredões e a gente que eu já não admirava.

Decidi pois deixar todo o mundo dos trapos e agarrar-me desta vez a um livro com uma ideia fixa. Aprender. Se pouco sei, tenho a certeza que sei muito mais do que sabia. E agora tenho uma ambição: instruir-me e tirar um curso.

Redacção de Fernanda de Campos, aluna da Escola Comercial do Barreiro. Mulher de operário. Tem um filho de cinco anos e «medo de não conseguir emprego com a idade que tem».

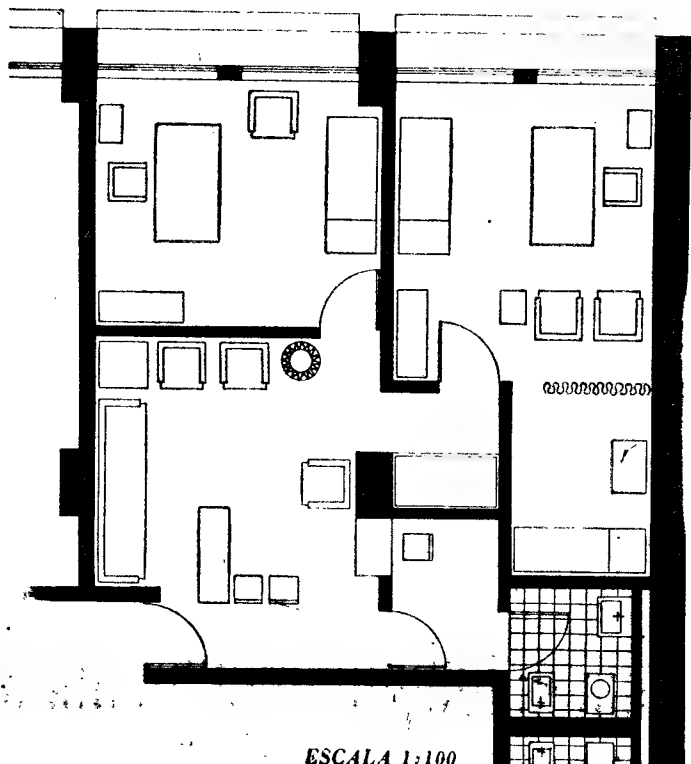
Recebido por

JOAO DE MATOS MADEIRA

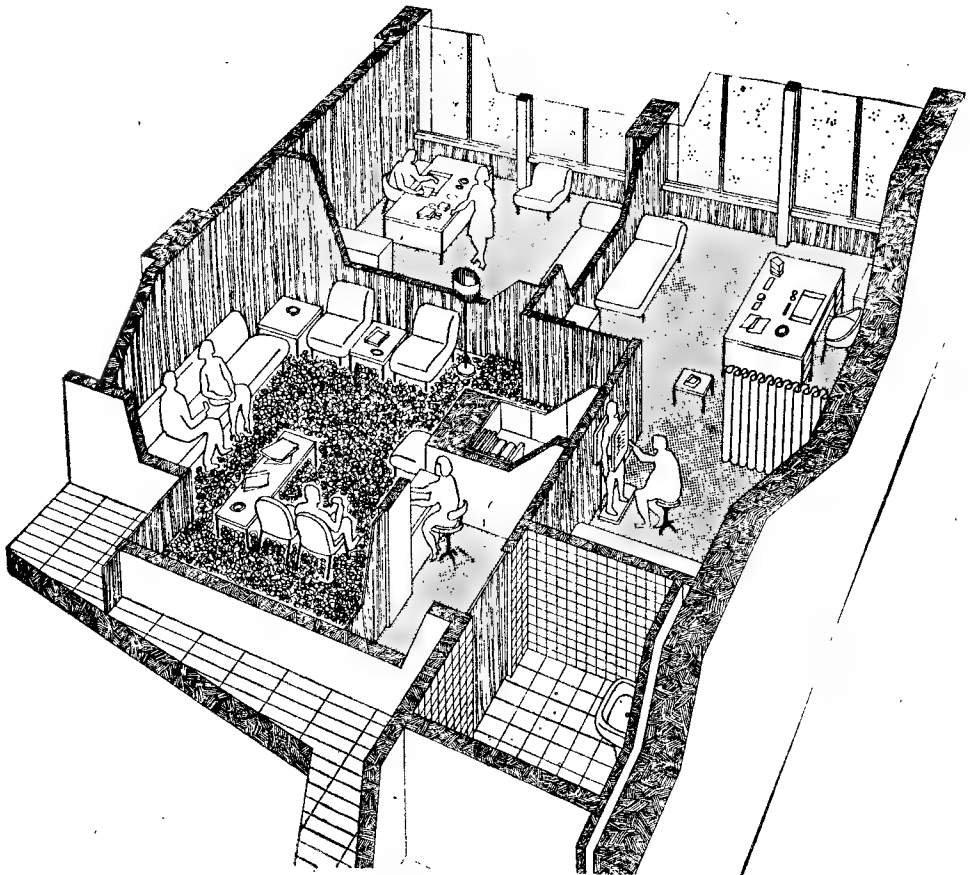
PROPRIEDADE HORIZONTAL NOS

edifícios AVIZ

A MELHOR APLICAÇÃO DE CAPITAL!



ESCALA 1:100



Exemplo de um consultório médico de

680.000\$00

Tecnical

R. Rodrigues Sampaio, 146 - 3.º D.º
Telefone 53 51 11 - 53 51 14 - LISBOA

ÁGUA É VIDA!



REGA POR ASPERSÃO



MANTENHA O VIÇO DOS SEUS CAMPOS
COM CHUVA ARTIFICIAL. DINAMIZE A
AGRICULTURA E GANHE DINHEIRO
A REGAR, A REGAR...

ESTUDO, PROJECTO E INSTALAÇÃO POR
GABINETE TÉCNICO ESPECIALIZADO.
ASSISTÊNCIA PERMANENTE QUANDO E
ONDE QUISER.

J. J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L.
AO SERVIÇO DA LAVOURA
AV. ELIAS GARCIA N.º 123 TEL. 77 91 91 / 2 / 3

mícro-gota
CARNEVALI

68-ra-01

PROIBIDA A ENTRADA NA ÍNDIA

A ASIÁTICOS
COM PASSAPORTE
BRITÂNICO

NOVA DELHI, 29 — (R.) —
A Índia proibiu hoje a en-
trada de cidadãos asiáticos
com passaporte britânico e
reserva-se o direito de estu-
dar a livre entrada de outros
indivíduos da Comunidade
Britânica.

A comunicação foi, quase simul-
tânea à aprovação do projecto de
lei pela Câmara dos Comuns britá-
nica, restringindo a imigração. Esta
medida afectará milhares de índia-
nos que vivem no Quênia e que po-
deriam agora querer regressar à
Índia.

Colisão de dois navios no Pacífico

SEATTLE, WASHINGTON, 29
— (A. N. I. e R.) — O petroleiro
norte-americano «Mandol II», de
25 000 toneladas, e o cargueiro ja-
ponês «Suwaharu Maru», que
transportava madeira, colidiram,
devido ao espesso nevoeiro, no
oceano Pacífico, 300 milhas a oes-
te da foz do rio Columbia —
anunciou hoje o serviço da guar-
da costeira.

Mais tarde foi comunicado que
os dois navios estavam a arder.

Entretanto, dois barcos da guar-
da costeira e um petroleiro peru-
ano — o «Transoceanica» — segui-
ram para o local a fim de socor-
rer os naufragos, cujo numero se
ignora, pois, as mensagens rece-
bidas nada diziam a esse respeito.

Sabe-se, contudo, que 23 tripu-
lantes do «Mandol II», que anda-
vam perdidos no nevoeiro, sem
salva-vidas, foram recolhidos por
um navio japonês que andava na
região.

MONUMENTAL LIQUIDAÇÃO

DE TELEVISORES E FRIGORÍFICOS

Um grupo de estabelecimentos retalhistas de Lisboa liquida a
preços abaixo do custo centenas de modelos de 1967, a fim de
lançar em breve as suas novas linhas de 1968.

Trata-se de unidades rigorosamente novas, com as garan-
tias habituais dadas pelos respectivos representantes das
marcas.

Uma autêntica parada das melhores marcas do mundo, nas suas
linhas do ano passado, que, em alguns casos, pouco diferem dos
modelos de 1968.

TELEVISORES

EKCO - GENERAL ELECTRIC - GRUNDIG - IMPERIAL -
LOEWE OPTA - NORDMENDE - PHILCO - PYE - PHILIPS -
PONTO AZUL - RCA - SCHAUB LORENZ - SIEMENS -
SYLVANIA - TOP RANK

FRIGORÍFICOS

BAUKNECHT - BOSCH - FIAT - FRIGECO - FRIGIDAIRE -
FRIMATIC - GENERAL ELECTRIC - INDESIT - KELVINATOR -
LINDE - NORGE - PHILCO - PHILIPS - SIEMENS -
WESTINGHOUSE

Esta liquidação durará apenas 15 dias e é rigorosamente
limitada ao stock actual de cada um dos modelos.

OS PRIMEIROS A CHEGAR ESCOLHERÃO MELHOR!

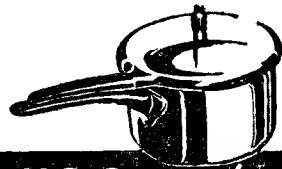
Rua Lucinda Simões n.º 9-A (em frente ao Mercado de
Arroios, à Praça do Chile)

TODOS OS DIAS DAS 9 ÀS 19 HORAS



Cozinhados dum saber
maravilhoso...

São fáceis de preparar (e de-
pressa) numa panela de pressão
DUROMatic, porque a duração do
cozimento é tão curta que os
alimentos conservam assim todos
os valores nutritivos e os sais
minerais, indispensáveis à saúde.
A DUROMatic é a mais econó-
mica e a mais segura panela de
pressão!



DUROMatic
A panela de pressão milagrosa

A VENDA EM TODAS AS CASAS
DE ARTIGOS DOMÉSTICOS

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE
LISBOA» encontra-se à venda na
TABACARIA CAMPINAS, Rua Jo-
aquim Sabino Faria, 18-A.



Um aspecto da cerimónia da homologação do contrato dos bancários

FOI HOMOLOGADO O NOVO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO DOS BANCÁRIOS

O ministro das Corporações, prof. dr. Gonçalves de Proença, homologou, esta manhã, durante uma cerimónia realizada no seu gabinete, as alterações ao contrato colectivo de trabalho dos empregados bancários.

Além daquele membro do Governo, apuseram a sua assinatura ao documento os srs. dr. Castro Fernandes, na qualidade de presidente do Grémio dos Bancários, os presidentes dos sindicatos de Lisboa e Coimbra, respectivamente srs. Rui Pimentel e Jorge Cotinha Rodrigues, e o sr. Abreu Cunha, em representação do Sindicato do Porto.

Além das individualidades acima citadas, encontravam-se, também

presentes o director-geral do Trabalho, dr. José Carlos Ferreira, o chefe dos serviços de Acção Social, dr. Luís Tomé, e os srs. Bustorf Silva, Patrício Gouveia e Arnaldo Gouveia, do Grémio dos Bancários bem como funcionários superiores do Ministério das Corporações.

Usaram da palavra o sr. Rui Pimentel, e em nome dos três sindicatos, o dr. Castro Fernandes e o prof. Gonçalves Proença, que salientaram a importância do documento.

O Contrato estabelece diversas modificações em relação ao anterior, incluindo um aumento de vencimentos entre 15 a 18%.

São da região de Viseu os saltimbancos que levaram de casa da mãe uma menina de onze anos

SOURE, 29 — São dos lados de Viseu os saltimbancos que levaram consigo uma rapariguinha do vizinho Casal dos Galegos, junto à Granja do Ulmeiro, após larga permanência na própria casa onde ela vivia com a mãe e nove irmãos. A G. N. R. desta vila exerce vigilância na região, tendo o comandante alertado os postos limítrofes.

A menina, de seu nome Maria Isabel Felício dos Santos, com 11 anos de idade, mostrava certa predilecção pelo convívio com os saltimbancos, dois homens e uma mulher. Tanto quanto se sabe, um deles, tocador de ganta-de-foles, chama-se José Rodrigues, e o outro, que tocava caixa de rufo, é de apelido Aires. Último elemento de identificação: a mulher, terceiro componente do grupo, viaja com uma criancinha de colo.

Entretanto, a apresentação da queixa no posto da G. N. R. desta vila deu lugar a um episódio inesperado. O irmão da Maria

Isabel, Jaime Felício dos Santos, que foi quem relatou o caso às autoridades, estava na situação de desertor do Exército, e ficou detido no posto.

UM OPERÁRIO ESPANHOL CONDENADO

MADRID, 29 — (R.) — O tribunal da Ordem Pública condenou a noite passada, o operário espanhol Jacinto Martín, a seis meses de cadeia por causa do seu livro «Comisiones Obreras», acerca do principal movimento sindical clandestino de Espanha.

O Tribunal decidiu que o livro tentara justificar uma associação ilegal. Foi confiscado, quando Martín o apresentou, no ano passado, ao Ministério das Informações, a fim de ser aprovado, antes de ser posto à venda.

O livro argumentava que as comissões de operários, actualmente fazendo uma campanha a favor de sindicatos, no estilo ocidental, em Espanha, deviam ser legalizadas.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital 250 000 contos
Sede — Rua do Comércio, 85 — Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 5 de Abril p. f. pelas 15 horas na sede da Associação Comercial de Lisboa — Rua das Portas de Santo Antão, 89 — com a seguinte ordem do dia:

Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1967.

A esta Assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 21.º dos Estatutos.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1968.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) António Augusto da Serra Lopes

Frank Sinatra restabelecido

MIAMI BEACH, 29 — (R.) — Frank Sinatra saiu ontem pela primeira vez, após estar retido durante duas semanas no leito, sofrendo de uma forma benigna de pneumonia.

O famoso cançonetista e actor, que apareceu com uma barba e um bigode respeitáveis, deverá inaugurar hoje um clube nocturno.

Emissão de obrigações da União Eléctrica Portuguesa

Por portaria do ministro das Finanças, foi a União Eléctrica Portuguesa, S. A. R. L., autorizada a emitir 25 000 obrigações do valor nominal de 1000\$00 cada uma, em título de 1, 5, 10, 50 e 100 obrigações, ao juro anual de 6 por cento, pagável semestralmente em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano, com início em 1 de Julho do ano corrente, correspondendo ao

tempo de efectivo desembolso dos obrigacionistas.

A autorização concedida para a emissão é válida por 90 dias e as amortizações serão feitas pelo valor nominal, semestralmente e por sorteio, nas mesmas datas dos pagamentos de juros.

É concedida a isenção total do imposto complementar e a redução a metade do imposto de capitais.

ANGEL REGOJO RODRIGUEZ

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Consuelo Fernandez Alfaya Concepcion Regojo Ucha, Cecilio Fernandez Fernandez e filhos, Maria do Rosário Regojo Ucha dos Santos, Orlando Neves dos Santos e filhos, irmãos, sobrinhos, cunhados e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza no sábado, dia 2, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (capela A), onde ficará depositado a partir das 21 horas de amanhã, dia 1, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, realizando-se no dia 2, pelas 9 horas, missa de corpo presente.

AGENCIA GIL

Angel Regojo Rodriguez

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

CONFECÇÕES J. R. RODRIGUEZ, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar aos seus estimados amigos, Clientes e Fornecedores, o falecimento do seu Director, Sr. Angel Regojo Rodriguez, e que o seu funeral se realiza no dia 2, pelas 10 h., da Igreja de S. João de Deus, (capela A), onde ficará depositado a partir das 21 horas de amanhã, dia 1, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, realizando-se, no dia 2, pelas 9 horas, missa de corpo presente.

AGENCIA GIL

Angel Regojo Rodriguez

FALECEU

GRANDES ARMAZENS DE S. ROQUE (A. REGOJO RODRIGUEZ, L.ª), cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus Clientes, Amigos e Fornecedores o falecimento do seu sócio-gerente, sr. Angel Regojo Rodriguez, e que o seu funeral se realiza no dia 2, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, onde ficará depositado a partir das 21 horas do dia 1, para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA GIL

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 50 — LISBOA

CAPITAL SOCIAL: 630 000 000\$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Comunica-se aos Snrs. Obrigacionistas que, conforme avisos publicados na Imprensa de 6 do corrente mês de Fevereiro, foram sorteados os títulos a seguir mencionados, os quais serão reembolsados a partir do dia 1 de Março próximo.

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números.

OBRIGAÇÕES DE 4% — 1949/1969

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

121	2201	2241	2641	4781	4901	6461	7861	8221	9181	10101	11321	17321
481	2221	2261	2681	4861	6001	6521	8111	8301	9881	10561	11821	—

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

17601	19041	20551	20841	21871	23411	24441	25571	26821	27171	28471	29471	—
17611	19391	20611	21091	22131	23541	24551	25971	27021	27701	28921	29971	—
18751	20371	20631	21561	22581	23551	25521	26381	27411	28001	29251	—	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

29006	31011	32796	34116	36186	38196	39651	40811	42516	43696	44876	45616	—
29956	31446	33236	34506	37121	38236	39656	40816	42651	43771	45056	45696	—
30206	31501	33261	34806	37186	38106	39781	40956	42851	43896	45241	45791	—
30276	31911	33336	35086	37556	38856	39921	41116	42876	43901	45261	46226	—
30486	32141	33621	35156	37481	39156	39926	41516	43231	43906	45151	46291	—
30606	32366	33721	36166	37871	39301	40511	41836	43406	44111	45516	46236	—
30626	32696	33871	36171	37901	39321	40651	41846	43486	44451	45526	46311	—
30506	32726	34371	36176	38106	39591	40801	41871	43691	44521	45536	—	—

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

46496	47828	48951	49980	50685	51597	52608	53625	54755	55682	57023	57949	58356
46674	47834	48952	49986	50733	51599	52654	53646	54776	55687	57036	57950	59113
46686	47846	48957	49999	50736	51623	52753	53693	54781	55692	57040	58018	59440
46695	47868	48962	50010	50752	51629	52793	53717	54793	55623	57060	58062	59454
46699	47876	48973	50027	50786	51683	52816	53779	54879	55627	57071	58077	59477
46730	47888	48990	50067	50812	51706	52868	53783	54905	55621	57092	58078	59532
46743	47911	49014	50084	50827	51758	52902	53862	54963	55626	57149	58086	59543
46779	47960	49033	50085	50811	51785	52908	53861	54938	55624	57185	58098	59625
46849	48000	49038	50103	50818	51816	52956	53911	55184	55639	57197	58103	59679
46867	48017	49061	50137	50893	51863	53059	53931	55263	55696	57202	58144	59687
46870	48050	49128	50160	50923	51865	53083	53935	55354	55698	57206	58216	59694
46984	48064	49221	50203	50968	51866	53113	53962	55382	55693	57212	58237	59720
47014	48079	49265	50227	50989	51872	53116	53999	55400	55681	57244	58255	59798
47036	48098	49274	50233	50995	51934	53145	54019	55476	55691	57334	58282	59810
47077	48101	49278	50249	51022	51990	53218	54058	55482	55695	57303	58329	59893
47125	48112	49368	50302	51022	52060	53224	54146	55510	55694	57511	58355	59894
47217	48165	49428	50305	51044	52090	53257	54151	55551	55699	57569	58393	59904
47221	48168	49448	50334	51090	52091	53291	54158	55561	55674	57578	58685	59914
47238	48218	49509	50370	51108	52155	53336	54162	55568	55673	57586	58726	59952
47258	48267	49521	50390	51144	52166	53366	54167	55627	55677	57587	58782	—
47322	48363	49604	50414	51183	52192	53383	54187	55659	55672	57589	58954	—
47330	48428	49607	50481	51199	52206	53396	54222	55677	55683	57610	58994	—
47347	48480	49610	50492	51212	52222	53421	54245	55658	55684	57641	59066	—
47484	48518	49642	50497	51243	52245	53426	54276	55692	55689	57678	59079	—
47503	48568	49666	50527	51310	52310	53465	54310	55699	55677	57778	59093	—
47550	48642	49736	50529	51331	52328	53485	54431	55775	55698	57790	59106	—
47610	48746	49832	50547	51348	52437	53488	54455	55917	55699	57813	59116	—
47627	48775	49883	50568	51328	52479	53491	54492	55957	55695	57832	59134	—
47716	48854	49897	50585	51462	52491	53512	54517	55973	55699	57857	59216	—
47727	48872	49927	50585	51470	52587	53566	54571	55988	55701	57880	59225	—
47740	48883	49950	50602	51544	52590	53576	54573	55997	55715	57926	59333	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1954/1982

TÍTULOS DE 100 OBRIGAÇÕES

66701 67001 69601 72001 73001 85801

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

88001 88881

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

91541	92171	93971	94291	95851	96531	96721	97671
92151	92541	93901	94821	96421	96591	97291	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

98546	99181	100021	101581	103076	103741	104021	104571	105006	105601
98626	99606	100716	102086	103651	103761	104241	104701	105286	106096
99091	99591	100811	102531	103691	104011	104321	104921	105541	106236

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

106432	106663	107049	107276	107619	107851	108158	108345	108667	109028	109240	109811
106501	106724	107050	107345	107650	107987	108186	108424	108670	109088	109397	109862
106510	106908	107144	107415	107743	108010	108258	108472	108713	109132	109464	109891
106524	106960	107160	107566	107809	108037	108328	108620	108794	109154	109518	109944
106651	107010	107261	107558	107837	108130	108311	108642	108936	109227	109800	109992

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1955/1982

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

111141

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

112631	115781	118741	121711	124571	127841	130041	133771	136661	—
112811	115931	119101	122201	124911	128631	131221	133971	136781	—
113241	116601	120321	122211	126291	128671	132021	135691	137001	—
113341	116881	121061	122601	126971	128971	132421	135961	137171	—
114771	117531	121141	122871	127101	129171	132611	136031	137471	—
114801	118211	121221	125521	127531	129711	132731	136391	138731	—

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

138956	140161	141116	143676	145496	147001	148406	149631	151831	152521
139241	140421	141811	143816	145876	147381	148996	150401	151851	—
139526	140691	142316	143886	146021	147601	149071	151101	151911	—
139586	140746	142611	143996	146181	147631	149371	151111	152021	—
139786	141101	142981	144981	146271	147991	149536	151171	152431	—
140156	141176	143371	145261	146421	148226	149571	151716	152491	—

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

152561	153524	154165	154864	155345	156605	157309	158052	158685	159454
152591	153699	154259	154867	155493	156630	157318	158067	158719	159483
152652	153715	154299	154866	155496	156664	157340	158074	158822	159496
152665	153719	154306	154862	155496	156691	157363	158076	158837	159507
152752	153728	154358	155017	155731	156734	157532	158105	158863	159510
152826	153734	154369	155048	155742	156851	157542	158117	158885	159520
152872	153737	154374	155113	155855	156893	157544	158186	159006	159523
153080	153769	154411	155123	155889	156916	157564	158206	159022	159532
153128	153787	154469	155165	155909	157031	157594	158261	159036	159699
153136	153824	154470	155190	155913	157076	157716	158445	159046	159749
153195	153889	154504	155210	155923	157088	157805	158449	159156	159901
153274	153892	154582	155229	155990	157095	157830	158523	159174	159991
153303	153919	154581	155243	156021	157110	157908	158548	159176	—
153339	153974	154630	155283	156043	157176	157961	158621	159191	—
153345	153984	154692	155295	156047	157258	157993	158658	159216	—
153402	154045	154693	155312	156048	157262	157996	158660	159228	—
153491	154089	154808	155323	156049	157286	158049	158664	159287	—

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1956/1983

TÍTULOS DE 100 OBRIGAÇÕES

163301 171601 175101 177801

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

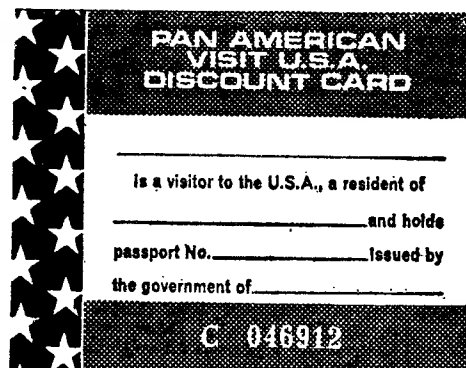
187261 188131 189141 189411

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

190271	192271	192966	193356	193566	193931	195306
190506	192296	193076	193406	193591	194361	195621
190511	192786	193116	193421	193511	195106	196946



O seu dinheiro vale mais agora 10% a 30% nos Estados Unidos



Graças ao novo Cartão da Pan American «Visit the U.S.A. Discount Card»*

Na América sempre houve reduções especiais para turistas. Mas agora a Pan American fez uma combinação de todos os melhores descontos já existentes, juntou-lhes vários outros novos e englobou tudo numa única fórmula: O Cartão de Desconto para visitantes dos Estados Unidos.

Se até aqui pensava que a América era proibitivamente cara, chegou a altura de reconsiderar. Consulte o seu Agente habitual ou a Pan American, onde lhe darão todos os esclarecimentos sobre a maneira de conseguir estas reduções espectaculares.

O Cartão de Desconto da Pan American dá-lhe agora direito a preços muito especiais nos estabelecimentos mais famosos e ainda a reduções que vão de 10 a 30% em hotéis de grande classe através de todo o País.

A maior parte das Companhias que fazem transporte aéreo dentro dos Estados Unidos concedem-lhe um desconto de 25%. A partir de

29 de Abril beneficia do mesmo desconto viajando de comboio.

Além disso, o seu Agente habitual ou a Pan American oferecem-se para lhe tratar de todas as reservas, pagando mesmo algumas antecipadamente.

Aconselhamo-lo realmente a assegurar os seus hotéis, a tratar do aluguer do seu carro ou a marcar as suas passagens de avião antes mesmo de partir.

Uma vez nos Estados Unidos, os «Centros de Hospitalidade» da Pan Am existentes nas 30 cidades principais estão ao seu dispor para esclarecimentos sobre a maneira de economizar em excursões, compras, restaurantes, etc.

Uma vez mais lhe lembramos que o seu Agente habitual ou o nosso escritório em Lisboa põem também à sua disposição estas informações, antes mesmo de sair de Portugal.

Naturalmente que a maneira mais económica de visitar os E. U. A. é inscrevendo-se numa

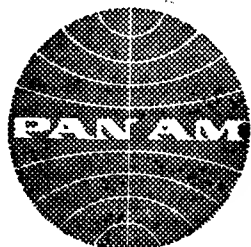
das muitas excursões organizadas pela Pan American. Também nesta escolha nos oferecemos para o ajudar.

Mesmo que tenha optado por uma excursão organizada, o Cartão de Desconto da Pan American concede-lhe reduções que vão de 10 a 30% sobre os preços oficiais em hotéis, restaurantes, aluguer de carros e outros serviços não incluídos no preço total.

Os Estados Unidos fazem questão em receber a sua visita. Aproveite esta oportunidade excepcional, graças ao Cartão de Desconto da Pan Am.

E não esqueça: Independentemente da maneira como viaje para os E. U. A., pode pedir o seu Cartão de Desconto em qualquer Agente Pan American ou directamente nos nossos escritórios em Lisboa ou nos Estados Unidos. Verá assim muito mais da América por menos dinheiro...

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa



A linha aérea de maior experiência no mundo

*Válido até 31 de Dezembro de 1968

DESPORTO

ZURICH: o inesperado aconteceu

SPORTING IGUAL A TEMPERATURA — TRÊS ABAIXO DE ZERO...

por FERNANDO MACEDO

Correspondente do «Diário de Lisboa» em Zurique

Aquilo que parecia incrível aconteceu: o Sporting perdeu em Zurich por 3-0, com 2-0 ao intervalo. Derrota sem apelo nem agravo. Não foi que os lisboetas jogassem mal: simplesmente o Zurich F. C. foi-lhes, e muito, superior. Os homens das margens do Limmat, que no domingo foram eliminados da taça suíça, num «match» em que pouco ou nada conseguiram fazer perante um adversário inspirado, o Lugano, superiorizaram-se aos verde-brancos, na defesa e no ataque. Em todos os 90 minutos de jogo, com algumas excep-

**ZURICH F. C., 3
SPORTING, 0**

ções, os suíços foram melhor à defesa, sem aplicar um ferrolho escrito, e aproveitaram melhor algumas das suas muitas oportunidades de gol; com efeito, se o resultado foi 3 a 0, poderia ter sido de 5 ou mesmo 6 a zero, pois os avançados do Zurich várias vezes se desbarataram no último reduto sportinguista, por vezes sem qualquer razão ou adversário à sua frente.

Perante uns 14 000 espectadores, entre os quais um meio milhar de portugueses, ostentando bandeiras e cartazes sportinguistas. No Zurich, destaque-se a presença de Sterli II. Com efeito, as autoridades militares deram-lhe a última hora autorização para estar presente no Letzigrund, integrado na sua equipa.

★

A iniciativa do ataque foi, desde o início, do Zurich. Todos os homens ao ataque, com Leimgruber e Munch protegendo o reduto defensivo. Todo o Sporting à defesa, menos Figuei-



LÍDIA FARIA NA MADEIRA

FUNCHAL, 28 (L.) — Segundo se anuncia nesta cidade, a conhecida atleta do Sporting Clube de Portugal, Lídia Faria, campeã nacional e detentora de vários «records» nacionais de atletismo, deslocar-se-á brevemente ao Funchal, acompanhada de mais duas ou três colegas, a fim de tentar divulgar a modalidade no meio feminino da Madeira.

A deslocação da referida atleta do Sporting Clube de Portugal e das suas companheiras será brevemente apreciada e estudada pela Associação dos Desportos da Madeira.

redo e Lourenço. Marcação sportinguista de homem a homem. Marcação por zonas do Zurich. Os avançados do Zurich, lançados por Martinelli, em vagas sucessivas, contra o Sporting. A insistência suíça teve o seu prêmio aos sete minutos. Punido carga de Gonçalves sobre Kuhn, marca-se um livre. Kuhn marca, do lado esquerdo, e Winiger recebe a bola de cabeça atirando sem qualquer defesa possível. O Zurich continua a sua toada de jogo, dominando territorialmente, com várias outras possibilidades de marcar. Mesmo assim, o Sporting não deixa de tentar a sua «chance», e Grobb, aos 10 minutos, tem que esforçar-se sobremodo para defender tiro de Figueiredo. O Zurich continua o seu jogo velocíssimo, com revoadas de ataque; os lisboetas contra-atacando sem inspiração. Havia um certo desconcerto por parte dos sportinguistas afligidos pelo frio — 3 graus negativos.

Carvalho, em noite inspirada, e obrigado a intervir bastas vezes em defesas, algumas delas de grande valia e muito aplaudidas pelo pu-

**CARVALHO (brilhante)
evitou uma maior
punição**

blico. Aos 24 minutos, nova oportunidade seria de gol do Zurich — uma de muitas. Carvalho defende «in extremis», a pontapé. Aos 29 minutos, a concluir uma bela ofensiva de Meyer e Kunzli, nova intervenção de Carvalho, em grande estilo. A defesa sportinguista parece tolhida e não consegue deter a toada ofensiva zuriquenha. Por vezes, reina a confusão nessa defesa sportinguista. O ataque reage, sem convicção, pois os defensores suíços nada deixam passar. A toada ofensiva dos suíços é tão avassaladora que vemos Munch em frente das redes defendidas por Carvalho.

O primeiro tempo termina com um segundo tento do Zurich. Falta um minuto para o termo, quando a insistência dos dianteiros helvéticos teve seu fruto. Meyer recebe a bola de Martinelli, e com um potente tiro, atira sem que Carvalho tivesse qualquer possibilidade de defesa. O público invade o campo, ainda antes do árbitro apitar para o intervalo.

★

Com o segundo tempo, o Sporting mostra-se mais animoso, com ataques mais bem organizados. Mas por pouco tempo, pois o Zurich logo

recomeça os seus ataques e contra-ataques em velocidade incrível. A linha dianteira, em noite de grande inspiração, não cessa de criar situações de perigo para os verde-brancos. Armando, aos cinco minutos, põe as suas próprias redes em terrível perigo, mas Carvalho consegue salvar, uma vez mais, a situação. Aos nove minutos do segundo tempo, incidente, o único, entre Lourenço e Leimgruber. Este é tocado, cai, mas levanta-se para tentar agredir o adversário, no que é impedido pelos seus companheiros. Quatro minutos depois, o «capitão» do Zurich sai do campo, substituído por Kyburg. Neste mesmo momento, confusão em frente da rede sportinguista com Carvalho defendendo «in extremis». Aos 19 minutos, entra João Carlos, para o lugar de Figueiredo, tocado. Acossa mais agora o Sporting as redes de Grob, que é obrigado a algumas belas defesas. O Sporting, porém, ataca sem conjunto, em toada arritmica. Aos 26 minutos, Lourenço quase marca, mas Grob, atento, defende para «cantos». Entretanto, aos 28 minutos, Caló substitui Gonçalves, que sai coxeando e inferiorizado fisicamente.

Nota-se um certo cansaço de ambas as equipas, o que é natural, pois até agora o jogo tem sido desenvolvido com velocidade por vezes impressionante. O Sporting ataca um pouco mais, pois os homens de Zurich retraem-se nestes últimos momentos.

O público incita o seu «team», e de novo o Zurich se lança ao ataque, bem apoiado pela sua defesa. Os irmãos Sterli, Martinelli, Winiger e Meyer impõem uma toada de jogo alegre. Aos 42 minutos, Carvalho concede «canto», numa defesa magnífica a terrível remate de Kunzli. E surgiria, com certa naturalidade, o terceiro gol do Zurich. O resultado estava feito. E o jogo termina com o Zurich ao ataque. O Sporting teve que baixar bandeira perante um adversário superior. Arbitragem justa, embora o terceiro tento tivesse sido uns «dai-vos de off-side».

Grande exibição do Zurich perante um Sporting apático e sem genia.

Arbitrou o alemão de Leste Wolfgang Riedel, tendo os seus compatriotas Bader e Zuelov como auxiliares, e as equipas alinharam:

ZURICH — Grobb; Neumann; Munch, F. Sterli, Leimgruber e X. Sterli; Martinelli e Kuhn; Winiger, Kunzli e Meyer.

SPORTING — Carvalho; Pedro Gomes, Armando, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Dani; Márinho, Lourenço, Figueiredo e Manuel Duarte.

Na segunda parte a equipa portuguesa fez entrar Caló e João Carlos para os lugares de Gonçalves e Figueiredo, respectivamente.



A jornada de Zurique foi inesperadamente sombria para o Sporting. Um jogador, porém, se elevou a grande altura, anulando as possibilidades de um desfecho desalentador: o guarda-redes Carvalho, que vemos, nesta foto, em atitude que define a sua categoria

O QUE DISSERAM OS INTÉRPRETES

SERÁ DIFÍCIL (EM LISBOA) ANULAR ESTA DESVANTAGEM...

— reconhece FERNANDO CAIADO

Não se nos depararam quaisquer dificuldades para registar os depoimentos dos responsáveis e de alguns intervenientes, após o encontro. Fernando Caiado, o técnico «leonino» foi o primeiro a depor neste breve inquérito:

«O Zurich agradeceu-me muito. A minha equipa, por seu turno, não rendeu o seu melhor. Devo destacar Carvalho, Gonçalves e Hilário. O Zurich, Kohn, Martinelli, Winiger, muito rápidos. O Sporting no entanto poderia alterar o marcador, embora deva reconhecer que o Zurich também perdeu algumas oportunidades. O Zurich mereceu a vitória, sem dúvida. O frio, contribuiu, talvez, para um certo contratamento do «onze» sportinguista. Será difícil conseguir em Lisboa anular a desvantagem.»

Ouvimos a seguir, o guardião Carvalho:

«Jogo excelente do Zurich. Há muito que não via um «team» jogar com ritmo tão veloz. Algo de diabólico. O resultado foi justo, e podia ser mais avultado ainda. O Sporting, no entanto, merecia um ou dois golos. Nenhuma das bolas

marcadas tinha defesa. Quanto ao terceiro tento, foi «off-side»... Não há dúvida.»

Também o dirigente Abraão Sarin nos declarou:

«Para mim o terceiro gol foi «off-side». O árbitro viu o «líbero» assinalá-lo, mas não fez caso e deixou o jogo prosseguir.»

Finalmente «capitão» José Carlos:

«O resultado corresponde ao jogo. O Zurich foi superior, e ganhou justamente. Mas o frio era muito.»

Lew Mantula — satisfação e optimismo

Na cabina dos suíços havia um compreensível sentimento de euforia. A vitória, ou melhor a sua expressão, abre amplas perspectivas ao clube helvético. O treinador do Zurich, MANTULA, «insivelmente satisfeito», confessou-nos:

«Estou contentíssimo com o resultado alcançado. O meu «onze» jogou para ganhar. Sentimo-nos optimistas quanto ao resultado do jogo da segunda mão, pois deve ser difícil ao Sporting anular a diferença de três golos. Mas tudo pode acontecer, devo dizer. Temos o campeonato suíço a correr e tenho que contar com o complexo de inferioridade que sempre acompanha os jogadores suíços nas suas idas ao estrangeiro. No terceiro gol foi tudo tão rápido, que nada posso declarar... Aliás gostei da arbitragem, muito facilitada, quase sempre, pela correcção dos jogadores. Do Sporting destaquei Carvalho, Gonçalves e José Carlos.»

Por seu turno FURKER, o director do clube suíço, a quem foram confiados os contactos com a imprensa, confidenciou-nos:

«Excelente jogo e excelente vitória. Os jogadores do Sporting muito individualistas, tiveram que se render perante o melhor jogo do meu clube.»

Era inevitável ouvir NEUMAN, o homem que alcançou o discutido 3.º gol, aquele que talvez tenha significado o «arrumar da questão». O «líbero» suíço disse-nos:

«Hoje o Sporting deve ter jogado abaixo das suas possibilidades. A segunda mão em Lisboa vai ser difícil para nós. No terceiro gol, o que marquei, eu não estava «off-side». Kunzli, sim, esteve, por momentos. Mas a vitória por três golos aceita-se, e reflecte bem a diferença entre as duas equipas, neste jogo. Do Sporting, gostei muito de Carvalho e de Gonçalves.»

F. M.

RETALHOS DA IMPRENSA HELVÉTICA

ZURICH, 29 — Como é natural, toda a Imprensa suíça destaca, com exuberância, a magnífica vitória do Zurich F. C. sobre o Sporting, não escondendo o seu entusiasmo pela actuação do grupo helvético, nem a sua decepção pela fragilidade da oposição portuguesa.

Aqui temos breves transcrições:

* «Tages Anzeiger» (Zurich):

«Brilhante, o Zurich derrota o «leader» português (título). Os portugueses demonstraram ter técnica subtil de futebol; mas jogaram sem chama... O frio e o terreno duro do «Letzigrund» foram adversários inesperados. O vencedor demonstrou possuir futebol veloz e ágil e a sua vitória foi mais do que merecida e podia ser ainda mais pronunciada... Foram noventa minutos de futebol de alta qualidade.»

* «Blick»: «Com extraordinária vontade e enorme poder atlético

e técnico, os suíços condenaram os portugueses favoritos a uma posição estática... Os do Zurich corriam em direcção das redes do Sporting como bombeiros... Um festival do Zurich.»

* «La Suisse» (Genebra): «Os portugueses atacaram sempre de maneira desorganizada nunca conseguindo pôr a defesa do Zurich em perigo... Foi o sistema de jogo do Sporting, que pode ser posto em causa. Um sistema que facilitou a tarefa do Zurich. O Sporting com a defesa em linha e marcação larga de zona permitiu aos suíços atacar facilmente em profundidade...»

* «Tribune Lausane»: «Esperávamos dos portugueses futebol alegre, preciso, rápido, mas o futebol vivo e fluido vimos-lo por parte do Zurich que foi real, intocável, seguro de si mesmo e superior física e tecnicamente... O ataque suíço desmantelou por completo a defesa lusitana. O ataque português não teve mobilidade.»

* «Sport»: «Vitória brilhante de um Zurich surpreendente. O Sporting inferiorizou-se e o «team» que vimos em «Letzigrund» não pode ser o que comanda o campeonato de Portugal.»

O Dukla triunfou no Torneio de Viareggio

VIAREGGIO, 29 — (F. P.) — A equipa do Dukla de Praga venceu o Torneio Internacional de Juniores disputado nesta cidade, batendo o Juventus de Turim por 2-1.

As duas equipas tinham empatado por 1-1, mesmo depois de prolongamento, na segunda-feira. Por esse motivo, tiveram de disputar novo encontro.

Classificação do torneio:

1.º, Dukla de Praga (Checoslováquia); 2.º, Juventus de Turim (Itália); 3.º, Nápoles (Itália); 4.º, Vojvodina (Jugoslávia).

DESPORTO



Aparatosa tentativa de remate de um jogador sportinguista, no jogo Benfica-Sporting de ontem à noite

(NACIONAL) DE HANDEBOL DE SETE

Num jogo emocionante o Benfica venceu o Sporting

A força da tradição venceu a chuva, e o público compareceu em numero avultado. Era mais um embate entre as duas melhores equipas lisboetas de handebol de sete. Nos últimos encontros o equilíbrio tinha sido notório. Um triunfo para cada lado.

Desta vez o facto repetiu-se. O jogo era importante. Tratava-se do campeonato nacional e Benfica e Sporting têm o título nas suas aspirações.

Os «leões» iniciaram o encontro de maneira impressionante. Tudo fácil e 3-0! O Benfica reagiu foi aos 5-5 e no lance seguinte colocou-se em vencedor. Daí até ao intervalo, nasceu a emoção que viria a reinar até perto do final. Mais três situações de igualdade, a dez golos a assinalar o termo da primeira parte.

O Sporting parecia querer recomençar tal como iniciara o jogo e marcou dois golos consecutivos. Mas estava escrito que a história do encontro seria a da dúplica e por mais seis vezes surgiu a igualdade, até aos 19-19. Ora venciam os «leões»; ora venciam os «encarnados», mas naquele momento e num repente o Benfica com 21-19, assegurou o triunfo, que não foi abalado com mais um golo «leão».

Disposto de menos jogadores, o Benfica jogou muito bem estrategicamente e com muito tacto, enquanto o Sporting se perturbou em demasia com a insistência do seu adversário em responder às suas tentativas de superioridade. E os benfiquistas fizeram-no com êxito e com justiça.

Fernando Miraltes, um veterano da arbitragem defendeu-se. Teve muitos erros mas ao fim e ao cabo não influiu no desfecho.

Valdemar, Pintado, Martins e Oliveira, foram muito bem acompanhados pelos restantes nos vencedores. Bessone, Mesquita, A. Marques e por vezes Luís António, os melhores nos vencidos.

Ténis de Mesa

O DESP. AZAMBUJA VENCEU

O CENTRO CATÓLICO (5-3)

Os dois jogos ontem à noite realizados do Campeonato Regional de Juniores, de ténis de mesa, tiveram os seguintes resultados: Bela Vista-Intendente, 0-5 e Desportivo da Azambuja-Centro Católico, 5-3.

O Sporting que defronta amanhã o Benfica, na «mesa» de Alvalade, continua no comando da classificação.

Assinada a escritura, em sessão solene

BENFICA: PRENDA DE ANOS DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Com uma sessão solene, que teve lugar no Pavilhão de Desportos do Estádio da Luz, comemorou ontem o Sport Lisboa e Benfica 64 anos de glória e de prestígio ao serviço do desporto.

E não poderia o poderoso baluarte que é o clube da Luz festejar de melhor forma tão bonita idade, ao integrar nas comemorações, a assinatura da escritura de doação dos terrenos, que o presidente da direcção, comendador Adolfo Vieira de Brito quis ofertar ao clube como prenda de aniversário.

Com a presença de muitos associados que acorreram ao pavilhão, vistosamente decorado com as bandeiras nacional e do clube, presidiu ao acto o dr. José Maria Gaspar, ladeado pelo prof. Santos Guerreiro, comendador Vieira de Brito, dr. António Catarino Duarte e ainda pelo presidente do Vitória de Setúbal, Fernando Pedrosa.

O discurso de abertura esteve a cargo do associado dr. Luís Viana de Carvalho, que historiou a vida do Benfica, ao longo destes 64 anos de actividade brilhante no desporto e as mais refulgentes conquistas dos «encarnados» no plano internacional.

A seguir, o comendador Adolfo Vieira de Brito, antes de se proceder à assinatura da escritura de doação, teve palavras de incentivo para a união de todos os benfiquistas de molde a que «possamos ser não só os maiores, mas também os melhores».

Após a assinatura do documento, sublinhada com muitos aplausos, foram entregues aos senhores, arquitectos Croft de Moura e Rui Sousa Guedes as «águia de prata» com que foram galardoados.

Também foram entregues emblemas aos sócios com 50 e 25 anos de filiação clubista.



O presidente da direcção do Benfica, Adolfo Vieira de Brito, quando assinava o termo de doação, ao clube, de terrenos para a construção de um centro de estágio

PELA F. P. F.

Jacinto 5 jogos Manuel Oliveira 30 dias

Reuniu-se ontem o conselho de disciplina da F. P. F. que decidiu aplicar os seguintes castigos:

1.ª Divisão — Jacinto José Martins Santos, do Benfica, 5 jogos. Manuel Oliveira Santos, treinador do Belenenses foi punido em 30 dias de suspensão e a multa de 500\$00.

2.ª Divisão — Manuel Rocha Carvalho Coelho, do Lusitano de Évora, 3 jogos.

Juniores — António João Rodrigues, do Luso, 3 jogos; João Manuel Santos Henriques, do Farense, 2 jogos, e Joaquim José Carmo Vieira, do Olhanense, 1 jogo.



O antigo futebolista Jacinto recebeu ontem o «emblema de dedicação» do Benfica, que lhe foi entregue pelo comendador Adolfo Vieira de Brito

Futebol na Europa A JORNADA INTERNACIONAL DE ONTEM

LONDRES, 29 — (A. N. I.) — Resultados dos vários jogos de futebol para as competições europeias, disputados ontem:

«Taça das Nações Europeias» (Grupo 8): País de Gales-Irlanda do Norte, 2-0, em Wrexham.

«Taça dos Campeões Europeus» (quartos-de-final): Juventus (Itália)-Eintracht de Brunswick (Alemanha Federal), 1-0, em Turim (o resultado das duas «mãos» é de 3-3, sendo necessário terceiro jogo).

Manchester United (Inglaterra)-Gornik de Zabrze (Polónia), 2-0, em Manchester (primeira «mão»).

«Taça dos Vencedores das Taças» (quartos-de-final, primeira «mão»): Standard de Liege (Bélgica)-A. C. de Milão (Itália), 1-1 em Liege.

«Taça das Cidades com Feira» (oitavos-de-final): F. C. Zurich (Suíça)-Sporting (Portugal), 3-0, em Zurich (primeira «mão»).

Goztepe (Turquia) - Vovodina de Novi Sad (Jugoslávia), 0-1, em Istmir (o Vovodina qualificou-se com 2-0 nas duas «mãos»).

Jogo particular: Espanha-Suécia, 3-1, em Sevilha.

ROLANDO E SUCENA (DO F. C. PORTO) AFASTADOS DA EQUIPA

A direcção do F. C. Porto, na sua reunião de ontem, instaurou um inquérito aos seus futebolistas Rolando e Sucena, suspendendo-os de toda a actividade, com perda dos respectivos vencimentos.

Esta decisão foi tomada por proposta do departamento de futebol do clube nortenho, estando também previstos outros castigos para alguns dos jogadores que alinharam no passado domingo no Larvadio contra a Ouf.

O TOTOBOLA PREPARA UM TRIMILIONÁRIO

A ausência de «trezes» no concurso que ficou a assinalar os máximos de receita até hoje registados no nosso Totobola, constituiu uma coincidência extraordinária, da qual resultou, em primeira análise, ter sido privado um dos autores dos 8 milhões 809 mil 417 apostas recebidas — da possibilidade de, num único golpe de sorte, se ver promovido a invejável situação de trimilionário.

Segundo aspecto a considerar, foi o de os «dozes» terem rendido compensações vultosas (180 contos cada um!), já que as surpresas futebolísticas da jornada, obstando à existência de totalistas, restringiram, também, a quantidade das aproximações, que ficaram reduzidas a 17: no Continente, 11; em Angola, 4; e na Guiné e em S. Tomé, um em cada.

Finalmente, para caracterizar, mais ainda, este concurso de Domingo Gordo como acontecimento totobolístico surpreendente, acabou

por verificar-se que os acertantes em «onze» resultados (no total, 251), colheram bom proveito dos magríssimos investimentos realizados, cobrando cada um a quantia de 12 191\$60.

Facto saliente e que bem merece ser sublinhado, foi o de todos os acertantes em «doze» resultados terem jogado em apostas simples — gastando, alguns deles, apenas 3\$00, e nenhum mais do que 15\$00...

O concurso desta semana, incluindo os cinco encontros da I Divisão e oito da II, envolve-se, para os totobolistas habituais como para o público em geral (entre o qual, sem dúvida, existem potenciais candidatos à vida agradável dos multimilionários...), de grandes aliciamentos, já que alguns dos jogos, senão a maioria, sendo de previsão difícil, oferecem a perspectiva de novas e vertiginosas surpresas.

Agora que a meta dos 3000 contos para cada prémio foi ultrapassada, o Totobola provoca mais e mais as imaginações...

BRUNDAGE ADVERTE:

OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO PODEM PARTICIPAR NOS JOGOS OLÍMPICOS

O sr. Avery Brundage, regressado contra em S. Francisco, regressado da sua extenuante viagem à Europa, para, como presidente do Comité Olímpico Internacional, assistir aos Jogos de Inverno, de Grenoble, e também para prosseguir na sua persistente campanha a favor da pureza dos ideais do Olimpismo.

Na sequência desta sua viagem o sr. Brundage além de visitar o nosso país, esteve também em Madrid, Paris e Londres. E, tal como em Lisboa, também naquelas capitais concedeu conferências de imprensa — onde, diga-se de passagem, foi bastante mais loquaz que frente aos representantes dos órgãos de informação lusitanos.

Em Londres foi muito mais claro quanto ao problema da admissão da África do Sul e à ameaça de «boicotagem» aos jogos por parte de certos países. E em Ma-

dríd, entre muitas informações importantes fez esta advertência que envolve grandes susceptibilidades: «Os professores de educação física não podem participar nos jogos olímpicos».

E concretizou: «As nossas normas são bem claras: os competidores devem ter uma profissão alheia ao desporto. Portanto os atletas que sejam monitores ou professores de educação física não podem participar nos Jogos Olímpicos».

«Reservas» da A. F. L.

O BENFICA NO RESTELO NA PRÓXIMA JORNADA

O sorteio, ontem à noite realizado na sede da Associação de Futebol de Lisboa, referente à nova jornada da Taça Visconde da Asseca, determinou para o Estádio do Restelo, o encontro entre o Belenenses, que necessita vencer para continuar em prova, e o Benfica, actual «leader» da competição.

Por seu turno o Sporting defrontará, no Estádio de Alvalade, a equipa do Alhandra.

Ambos os encontros estão previstos para as 16 horas do próximo sábado.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS GERAIS — No Clube Atlético de Queluz, às 21 e 30 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Basquetebol, 9.ª jornada; Acad. Militar-Técnico; I. N. E. F. Ciências; Naval-Medicina; Agronomia-Belas-Artes e Economia-Direito, no Pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30.

GINÁSTICA — Às 22 horas, na F. P. G., posse da Comissão de Divulgação de Ginástica Moderna.

TÉNIS DE MESA — 1.ª jornada do Torneio Popular de Seniores, por equipas, nas mesas da Ajuda, Alvalade, Lusitano, Bairro Taxa, «Os Económicos» e S. L. Águia.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES
DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.º programa — 45 m —
655 kc/s — As 16: Noticiário; 6 e 05:
Luz no horizonte; 17: Canções do reggae
tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e
35: Do Choupo até à Lapa; 18 e 05: Su-
cessos franceses; 18 e 20: Programa da
mulher, por Maria Emília Cançote de
Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musi-
ca e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade;
19 e 50: Música, só música; 20: Diário
sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e
40: 21.º episódio do folhetim «Edmundo
Keens»; 21: Jornal de actualidades; 2 e
30: Música ligeira instrumental; 21 e 40:
Tam maior; 22 e 30: Orquestras ligeiras;
23: Noticiário — Boletim meteorológico;
23 e 05: Programa da noite; 23 e 40:
Serenata de Coimbra; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 155 kc/s —
As 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera
«Russalka»; 18: Música do século XX —
Obras de Goffredo Petrassi; 19: Horizon-
te, semanário de Letras e Artes; 9 e 30:
Folclore português — Música da Beira
Alta e da Beira Baixa, recolhida por Ar-
tur Santos; 19 e 45: Música de piano, de
Villa Lobos, por Magda Tagliaferro; 20:
Diário sonoro — Música Sinfónica — Aber-
tura «La Bella Greca» (Cimarosa); Or-
questra «Canta-Sol», dirigida por Ettore
Gracis; 20 e 30: Concerto pelo coro ar-
gentino de rapazes «Ninos cantores de
Mendoza»; 20 e 47: Para uma criança
que vai nascer (Fernando Lopes Graça);
Academia de Instrumentistas de Câmara;
21: Trio em sol menor op. 8 (Chopin); 21
e 30: Panoramas da História, pelo Dr.
João Amal; 21 e 50: Recital pelo pian-
ista Caio Pagano, preenchido com obras
de Guarnieri — Sonata n.º 6 e dois pen-
teios; 22 e 11: Concerto em ré maior
(Telemann) — Adolf Scherbaum (trompe-
te) — Ora. de Câmara «Pro Arte», de
Munich, dirige Kurt Redel; 22 e 20:
Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ociden-
te; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em FM) — 94,3
mc/s — As 23: Música de piano; 23 e
30: Festival de Estrasburgo de 1967 —
em gravações cedidas pela Radiodifusão
Televsão Francesa; 0 e 17: Noneto em
ré maior op. 31 (Louis Spohr) — Quineto de
sopro de Nova Iorque; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 034 kc/s —
As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e
o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 8
e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo
aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e
15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal
dos espectáculos; 20 e 45: Canções bé-
licas; 21 e 08: Uma voz; 21 e 15: O que
se escreve, o que se lê; 21 e 20: Um
Idolo da canção; 21 e 30: Hot Club; 22
e 02: Musicalmente quase tudo; 22 e 30:
Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande
radio; 0 e 02: «P. B. X.»; 21: Contacto;
3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário
rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s —
As 16: Clube das Donas de Casa; 17
e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em
órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e
02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fi-
delidade Philips; 1 e 03: Banda sonora;
2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m —
782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.;
18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu
mundo; 18 e 45: «Matinées» teatral; 19
e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 25:
Rubrica Knorr; 19 e 30: Robbiolac; 19
e 45: Melodias para si; 20 e 03: Rádio Pla-
card; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: «Crô-
nica Feminina»; 21: Orquestra; 21 e 5:
Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02:
Banda de som; 22 e 30: Clube da Juven-
tude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286
kc/s — As 16: Radiograma; 18: Conta
Strelia; 18 e 25: Boletim religioso; 8 e
30: Terço e bênção da basilica dos Márti-
res; 19 e 05: Crítica de livros recebidos;
19 e 10: Música seleccionada; 19 e 25:
Leitura do programa e boletim do S. C.
R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Notici-
ário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades;
21 e 30: Canções portuguesas; 21 e 45:
Solos de órgão; 22: Quando o telefone
toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45:
Música de Espanha; 23: A 23.ª hora;
2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169
kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma or-
questra; 18 e 15: Noticiário regional e
boletim de filmes e religiosos; 18 e 30:
Terço, da basilica dos Mártires, em Lis-
boa; 19 e 05: Programa de Lisboa; 19 e
25: Resumo do programa, publicações re-
cebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Pá-
gina um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55:
Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Cha-

madas musicais; 22: A música é boa com-
panhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.
EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA —
Onda média — 88 m — 594 kc/s —
94,4 mc/s: Rádio Peninsular — Das 7 às
Das 14 e 30 às 19 e 30

PROGRAMA DA TV

As 9: TV Educativa; 9 e 30: Telejornal (1.ª edição) e Agenda da praça; 19 e 50: Harmonia e bom gosto; 20 e 20: Filme infantil: «Carrosse Mágico»; 20 e 30: Vamos jogar no Totobola; 20 e 45: Sangue na estrada; 21: Segredos no mar; 21 e 30: Telejornal (2.ª edição) e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim: «Dr. Kildare», com Richard Chamberlain e Raymond Massey; 22 e 55: Variedades: Gilbert Bécaud «Show», um programa da televisão alemã; 23 e 20: Série dramática: «Verdade»; 23 e 50: Telejornal (3.ª edição, últimas notícias), Meditação e fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — As 14 e 40, Curso Unificado da Televisão; 19, TV Educativa;
19 e 30, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50, Série Juvenil — «As Aventuras do
Seaspray»; 20 e 15, Carrosse Mágico; 20 e 20, Programa da Agência Geral do U-
tramar; 20 e 40, Música Brasileira: Obras de Camargo Guarnieri, pela cantora Edmar
Ferretti; 21, Cantos TV; 21 e 30, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55,
TV Clube, com Maria da Glória e Valério Silva; 22 e 20, Série Dramática; 23 e 15,
Cinema sem Estrelas; 23 e 40, Telejornal Meditação e Fecho.

TUDOR

PILHAS
BLINDADAS
ESTANQUES

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efe	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% 1 0	550\$00	—	550\$00
Consolidado 3 1/2% 1 0	590\$00	585\$00	590\$00
Consolidado 3 1/4% 1 0	660\$00	658\$00	662\$00
Centenários 4% 940	1.520\$00	1.515\$00	1.525\$00
Obrs. Tes. 2 1/2% 942	—	—	—
Obrs. Tes. 2 1/2% 943	—	—	—
Obrs. Tes. 2 1/2% 944	—	—	—
Externa 1.ª série	—	—	—
Externa 2.ª série cor	—	—	—
Externa 3.ª série	—	—	—
Externa 4.ª série cor	—	—	—
Externa 5.ª série cor	—	—	970\$00
Externa 6.ª série cor	—	230\$00	250\$00

OBRIGAÇÕES	Efe	Compra	Venda
Agua de Lisboa 5%	—	—	—
C. P. 4 1/2%	940\$00	935\$00	940\$00
Gás e Electricidade 3 3/4%	—	820\$00	—
Gás e Electricidade 4%	—	820\$00	—
Gás e Electricidade 4 1/2%	—	850\$00	—
Gás e Electricidade 5%	—	930\$00	—
H. E. Dourado	—	845\$00	—
H. E. Norte de Portugal	—	870\$00	—
H. E. S. Estrela	—	800\$00	—
Metropolitano	920\$00	915\$00	925\$00
Patrocinadora	—	—	—
Sonete	785\$00	780\$00	790\$00
T. A. P.	—	890\$00	—
Termoelectrica Portuguesa	—	—	—
U. Electrica Port. 3 3/4%	—	83\$00	—
U. Eléct. Port. 4%	—	85\$00	87\$00
U. Eléct. Port. 4 1/2%	—	85\$00	87\$00
U. Eléct. Port. 5%	84\$00	84\$00	—
U. Eléct. Port. 5 1/2%	84\$00	84\$00	—

ACCÕES	Efe	Compra	Venda
Bancos	—	—	—
Agricultura	950\$00	—	955\$00
Alentejo	635\$00	625\$00	640\$00
Angola	1.480\$00	1.470\$00	1.490\$00
Burnay	—	2.980\$00	3.000\$00
Crédito Predial	1.920\$00	1.911\$00	1.920\$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa e Açores	—	—	2.800\$00
Portugal	—	—	—
Português do Atlântico	—	—	—
Totta-Aliança	—	3.880\$00	4.100\$00
Ultramarino	1.465\$00	1.465\$00	1.470\$00
Seguros	—	—	—
Fidelidade	—	280\$00	290\$00
Mundial	—	—	—
Sagrés	—	—	—
Soberano	—	—	—
Togus	—	—	—
C. Ultramarinas	—	—	—
Açúcar de Angola	—	780\$00	790\$00
Ag. Casseque	—	560\$00	565\$00
Ag. Colonial	—	90\$00	—
Ag. das Neves	—	85\$00	—
Borja	—	—	—
Cabinda	—	81\$00	90\$00
C. A. D. A.	64\$00	64\$00	64\$50
Col. do Buz	1.260\$00	258\$00	1.262\$00
Diamantes	—	—	650\$00
Illa do Príncipe	—	900\$00	1.000\$00
Incomati	—	445\$00	465\$00
Labito	—	—	45\$00
Moçambique	—	—	250\$00
Sonete	—	—	—
Zambézia	44\$00	44\$00	45\$00

C. Diversas	Efe	Compra	Venda
Cimentos Leira	—	1.900\$00	2.100\$00
Cimentos Tejo	—	2.500\$00	2.550\$00
Col. Navegação	—	540\$00	550\$00
C. U. F.	—	1.180\$00	1.200\$00
Industrial Alentejo	—	640\$00	660\$00
Nac. Navegação	—	1.170\$00	1.210\$00
Petroquímica	1.240\$00	1.235\$00	1.245\$00
Port. e Colónias	—	2.900\$00	3.080\$00
Port. de Ceulose	—	—	—
Port. de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	409\$00	409\$00	410\$00
Sacar	4.700\$00	4.700\$00	4.750\$00
Soc. de	2.100\$00	2.050\$00	2.150\$00
Tabacos de Portugal	—	805\$00	865\$00
U. F. Azoto	770\$00	762\$00	769\$00
Agua Electricidade e Gás	—	—	—
Agua de Lisboa 934	—	434\$00	435\$00
Agua de Lisboa 936	—	406\$00	410\$00
Electricidade das Beiras	1.500\$00	1.498\$00	1.500\$00
Gás e Electricidade	388\$50	388\$00	388\$50
H. E. Alto Alentejo	167\$50	167\$00	168\$00
H. E. Cávado	1.235\$00	1.230\$00	1.240\$00
H. E. Dourado	1.219\$00	1.218\$00	1.220\$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.380\$00	1.380\$00	1.385\$00
Nacional de Electricidade	1.345\$00	1.343\$00	1.345\$00
Termoelectrica Portuguesa	1.406\$00	1.405\$00	1.407\$00
União Electrica Portuguesa	198\$50	198\$50	199\$00
F. DE INVESTIMENTOS	—	—	—
F. I. Atlântico	—	153\$20	157\$80
F. I. D. E.	—	104\$50	107\$60

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65-100)

	22/2/68	28/2/68	29/2/68
GERAL	105,4	105,4	105,3
METROPOLITANAS	103,6	103,4	103,5
ULTRAMARINAS	119,0	119,7	118,5

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$50	38\$00
América:	—	—
Dólar de 1 e 2	28\$30	28\$70
Dólar de 5 a 1000	28\$50	28\$90
Canadá — Dólar	26\$00	26\$50
Argentina — Peso	1\$07	7\$27
Alemanha — Marco	—	—
Austria — Schilling	—	—
Brasil — Cruzeiro Novo	6\$50	6\$50
Espanha — Peseta	339,7	341,1
Holanda — Florim	1\$85	8\$10
Inglaterra — Libra	68\$00	10\$00
Itália — Lira	304,5	304,68
Marrócos — Dirham	4\$60	5\$10
Bélgica — Franco	3\$6,5	3\$9,5
Francia — Franco	5\$70	5\$90
Suécia — Franco	6\$50	6\$70
Dinamarca — Coroa	3\$65	4\$00
Noruega — Coroa	3\$80	4\$10
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:	—	—
Inglaterra — Libra	290\$00	305\$00
Inglaterra — 1/2 libra	225\$00	240\$00
Ouro Fino — Barra	33\$20	34\$20

I BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papeis de crédito
Tel. 321273

BENFICA — Benfitez, Est. de Benf. ca.
444-A (782505) * Alegria, Est. de
Benf. ca. 80-A-B (78051) * Progres-
so, Est. A-da-Maria, 64-C (702226)
Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C
(703697).

CAMPO DE OURIQUE — Linsido — R. Fer-
reira Borges, 30 (660955) * Findor —
R. D. Maria Pia, 514 (687949).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodolfo da Con-
seca, 53 (683438) * Zenel, R. A.
82, Bairro da Liberdade (65 840).
Nave, R. de Campolide, 297-C (68/415).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular,
Campo dos Mártires da Pátria, 1-8
(553308).

ESTEFANIA — Délio, R. Açores 32
(52388).

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. de
Beira Vista, 43 (66125) *
GRACA — Higienica, R. Meliodoro, sa-
do, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, Merdeiros, R. do
Lumiar, 22-24 (790332) * Dourado,
Al. das Linhas de Torres, 93-A-B
(79131).

OLIVAS — Higienica, R. Cidade VMA Ca-
bral, lote 43 (Olivais Sul) (310026).

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras,
202-B (780841).

PEDROUÇOS — Higienica, R. de Pedrouços,
50-52 (610280).

PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mou-
zinho de Albuquerque, 1-A (843571)
* Europa, Av. General Rôças, 27-A-B
(843880).

PICHELEIRA — Mariz, Caiz do Piche-
leira, 40-B-C (720703-728395).

PRÍNCIPE REAL — Gonçalves, Lda., R.
da Rosa, 76-178 (362687).

REGO — Berna, Av. de Berna 44-A
(773568).

SANTO AMARO — Botafumeiro, R. do Jun-
queiro, 38-40 (638132).

S. BENTO — Micael, R. de S. Bento,
380-382 (662162) * Açoreana, Largo
do Conde Barão, 2 (661330).

ST. MARTA — Moreira Sarmiento, R.
Santa Marta, 15-A-B (46490).

DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Madre
de Deus, R. da Margem, 15-B (382470)
* Cruz de Malta, L. do Chafariz de
Dentro, 36 (866261) * Zema, R. Ge-
neral Justino da Padrela (à Calçada das
Barbadinhas), 21 (832580).

St. Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B
(86983).

MOSCAVIDE — Banha — Av. Moscavide,
22 (Tel. 2518518).

Na Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G.
Guerra, 166 (Tel. 213953).

CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribe-
iro, -A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R.
Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos
Reis, 98 (Tel. 2430090).

PARADE — Macau — R. J. Elias Garcia,
62-B (Tel. 2471785).

ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1
— Monte Estoril (Tel. 260391); S. João
— Est. Nacional, 18 (Tel. 26186).

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal
(Tel. 280078); A. Costa — R. Freitas
Reis, 24-C (Tel. 280214).

Na Linha de Sintra

AMADORA — Jardim — Av. Conde de
Oeiras, loja X-1 — Reboreira (Tel.
938424); Melo — P. D. João I-lote 146
(Tel. 938551); Central — Av. Cardoso
Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja — P.
da Igreja, lote 2 (Tel. 937470).

DAMAIA — Confiança — Est. Militar,
lote D (Tel. 971023).

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda,
28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.
Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Química — Est. Mem
Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim —
(Tel. 980456).

SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregó-
rio de Almeida, 2 (Tel. 980391).

COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Gamela — L. António
dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândi-
do dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA — Magalhães — R. Coação
Leitão, 10 (Tel. 270242).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est.
Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO — Central — Av. Alfredo da
Silva, 48 (Tel. 2273207).

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso
P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — Silva Rocha — P. da Repú-
blica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Higienica — R. José Joaquim
Marques, 142 (Tel. 230370).

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos
Reis, 67 (Tel. 229028).

SETÚBAL — Baccagena — R. do Romeu
(Tel. 23425); Baccagena — B. Santos Ni-
colau (Tel. 23330).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51
(Tel. 2218580).

**CENTRO DE ENFERMAGEM
PERMANENTE**
Injeções — Tratamentos — Velas
— Sêros — Oxigénio — Camas
articuladas — Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

**CENTRO ENFERMAGEM
DE URGENCIA
SANTA MARTA**
INJEÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS,
OXIGÉNIO, SÔROS E CAMAS ARTI-
CULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS
ACESSÍVEIS



Avenida Padre
Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
Viver para viver — no SÃO JORGE



Hoje, às 21.30

ESTREIA

(Adultos)

VIVER PARA VIVER

com Yves Montand, Annie Girardot e Candice Bergen

As 15.15 e 18.15: O QUE ACONTECEU EM CAMPO GRANDE (12 anos)



As 15.15 e 18.15 (p. r.) e às 21.30

GRANDE ÉXITO

Telet 42 62 M.

Um filme que arrebatou o público. A vida temerária de sete escravos em toda a fúria alucinante da sua força física

7 CONTRA O MUNDO

com Roger Brown e Gordon Mitchell. NUNCA SE VIU MAIOR ARRAIAL DE PANCADARIA NO ESTILO VALE TUDO

Scop. Cor. (M. 12 anos)



As 21.45

(M. 12 anos)

Grande sucesso de gargalhada com o notável filme em techniscope e technicolor

QUE NOITE, RAPAZES!...

com Philippe Leroy, Marisa Mel e Franco Fabrizi



As 15.15, 18.15 e 21.30

(M. 12 anos)

Uma paródia ao famoso JAMES BOND

JAMES TONT, OPERAÇÃO DOIS

com Lando Bunanca



Hoje, às 21.30

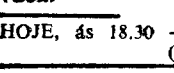
ÚLTIMA EXIBIÇÃO

A NOITE! ONDE AS BALAS ASSOBIAM

com Tom Adams e Dawn Addams. Implacável perseguição de um agente secreto inglês com a vida sempre em perigo

(Col.) (M. 12 anos)

HOJE, às 18.30 — Sessão clássica (Maiores de 17 anos)



As 21.30

M. 12 anos

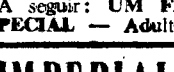
Mr. Solo numa aventura plena de perigos e imprevistos

Em Metrocolor

OS ASSASSINOS DE KARATE (THE KARATE KILLERS)

com Robert Vaughn, Curt Jurgens, Terry-Thomas e Jean Crawford

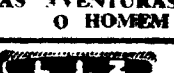
A seguir: UM FAVOR MUITO ESPECIAL — Adultos — (M. 17 anos)



As 4.45 e 21.30

(M. 12 anos)

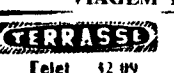
AS AVENTURAS DE O SANTO O HOMEM TRANQUILO



As 15 e 21 h.

(Adultos)

O ÓDIO QUE GEROU O AMOR VIAGEM DE LOUCOS



As 15 e 21 h.

(M. 12 anos)

A GRANDE PARÓDIA CONVITE A UM PISTOLEIRO

Programas dos cinemas que não anunciam no CARTAZ do «Diário de Lisboa» por não quere-rem aceitar o livre exercício da crítica:

ALVALADE — As 15 e 45 e às 21 e 45: «Bonnie e Clyde» (17 anos).

EDEN — As 15, às 18 e às 21 e 30: «O Charioteiro» (12 anos).

LUZ — As 15 e 18 e às 21 e 30: «Bonnie e Clyde» (17 anos).

ESTÚDIO — As 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 45: «Uma aventura de quatro» (17 anos).

EUROPA — As 21 e 30: «Duelo em Diable» (17 anos).

IMPERIO — As 21 e 30: «Kwaidan» (12 anos).

MONUMENTAL — As 21 e 30: «Londres é de gritos» (12 anos).



As 15.30 18.30 e 21.45

3. SEMANA

DE ENCHENTES!

Uma notabilíssima reportagem de Giuliano Tomel sobre o mais desenvolvido dos países orientais

Telet 779095

(Adultos)

O PARAISO DO HOMEM

(JAPÃO PROIBIDO)

Fotografia em Technicolor



As 3 da tarde e 9.30 da noite

4. SEMANA

(M. 17 anos)

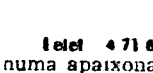
Telet 50595

par inconfornista

Jane Fonda e Robert Redford

na famosa comédia

DESCALÇOS NO PARQUE



As 15.30 e 21.45

(M. 12 anos)

2. SEMANA

DE ÉXITO!

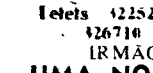
Laura Efrikian, Fabrizio Moroni e Nino Taranto

Telet 4716

numa apaixonante e divertida comédia musical

NINGUÉM ME PODE ACUSAR

As mais belas canções pela voz de oiro de Caterina Casselli



As 15.15, 18.15 e 21.30

M. 12 anos

Os fabulosos, os irresistíveis, os loucos, os únicos

IRMÃOS MARX em

UMA NOITE NA ÓPERA

e na primeira parte uma selecção de desenhos animados de TOM & JERRY

CINE-TEATRO

As 21.30

(M. 17 anos)

LEE MARVIN

à frente de um grande elenco! Um filme fantástico, extraordinário!

AMADORA

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

Magnífica projecção em 70 mm



Telet 32 41 99

As 21 horas

(M. 17 anos)

OS SEDUTORES

A LEI DA VIOLENCIA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TEATRO GIL VICENTE — As 21 e 45: «O Comissário de Polícia» (12 anos).

CASA DA COMÉDIA — As 22: «A procura da verdade» (17 anos).

VILLARET — As 20 e às 23: «Um anjo de chapéu de palha» (17 anos).

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Válvula de honra» (17 anos).

VARIADADES — As 20 e 45 e às 28: «Pois, Pois...» (17 anos).

VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A nossa cidade» (12 anos).

TRINDADE — As 21 e 45: «Cautela, libertino» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos).

MONUMENTAL — As 21 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Sucesso sem escrupulos» (17 anos).

OLIMPIA — As 19: «Guerreiros do Saara» (12 anos).

PARIS — As 21: «Khartoum» (12 anos).

JARDIM — As 21: «Dois anjos no Rio» (17 anos).

IMPERIAL — As 21: «As aventuras de O Santo» (12 anos).

CINE-ORIENTE — As 21: «Mundial de futebol» (12 anos).

CINEARTE — As 21: «Luz que cega» (17 anos).

CINE-MOSCAVIDE — As 21: «O presidente» (17 anos).

PROMOTORA — As 21: «Quando o Mundo nasceu» (17 anos).

CAMPOLIDE — As 21: «Aventura em Junho» (17 anos).

ROYAL — As 21: «Vingança ao amanhecer» (17 anos).

SALÃO LISBOA — As 21: «Roma contra Roma» (17 anos).

Na Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O último degrau» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «Os ambiciosos» (17 anos).

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Se se vive duas vezes» (17 anos).

PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «A batalha das Ardenas» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Golpe sobre golpe» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «A francesa e o americano» (12 anos).

Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «Operação V-2» (12 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 2 e 5: «Beau Geste» (12 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 30: «Com mil dólares ao sol e contra a lei» (17 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — As

I Concurso de Marionetas

organizado

pela Casa da Comédia

«História de um Lírio Branco», assim se intitula o original de Martim Ervedal, autor português radicado em Tóquio, escrito expressamente para o 1.º Concurso de Marionetas, organizado pela Casa da Comédia.

Aos interessados na apresentação deste original, a Casa da Comédia facultará uma cópia, e bem assim as versões portuguesas das peças para marionetas de Ramon del Valle — Inclán: «Sacrilegio» e «A Cabeça do Baptista». Sobre os textos de Jarry, Apollinaire, Lorca, António José da Silva, Almada Negreiros, Cheliderode, Lewis Carroll, Cesariang, Drummond de Andrade, e outros, dados a título de sugestão — também a Casa da Comédia prestará aos concorrentes todas as indicações que possam vir a facilitar o seu trabalho, a par do apoio técnico que eventualmente poderá vir a dispensar-lhes.

É de todo o interesse para os concorrentes que, muito embora omitindo, por enquanto, a indicação do texto ou obra a apresentar a concurso procedam à sua inscrição dentro do prazo fixado, ou seja até 31 de Março próximo, — para o que devem dirigir-se à Casa da Comédia, Rua S. Francisco de Borja, 22 Lisboa.

SESSÃO DE CINEMA

com «NAPOLÉON»

de Abel Gance

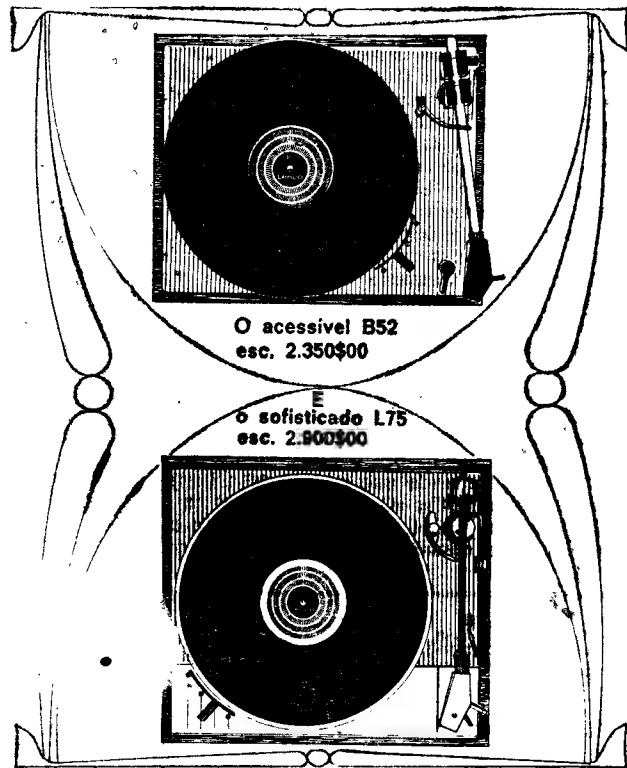
Em sessão especial, reservada aos sócios dos cineclubes ABC, Imagem e Universitário, exhibe-se amanhã, pelas 21 e 30, no anfiteatro do Liceu Francês Charles Lepierre, o clássico filme de Abel Gance «Napoleão».

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Gira-discos

Lenco

precisão suíça



O acessível B52
esc. 2.350\$00

O sofisticado L75
esc. 2.900\$00

NUM DESTES DOIS MODELOS
ENCONTRARA O QUE MELHOR
SE ADAPTA A SUA CADEIA
DE ALTA-FIDELIDADE

Peça uma demonstração aos
PROFISSIONAIS DO SOM



VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

ENSINO LICEAL

PREPARAÇÃO INTENSIVA DE

FRANCÊS INGLÊS ALEMÃO

- ★ Ensino programado e individualizado
- ★ Moderno Laboratório de LINGUAS
- ★ Sistema audio-visual e audio-oral
- ★ 10 lições no Laboratório — 300\$00

cial

R. Estefânia, 48

Tel. 533733

CURSOS NORMAIS EM CLASSE E LABORATÓRIO

COM PROFESSORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

★ 18 horas mensais — 250\$00

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

Maiores de 5 anos

TARANTELA

RESTAURANTE • SNACK-BAR

L. D. Estefânia, 23 e 27

Telet. 53 52 08

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Sala no 1.º andar para Banquetes

e Lanches de Casamento

RELÂMPAGO

RESTAURANTE-BAR

COZINHA A PORTUGUESA

AMBIENTE AGRADÁVEL

Rua Mouzinho da Silveira, 17 e 21

Telet 47255

Çará pussivem?

Almoscos i gintares pur 50
palhassos com conxas de ma-
riscus?

Çó na Istalaje du
Cabalu Brancu
na abenida du Ir o Porto.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Azeit, a partir das 19h, 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Nota do dia

NA BASE DA CONFIANÇA

A voz autorizada do adido cultural do Brasil, dr. Otto Lara Resende, fez-se ouvir ontem por intermédio do «Diário de Lisboa» na apreciação de diversos aspectos relativos às relações luso-brasileiras. Nessa declaração há dois tópicos: a novidade de que vai ser criado um Instituto Brasileiro de Cultura como ponto de partida para um intercâmbio mais fecundo entre os dois países e a vincada suposição de que o acordo cultural, assinado em 7 de Setembro do ano findo, deve ser ratificado até ao fim de Abril próximo. É um passo importante para a electivação de um instrumento diplomático que pode ser de primordial importância na materialização dos anseios daqueles que, dos dois lados do Atlântico, se sentem presos a preocupações paralelas. Não nos iludamos, todavia, com o grau de eficiência que se pode atingir. Foi o próprio dr. Lara Resende que apropriadamente advertiu: «O Acordo pode ficar no papel, ser letra morta ou, pelo contrário, ser um

grande passo em frente. Tudo dependerá de se criarem ou não, de ambos os lados, os instrumentos necessários para a sua realização efectiva. O acordo serve apenas para balizar os caminhos». Com efeito, é agradável que se rejuntam as declarações de amizade e os propósitos de colaboração. Mas tudo isso será vazio de conteúdo se não se traçar e executar um programa ousado de realizações que deem materialização a textos capazes de ser, aliás, da melhor inspiração. Antes do mais é preciso tudo fazer para bem nos conhecermos. Conhecer é ir ver, é estar presente, é contactar, é dialogar. Precisamos não só de ter confiança mas também de certificarla e fortalecê-la em termos de não nos parecer necessário esconder o que nos pareçam as nossas fragilidades. Estamos em família, não é? Quem melhor do que o Brasil desculpará os nossos pontos fracos e até gostaria de nos ajudar a corrigi-los? E quem melhor do que nós ao Brasil?

A tentativa de reduzir ao silêncio a crítica do «Diário de Lisboa»

(Continuação da 1.ª página)

interesse cultural de uma posição que faz reviver um dos momentos mais importantes da história do cinema cómico.

Enos, pois, muito grato registar a compreensão do jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirige, para esta nossa iniciativa que se enquadra num programa de empreendimentos da mesma natureza, no sentido de trazer de novo as telas portuguesas algumas das grandes obras do passado. Pensamos, assim, proporcionar ao público o indispensável contacto com aqueles filmes que constituem, hoje, a história da 7.ª Arte.

Cineasta português premiado em Bruxelas

Uma reportagem cinematográfica do artesanato português de olaria, descrevendo a modelação — entre outras peças — do famoso galo de Barcelos, foi, hoje, premiada no festival internacional do «Écran Film Club», realizado em Bruxelas.

Trata-se do documentário «Oleiros de Barcelos», do cineasta amador Carlos Basto, ao qual foi concedida a medalha de prata.

Associação», mantendo a sua independência e reafirmando aos seus leitores o prosseguimento de uma atitude que está na linha das suas melhores tradições, provocou um movimento de numerosos leitores. Já ontem começámos a receber, na nossa redacção, telefonemas e telegramas de aplauso, a que hoje se vieram juntar cartas e postais em grande numero.

Aplausos á atitude do «Diário de Lisboa»

A atitude do nosso jornal de não se vergar a ameaças e represálias do grupo de pressão dos «Cinemas

Os redactores do «Diário de Lisboa» que, de uma forma mais ou menos constante, se têm dedicado ao exercício da crítica de espectáculos, não querem deixar de emitir o seu ponto de vista, acerca da atitude insólita de um grupo de «cinemas associados» que, brandindo a ameaça da retirada da publicidade, pretendem negar à Imprensa diária o direito de manter uma secção de crítica de cinema. Porque, embora a execução dessa ameaça se tenha verificado apenas em relação ao nosso jornal, o certo é que ela fica no ar pondo em risco o direito de opinião e a independência de todos os jornais.

Antes de prosseguir, desejamos em primeiro lugar pôr em relevo a forma corajosa e digna como o «Diário de Lisboa» repeliu a afrontosa atitude, defendendo não só a pureza da sua missão pública como, no fim de contas, o direito que ao público assiste de ser informado honestamente.

Não queremos insistir neste ponto, para não parecer que pretendemos, com espírito subversivo, aplaudir apenas a decisão última do Conselho de Ad-

ministração e da Direcção do «Diário de Lisboa», decisão para a qual — sublinhe-se — foi decisiva a opinião da Redacção. Embora saibamos que outras pressões desta ordem e pelos mesmos motivos foram feitas no passado a este e a outros jornais, o certo é estarmos perante a primeira reacção clara e sem tibiezas de um jornal contra um atentado desta espécie. Pelo menos de há muitas dezenas de anos para cá.

O que sobretudo nos leva a escrever este documento é a necessidade de reafirmar um princípio que o representante da «Cineassa» parece ignorar, ou melhor, totalmente desprezar: Queremos referir-nos à função da Imprensa junto do público. Essa função consiste, fundamentalmente, em informar com honestidade, orientar com isenção e esclarecer sem entraves.

Levar ao público opiniões de especialistas é um dos aspectos mais importantes dessa tarefa informativa e formativa. Certo, as opiniões dos críticos são, por sua vez, discutíveis. Nada é definitivo. Mas é precisamente no confronto das opiniões que se forma «a opinião» dominante.

A crítica, quando esclarecida e isenta, não ataca, nem adula. Serve o público. E na medida em que o serve, dignifica o próprio espectáculo.

Quem pode sentir-se lesado com a dignificação do espectáculo?

ANTÓNIO DE OLIVEIRA PINTO
FERNANDO ASSIS PACHECO
JOAQUIM BENITE
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS
LUÍS DE OLIVEIRA NUNES
MANUEL DE AZEVEDO
MANUEL BEÇA
MÁRIO CASTRIM
PEDRO ALVIM

O TEMPO QUE FAZ

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado ou encoberto, podendo ter abertas ao princípio da tarde de amanhã. Vento moderado de sudoeste, tornando-se forte nas regiões do litoral oeste e soprando, por vezes, com rajadas muito fortes. A norte do Cabo Carvoeiro, períodos de chuva ou chuveiro, passando a aguaceiros, acompanhado de trovoadas, durante o dia de amanhã. Temperatura sem alteração.

TEMPERATURAS REGISTRADAS ÀS 15 HORAS NA REDE NACIONAL — Bragança, 8°; Porto, 14°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 14°; Portalegre, 12°; Lisboa, 14°; Faro, 16°.

O elogio do aeroporto de Santa Maria

Regressaram esta manhã a Lisboa os componentes do Grupo de Coordenação do Controlo de Tráfego Aéreo para o Atlântico Norte, que se haviam deslocado ao aeroporto de Santa Maria em viagem de estudo e observação.

A visita a este aeroporto português integra-se num plano de observação de vários serviços de «controlo» instalados em aeroportos internacionais localizados nos países representados neste «comité» de técnicos aeronáuticos. Efectivamente, antes de se deslocarem a Santa Maria, os componentes do grupo de

coordenação do «controlo» de tráfego aéreo para o Atlântico Norte haviam visitado já aeroportos na Islândia, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos.

Após o desembarque, os membros do Grupo de Coordenação do Controlo de Tráfego Aéreo para o Atlântico Norte — Manuel Vaz, chefe dos serviços de «controlo» do aeroporto de Santa Maria, por Portugal; M. Schartz, pelos Estados Unidos; W. Cornick, pelo Canadá; V. Vladimir, pela Islândia; e J. Grise, pela Inglaterra — foram unânimes em salientar a eficiência

dos serviços de «controlo» de tráfego aéreo, instalados no aeroporto de Santa Maria. Depois, referindo-se ao pessoal técnico, em serviço no aeroporto de Santa Maria, declararam ser do mais competente que encontraram, bem treinado e eficiente. Numa apreciação mais genérica, os técnicos aeronáuticos membros deste «comité» afirmaram que os órgãos de «controlo» em serviço no aeroporto de Santa Maria se situava no mesmo campo de técnica e competência de qualquer órgão de «controlo» dos outros países visitados.

OURO DA TERRA

UM VINHO MESSIAS PARA TODOS OS DIAS

Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1917

CAPITAL 100 MIL CONTOS

SEDE: LARGO DE S. CARLOS, N.º 4 — LISBOA

ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS REPORTANTES À ELEVAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL DE 20 000 CONTOS, REALIZADA EM OUTUBRO DE 1967

AVISAM-SE OS SENHORES ACCIONISTAS QUE A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 7 DE MARÇO, PODERÃO LEVANTÁ-LOS, DEVENDO PARA O EFEITO DIRIGIREM-SE AOS ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO EM QUE PROCEDERAM À SUBSCRIÇÃO.

LISBOA, 26 DE FEVEREIRO DE 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

vida literária artística

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

N.º 500 — 29 DE FEVEREIRO DE 1968

FOLHETIM ARTÍSTICO DE JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

4—Para um museu do século XIX

EXISTE em Lisboa o Museu de Arte Contemporânea, facto ignorado por muita gente, até da mais ligada ao meio artístico. Existe desde 1911 e tem tido sempre por directores artistas de variado prestígio, desde Carlos Reis a Eduardo Malta. Trata-se de uma tradição que é como quem diz um hábito; um mau hábito. Na verdade, de entre os directores que teve (e um deles foi Columbano), um só apresentou credenciais de cultura intelectual apropriada à função e à sua responsabilidade: Diogo de Macedo, que foi notável cronista do século XIX e da sua própria juventude novecentista. Depois da sua morte se procuraria em vão, entre os artistas plásticos, quem o pudesse substituir. Actualmente o M. A. C. está sem director.

Ao que pode parecer, interessa à cultura artística nacional museus que não sejam sonolentos armazéns de obras melhores ou piores, mas sim instituições vivas, dinamizadas por programas culturais estudados em função das circunstâncias e estabelecidos com nitida consciência de prioridades. Isto para a arte contemporânea como para a arte antiga, para Lisboa como para a província.

Mas, em matéria de museologia, a arte contemporânea, isto é aquela que no nosso tempo de vida significativamente se faça, exige sem dúvida um esforço que o museu do mesmo nome nunca deu nem poderá dar — que para isso não foi fadado.

... Outro museu será então preciso criar — dois museus aliás, também.

Um deles, de carácter internacional, bem programado e informado dentro da actualidade mais significativa, creio eu firmemente (e já o tenho dito) que pode ser composto com um mínimo de dispêndio orçamental. Basta pensar no problema — e no proble-

ma saber pensar. Um dia se verá... De qualquer modo, este museu terá de ser criado «ex nihilo».

Quanto ao outro, de arte moderna portuguesa, tão miseravelmente representada na Rua Serpa Pinto, e atendendo à carência de verbas, porque não entusiasmar a Câmara Municipal a realizá-lo? Um Museu Municipal de Arte Moderna é coisa que existe por esse mundo fora — e os da Holanda e da Suíça, dentro de tal fórmula, são famosos (OH — QUE BEM FICARIA NO PALÁCIO FARROBO, ALI AO CHIAO, UM MUSEU DA ARTE MODERNA PORTUGUESA!).

... Voltando ao de Arte Con-
(Continua na página seguinte)

Os «Cantares Gallegos» de Rosalia Castro



Monumento a Rosalia de Castro, por Barata Feyo (levantado no Porto, na Praça da Galiza)

Livro que fez época e conseguiu suscitar um movimento literário importante, dando ânimo aos cultores do nacionalismo e do expressar galego, como que envergonhado desde os velhos cancioneros, os «Cantares Gallegos» venceram já a barreira do século e continuam actuais. Prova provada de conterem em si o fermento de imortalidade das obras verdadeiramente universais.

O livro é o espelho fiel de uma alma feminina, cantando com a naturalidade de quem respira e sentindo sempre fora das suas terras de Santiago e de Padron, por essa Castela árida e larga a perder de vista a falta da «herbina» galega. É o espelho da poetisa, mas

é também o da alma galega:

Cantarte hei, Galicia,
teus doces cantares
que así mo pediron
na veira do mare

...
Que así mo pediron,
que así mo mandaron,
que cante e que cante
na lingua que eu falo.

Rosalía nascera em Santiago, na castiça Rua del Vilar, em 1837. Filha ilegítima, Castro era o nome de sua mãe e em Padron, não longe da cidade jacobea, tinha a residência de seus antepassados. Com vinte e um anos casou com o historiador Manuel Martinez Murguía. O casal correu toda a Espanha, em andanças profissionais, e foi em Castela em 1861 que principiou

a compor os seus «Cantares», parece que tomando alento do «Libro de los Cantares», de Trueba. Mas era verdadeiramente o povo galego que a inspirava e as trovas populares lhe vinham à superfície.

D. Manuel Murguía, num dos últimos meses de 1862,

(Continua na página seguinte)

Os prémios GM 67

A propósito do artigo publicado no «Diário de Lisboa» de há semanas, pelo nosso estimado e distinto colaborador dr. José-Augusto França, recebemos agora uma carta dos membros do júri que atribuiu esse prémio. Transcrevemos na íntegra o documento, fiéis às normas que sempre orientaram o nosso jornal. O dr. José-Augusto França responderá na próxima semana:

«Os abaixo assinados, membros do júri dos Prémios G. M. 67 de Artes Plásticas, visados no «Folhetim Artístico» de José-Augusto França («Diário de Lisboa», de 15 de Fevereiro), pedem e agradecem a V. Ex.ª o favor da publicação do seguinte esclarecimento.

Do inesperado artigo de J. A. F. parece depreender-se que se apóia, para as suas abusivas deduções sobre os trabalhos desse júri, em dados «fidedignos» é claro, indiscutíveis, embora — palavras suas. A ter havido, consequentemente, inconfidência, as informações de que se socorreu seriam decerto fidedignas, mas então a mais elementar deontologia aconselhava a observar a devida reserva. Como porém as afirmações de J. A. F. não traduzem o que na realidade não se verificou, de duas uma: ou as suas fontes de informação não são

(Continua na página seguinte)

O CERAMISTA QUERUBIM LAPA

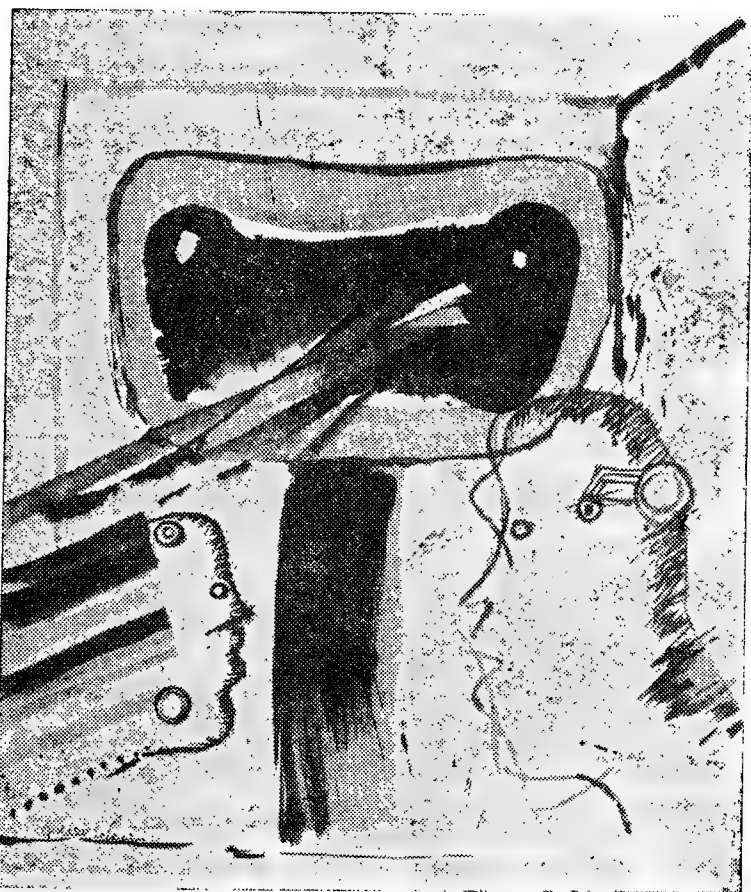
É um artista que ultimamente o público se habituou a considerar na sua fase de ceramista apenas. Mas a pintura de

Querubim Lapa tem uma força e um vigor de construção grandes, acentuados ainda pelas suas preferências de cores densas, sólidas. Os verdes escuros, os castanhos, são como leivas nos seus quadros.

Querubim Lapa, desenhista de traço firme, pintor de obra estruturada, que tanto nas figuras como na paisagem ressumava matéria, desde há tempos aparece, sobretudo, como ceramista. Em edifícios públicos e instalações particulares se encontram painéis seus onde as características do pintor se assinalaram de forma notável. Querubim Lapa não é apenas um pintor de cerâmica. Os seus painéis e placas já nasceram cerâmica. A matéria é essencial à obra e não só o pintor que sobrepõe a arte ao barro cozido. A obra de arte nasceu toda ela barro e pintura; ou barro, modelação e pintura.

Com obras de pintura, Querubim Lapa está representado no Museu Nacional de Arte Contemporânea. O ceramista, esse, está em palácios e museus, hotéis e casas particulares. Nas instalações da TAP, ao Marquês de Pombal, se encontra um seu painel grande, no Banco Nacional Ultramarino, em Lourenço Marques, está uma obra sua, noutras instalações da TAP, na Suíça e na África do Sul, em Luanda; ainda agora foi colocado um vasto painel modelado, seu, no novo Casino do Estoril, à entrada.

De Querubim Lapa reproduzimos hoje duas peças inéditas. Trata-se de uma placa cerâmica, em que as cores e as transparências, os «craquelés», criam estranha vibração e harmonia, à direita. À esquerda, um desenho à pena, de Querubim Lapa.



Os «Gantares Gallegos» de Rosalia de Castro

(Continuação da página anterior)

na casa do Mercado Velho, em Santiago, onde viviam, juntou uma série de poemas da esposa e levou-os ao editor Xoán Compañel, de Vigo. Rosalia viu as primeiras folhas impressas e teve de compor mais cantares à medida que a tipografia os ia pedindo. E é o marido que conta: «...sin correxir nin lér o día seguinte o escrito na vispora, fecunda, abundosa, espontánea sobre toda ponderación, foi dando, hoxe unha, mañán outra, a maior parte das composicións que formam o pequeno volume. De unha soia tirada e cásque sin levantar a man escribiu as sesenta octavas do Conto do Vidal».

Os «Cantares Gallegos» saíram em Vigo, em 1863, e saíra segunda edição em 1872, em Madrid, com novos cantares. Desde então até hoje não mais deixaram de sair e de ser lidos os versos de Rosalia com monumentos em Santiago, no Porto e noutras terras. A edição publicada no centenário, com estudos críticos e ilustrações, devida a Fermin Bouza Brey, é um modelo de sobriedade e elegância sem presunção.

Até ao fim da vida Rosalia cantou na língua do leite e escreveu mais cantares e estudos e novelas. Mas foi de saúde e rotada de penas que desapareceu em 1887, a lembrar-se ainda dos freixos e das carvalheiras da sua terra, do largo que fora o dos seus maiores entre os quais se diz contar-se um poeta da corte de João II e Henrique IV, Juan Rodriguez del Padrón e de la Cámara: — «Cuán hermosa es tu vega, oh Padrón! Oh Iria-Flavia!»

Rosalía Castro não sente apenas a paisagem ridente da Galiza, mas toda a vida galega, no campo, nas ruas e no lar:

«Figado con cebola ben frixida y unha follia de laurel chei-
[rosa,
que inda a un morto ben mor-
[to dera vida
de tan rica, tan tepra e tan
[sabrosa...»

R. R.

J. COMPAÑEL.—EDITOR

CANTARES GALLEGOS

ROSALIA CASTRO DE MURGUIA

VIGO

ESTABLECIMIENTO TIPOGRAFICO DE J. COMPAÑEL 1863

Frontispício da 1.ª edição dos «Cantares Gallegos»

OS PRÉMIOS GM 67

(Continuação da página anterior)

«fidedignas», ou as suas afirmações são meramente inventadas. O que, em matéria deste mefandro, seria grave para a reputação do autor. Queremos, contudo, prestar-lhe justiça de que seria incapaz de semelhante processo. Para impedir deturpações da realidade, visto ser impossível ao autor desse artigo testemunhar os trabalhos de um júri em que não participou, e onde nada, note-se, de menos recto, se passou, e para evitar os riscos de uma divisão entre artistas e críticos, de todo indesejável, sobretudo depois deste frutuoso e positivo encontro entre uns e outros, cumpre-nos declarar:

1.º — Os dois jovens críticos, Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves, convidados pela Sociedade Nacional de Belas-Artes a participarem no júri dos Prémios «G. M. 67», não foram os que tiveram a maior responsabilidade da selecção e da premiação nem foram os únicos que se «encarregaram dessa

tarefa», como escreve José-Augusto França (com que fundamento?), porquanto, funcionando, como felizmente funcionou, este júri em estreito e leal espírito de colaboração, a responsabilidade das tarefas coube por igual a todos os membros do júri.

2.º — Não é verdade, por outro lado, que o 1.º prémio fosse resultado da «proposta dos dois mencionados críticos», depois aceite de «boamento» pelos artistas participantes do júri. Sem entrar em pormenores que não interessam trazer a público, essa 1.ª prémio obteve, por votação, a concordância de seis dos sete membros do júri, entre os quais os dois críticos mais novos, no que era consequente com a orientação geral dos trabalhos. O sétimo membro do júri que não votou em António Sena para 1.º prémio, propunha-o todavia para 2.º prémio, pode acrescentar-se, sem inconfidência...

Esta concordância de artistas e críticos a respeito do artista distinguido com o 1.º prémio é de

uma importância a que não se tem sabido fazer a devida justiça, nem salientar todo o seu significado. Como importante foi o constituir-se, pela primeira vez entre nós, um júri em que só figuravam artistas e críticos, estes no plural.

3.º — A divergência do júri quanto ao 2.º prémio não será por nós comentada, pois a nossa posição infere-se da leitura da própria acta publicada no catálogo de exposição. Tudo o que for além desse texto da acta, único documento público, serão pressuposições da responsabilidade de quem as assina.

Divergências há-as em todos os júris, aqui e lá fora. É humaníssimo, e isso não diminui ou afecta o esforço de se chegar a um resultado honesto. O trabalho — longo, demorado (sim, nada foi resolvido com levandade) — deste júri dos Prémios «G. M. 67» decorreu com a máxima lisura e o viril confronto entre os diferentes membros do júri teve o mais reconfortante nível de dignidade intelectual e moral.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1968.

(cc) João Abel Manta, Luís Dourado, Fernando Conduto, António Sena da Silva, Adriano de Gusmão, Rui Mário Gonçalves (confirma os parágrafos numerados 1, 2, 3; não subscreve a introdução e reserva-se para um comentário).

A SITUAÇÃO ECONÓMICA DOS ESCRITORES SUECOS

Uma notícia de Estocolmo diz-nos que metade dos escritores suecos, dos que se consagram exclusivamente à sua profissão, recebem um rendimento anual de 8680 co-

roas, ou sejam cerca de 50 contos portugueses. Não se pode dizer que seja uma ucharia! A quarta parte dos escritores não consegue ir além de 4030 coroas, ou sejam uns 22 contos.

Essas conclusões encontram-se num inquérito efectuado pela Flyco, organiza-

ção central dos escritores independentes junto dos seus membros. Os resultados foram publicados na última edição do jornal daquele organismo.

Verifica-se que a literatura infantil tem maior êxito e é mais compensadora. Há com efeito uma organização de escritores especializados na literatura infantil e juvenil, metade dos quais tem uma renda anual de, pelo menos, 16 120 coroas, ou sejam uns 85 contos.

Mas, segundo o presidente da Flyco, o reitor Stellan Arvidsson, há também os escritores de grandes rendimentos, aqueles que recebem por exemplo qualquer coisa como 62 000 coroas, ou sejam uns 315 contos anuais. Já não é mau! Mas, a classe profissional dos escritores, acentua o mesmo presidente, é de rendimento baixo.

Na pesquisa onde se foca os rendimentos de 1966, não foram incluídas as bolsas que uma parte dos escritores recebe como espécie de «salário cultural» do Governo ou de fundações particulares, nem, em contrapartida, foram descontados os impostos directos que, na Suécia, são elevadíssimos.

Taxas de leitura

Em vista da situação, os escritores suecos pedem ao Governo um aumento das taxas pagas por cada leitura nas bibliotecas do país. O estado paga, actualmente, cerca de NCr\$0,9372 por cada empréstimo de livro original sueco e cerca de NCr\$0,0126, no caso de tradução. A organização Flyco deseja que estas taxas sejam elevadas para, respectivamente, NCr\$0,155 e NCr\$0,062. Com a reforma, a despesa do Governo aumentaria em NCr\$6,48 milhões.

Para o sr. Arvidsson, aquilo que o Governo paga hoje aos escritores pelos empréstimos nas bibliotecas é «muito pouco». São emprestados por ano 51 milhões de livros e o aumento das taxas daria a cada escritor sueco um «salário razoável e seguro».

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIO-LANTE.

O 3.º VOLUME DAS «MEMÓRIAS DE GUERRA» DO GENERAL DE GAULLE

O 3.º volume das «Memórias de Guerra» do general de Gaulle é o consagrado à vitória, aquele período que vai de 1944 a 1946. É o último volume da obra que fez época e que traça a acção de um homem que ainda não deixou de ser discutido nem de ter influência no decorrer da história do mundo e, sobretudo, da França, desde que apareceu na primeira fila dos dirigentes dos nossos dias.

Em português as «Memórias de Guerra» de de Gaulle aparecem nas Publicações Europa-América, traduzidas por Faure de Rosa e Maria Manuela Soares, com os cuidados habituais nesta editora. É um livro onde paira sempre a França, traduzindo-se realmente todo o de Gaulle na sua frase: «Em minha opinião, a França não pode ser a França sem grandeza.»

HISTÓRIA PARALELA DOS ESTADOS UNIDOS E DA URSS

As Publicações Europa-América tomaram agora uma iniciativa grande qual é a da publicação de «História Paralela dos Estados Unidos e da URSS». Deram-lhe o título justo de «Os dois gigantes».

Para empresas destas, necessários eram também dois escritores de primeira plana e de penetração e sentido crítico. São eles André Maurois e Louis Aragon.

A empresa inicia-se agora com «História dos Estados Unidos», de André Maurois. O primeiro volume, profusamente ilustrado, encontra-se à venda. Compreenderá mais três volumes a «História dos Estados Unidos». Haverá 7 volumes para a parte da URSS, sendo estes de Louis Aragon.

Empresa do maior alcance cultural este das Publicações Europa-América.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Museu do Século XIX

(Continuação da página anterior)

temporanea mais ou menos existente, melhor será dar-lhe um programa concreto e bem definido que não lhe imponha obrigações de ser dum século XX a que nunca na verdade pertenceu.

Porque o seu século é o decimo-nono, e sobre as artes dele se deve concentrar logicamente a sua acção. Sejam quais forem as nossas preferências culturais, temos de concordar que é mais útil um razoável museu do século XIX que um mediocre museu do século XX. A este (a estes...) chegaremos um dia; aquele, porém, podemos tê-lo desde já, quase sem despesas. (Há nas suas reservas dezenas de quadros importantes que há dezenas de anos não são mostrados). O que é preciso é não dar lugar a equívocos.

Museu do século XIX conviria fazer então daquela casa, em sítio ottocentista por excelência, e ainda hoje...

Nas suas colecções, que ninguém visita, algo então se aprenderia — e mais ainda nas exposições periódicas que as completassem e que seria fácil imaginar na medida em que tudo, neste período, está por fazer. Expostas e bem preparadas, seria inventariar criticamente o nosso fundo artístico desde 1780 até 1910 — sem o conhecimento do qual toda a cultura da época fica nevoenta e coza. Através de muita mediocridade criada, há problemas a pôr, relações a entender, descobertas a fazer. Seminários, conferências e publicações ajudariam a essa acção cultural cujas limitações, bem conhecidas e definidas num plano histórico, seriam apenas cronológicas.

Sintomas há dum interesse novo pela arte do século XIX — só falta um museu. Um museu fácil de pôr de pé...

... Não, não é reaccionário o meu alvitre. (Nem aliás, poderia ser, vindo de mim). É respondendo a tal hipotética observação repetindo que é mais útil um razoável museu do século XIX que um mediocre museu do século XX. E dizendo mais uma vez que o que é preciso é não dar lugar a equívocos — que são culturalmente perigosíssimos.



JOÃO GASPAR SIMÕES

«NOVOS TEMAS VELHOS TEMAS» de JOÃO GASPAR SIMÕES

João Gaspar Simões tem sido um dos nossos homens de letras mais fiéis à sua profissão e, dentro dela, a sua honestidade e o seu valor o impuseram ao público. O homem da «Presença», que começou pelo romance e a quem a experiência de romancista muito serviu na sua intensa actividade de crítico, tem praticado quase todos os géneros.

O crítico que nas páginas do «Diário de Lisboa» deixou páginas e páginas de doutrinação e orientação, e que voltou em boa hora à sua antiga tribuna,

embora com oratória diferente, dá-nos neste volume de ensaios interpretações críticas sobre escritores e escritos do nosso tempo e sobre homens e escritos de gerações anteriores.

«Novos Temas, Velhos Temas», com o subtítulo de «Ensaio de Literatura e Estética Literária», saído na colecção «Problemas» da Portugália Editora, constitui mais uma pedra valiosa no edifício erguido por João Gaspar Simões ao serviço da cultura e das letras, com aquela independência e dignidade mentais de sempre.

bando enfim por casar com ele tes da consciência humana o in-
e dar a luz Elisa, a quem nunca segue revesti- en-
soberá estimar. interesse um t a en-
Privada do amor maternal, a parecer esgota seg, esse dos
parturaram, contra os vence-
meio de
dar, julga
tria eleita.
absurdos,
s, e acaba
corresponde. E será depois a
nascença do Amor, a redenção
de Bárbara, que há de recuperar
a razão, em suma, o romance

POEMA INÉDITO

UM DIA DESTES,
ZÁS!, MORRO!

por Manuel António Pina

Entre Deus e o Diabo, venha o Diabo e escolha. —
Entre amar-te e a vida te escolho, ó dia como
uma doença de pele, e te redijo
por palavras minhas — envergonhadíssimo ó dia!
conforta-me e lava-me de toda a porcaria, que eu
com a unha da melancolia te corrijo.

Em Lisboa perdi a paciência.

— Fui crucificado morto e enterrado.

Ressuscito-te dos mortos. Só dentro da barriga te per-
[sisto,

e entre dentes te percorro de solidão inesperado.

A ti recorro, ó cirurgião, estou tão zangado tão zangado!
e morro porque não tenho idade para isto.



GOYA:

«EL TIEMPO MUDA LAS ORAS»

Alguém esteve em Madrid e visitou o Prado «como
não podia deixar de ser». Chegado aí, lembrou-se do
«Diário de Lisboa» porque, diz, «o «Diário de Lisboa» é
o meu companheiro de todos os dias».

E foi assim que o postal chegou às nossas mãos. Com
um abraço. Não conhecemos quem o assina. Mas conhe-
cemos Goya, que o desenhou. Isso nos basta. Goya, uma
companhia sempre desejada.

breve encontro com

JOÃO JOSÉ
COCHOFEL● UM DICCIONÁRIO DE LITERA-
TURA EM MOLDES NOVOS

Um encontro com João José Cochofel, mesmo breve, tinha que dar frutos. Vencendo a natural tendência para evitar confidências e depois de bastante instado sobre a sua presente actividade literária, sempre nos foi dizendo:

— Trabalho sempre em várias coisas ao mesmo tempo. Nesta altura, ocupa-me sobretudo a organização de um «Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», de que uma casa editora me encarregou. Queria eu que fosse um dicionário estabelecido em moldes novos, que desse particular atenção à problemática literária e que desdobrasse em vários aspectos as rubricas mais importantes, a tratar por outros tantos especialistas.

— Em que fase se encontra esse trabalho?

— A obra está ainda numa fase preparatória e é cedo para citar nomes, até porque ainda me não dirigi senão a um pequeno número dos colaboradores previstos. Mas posso desde já confessar-lhe a minha satisfação por nenhuma das personalidades abordadas se ter escusado ao convite e dizer-lhe que tenho já assegurada a colaboração de alguns dos mais destacados estudiosos da nossa literatura, entre eles um Rodrigues Lapa, um Vitorino Nemésio, um Prado Coelho, um Lindley Cintra, um Salgado Júnior ou um Oscar Lopes.

— Alguma obra a sair em breve?

Cochofel hesita. Assim em estado adiantado, nada. Mas...

● À ESPERA DA POESIA...

— Gostaria de levar por diante uma velha ideia: a de reunir em volume escritos antigos, entremeando-os com as minhas opiniões de hoje sobre os mesmos assuntos. Mas o livro, a que chamarei «Opiniões com data», emperrou por motivos vários (principalmente o fastio de me reler a mim próprio) e progride tão lentamente que me tenho achado já a comentar os comentários de há dois ou três anos...

— Quanto a poesia...

— A respeito de versos, nicles. A poesia, nunca a procuro, deixo-a vir ter comigo. E passam-se às vezes muitos anos sem que ela me bata à porta. Cá estou à espera.

● À DESCOBERTA DE ZOLA

Falou-se um pouco do quotidiano, de música, de jornalismo e de livros.

— As últimas coisas que li — disse-nos por último — foram quatro romances de Zola, que ainda não conhecia. É verdade, Zola. E que espantoso escritor! Li-o pouco na minha juventude, quando o devia ter lido. Mas, nesse tempo, tanto a gente da Presença como a do neo-realismo não morriam de amores por Zola e pelo seu naturalismo. Quando afinal a complexidade interior de «Thérèse Raquin» ou de «Une Page d'Amour» e o grandioso painel social do «Germinal» pareceriam de molde a apaixonar uns e outros. Mas os preconceitos de escola são implacáveis. E ainda bem que o são. Senão, como se renovaria a literatura?

NOTÍCIA

O primeiro livro de Alvaro Guerra, o romance «Os Mastins», deve ser publicado em França. A tradução está pronta e há duas editoras francesas interessadas. O autor juntou à versão francesa um novo capítulo.

FORA DE PORTAS

● O grande «best-seller» inglês de 1967 talvez espante muita gente. Título: «The Gipsy Moth circles the World» («O «Gipsy Moth» dá a volta ao mundo»). Do navegador solitário Sir Francis Chichester.

● «Ciné-Revue» pôs, há pouco, esta pergunta ao romancista Romain Gary: «Como se vive com uma esposa que é vedeta?» Resposta do autor de «As raízes do céu», feliz consorte da atriz Jean Seberg: «Há oito anos que vivemos juntos dia e noite. Jean não me aborreceu um só momento que fosse. (...) Digamos a verdade — a maioria das atrizes de cinema não chega nunca à maturidade. Pois Jean deu esse passo humano: deixou (felizmente) a adolescência para tornar-se adulta».

● Revelação de Eileen O'Casey, viúva do dramaturgo irlandês Sean O'Casey, a propósito dos desenhos do marido: «Não lhes achávamos muita graça, por isso acabaram quase todos no lixo». As poucas amostras que restam dão fé de um extraordinário observador, propenso à caricatura ou à simples «charge». Estas e outras curiosidades vinham num dos últimos «Sunday Times», juntamente com um auto-retrato de O'Casey (o dramaturgo sentado, boina na cabeça a cachimbo suspenso da boca, falando a uma visita: um melro).

● Novidade alemã ocidental: o epistolário de Henry Miller e Lawrence Durrell, aliás já lançado

em edição portuguesa pela Ulisseia. A propósito — Durrell entregou, para publicação, um novo romance, «Tunc».

● Novidade inglesa: «Reminiscências afectuosas», do famoso editor-livreiro Victor Gollancz. Um volume importante para a compreensão do ambiente literário (etc., etc.) de Inglaterra nos últimos trinta anos.

● Alberto Moravia, que desde muito novo colabora na Imprensa italiana, quis há meses obter o cartão de jornalista profissional. Acabou por desistir. Um dos passos obrigatórios era uma prova de língua italiana.

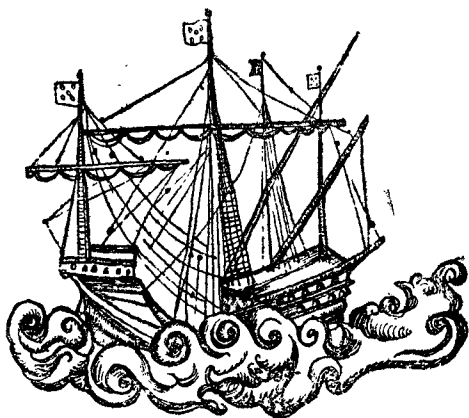
ESTE ANO
JÁ HÁ
CANDIDATOS
AO PRÊMIO
NOBEL

COMEÇA a falar-se do Nobel de Literatura referente ao ano que corre. Primeiros candidatos apontados: Günter Grass, Jaroslaw Iwaszkiewicz, Arthur Lundqvist, Aimé Césaire, Léopold Sédan Senghor, Nicolás Guillén e José María Pemán.

JOSE MANUEL SOEIRO

JAIME CORTESÃO

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA



Reprodução da capa da edição brasileira de «A Carta de Pero Vaz de Caminha», de Jaime Cortesão, desenhada, como que em pura figura, por Vieira da Silva.

VIEIRA DA SILVA CAPISTA DE LIVROS

É um aspecto desconhecido da grande pintora que é Maria Helena Vieira da Silva, dos nomes mais altos da arte contemporânea, o de ela ter desenhado pelo menos uma capa de livro. E o autor desse volume é nome grão das letras e da vida pública portuguesa.

Jaime Cortesão deixara o seu exílio em Espanha e França; e, após uma passagem por Portugal, fora acolher-se à terra amiga e fraterna do Brasil. Lá estava também a artista que deixara a França no tempo de guerra, partindo para o outro lado do Atlântico.

Jaime Cortesão iria continuar a sua obra de historiador e talvez a sua residência no Brasil seja até o ponto culminante dessa obra histórica. Em 1943 era publicado por Livros de Portugal o livro, ora reeditado entre nós, de «A Carta de Pero Vaz de Caminha», estudo de investigação e interpretação notá-

vel. O historiador começava a pagar ao Brasil o carinho com que o recebera, estudando-lhe as ori-



A vinheta da contra-capla do volume, com a assinatura de Vieira da Silva.

gens e esse livro era como que consagrado à certidão de nascimento do país. De nascimento ou de amentamento, tanto faz.

A capa e a contracapa do volume foram desenhadas por Maria Helena Vieira da Silva, como se diz no frontispício. A assinatura da artista encontra-se na vinheta

«Terra Santa
Evocação
dos seus Caminhos»
por Leonardo Coimbra, Filho

O dr. Leonardo Coimbra, Filho, escreveu este livro de peregrinação pelos caminhos da Terra Santa, como quem cumpre uma promessa e a emoção que o toma todo o realmente compreensível. A obra, aliás, é um livro como o que se usa para a Terra Santa.

Sobre ele desde 1936 as palavras tristes que ouvira a seu pai: «Só uma coisa me resta e me interessa ainda fazer: escrever um livro sobre Jesus Cristo. Quando estiver curado partiremos os dois para a Terra Santa.»

As estradas e os caminhos da Palestina foram percorridos só pelo filho já que ao pai o arrebatava pouco depois um brutal desastre de viação. E o livro sobre a «Terra Santa, Evocação dos seus Caminhos» saiu agora, em edição magnífica da Livraria Tavares Martins. Enforma-o de começo ao fim a religiosidade do autor. Foi um romeiro o da Palestina e é um guia profundamente emocionado o que nos transmite as suas impressões pelas terras de Jesus Cristo.

A desvalorização do livro na Inglaterra

por CHRISTINE BROOKE-ROSE

Não temos prémios, pelo menos aqueles que temos não causam drama algum, e só têm direito a três linhas nos jornais. O grande público, realmente, não se interessa por livros. O único prémio a que se dá alguma publicidade, é o prémio W. H. Smith (uma cadeia de livrarias-papelarias), atribuído este ano a Jean Rhys, uma redescoberta. Nascida nas ilhas Sotavento, semi-creoula, escrevia nos anos 30 romances «dilacerantes» acerca da mulher abandonada, alcoólica, perdida. Depois disso desapareceu.

O seu novo livro, *Wide Sargasso Sea* (1966), é uma reconstrução fictícia da vida de Mme. Rochester, a esposa louca em *Jane Eyre*.

Mas o ano começou por um gesto iconoplasta estupendo: cinquenta clássicos de língua inglesa que se podiam dispensar. *Hamlet*, *Tom Jones*, *O Monte dos Ventos*, *Wordsworth*, *Galsworthy* e muitos outros são condenados e espiritualmente executados pelos autores, a romancista Brigid Brophy, seu marido Michael Levey, um historiador de arte e o crítico musical Charles Osborne.

O romance de outrora sobrevive. Os nossos escritores, que voltam as costas à Europa, há uns quinze anos, estudando quando muito a literatura americana, como única disciplina «estrangeira» pagaram caro a sua insularidade. Histórias de família, de infância, de escola, de correrias, bem feitas e banais. O próprio William Golding, depois de brilhantes começos, tornou-se pueril com *Pyramide*.

V. S. Naipaul, escritor hindu, nascido na Trindade, que teve até agora muito êxito, publicou *The Mimic Men*, belo título cujo livro não cumpre as suas promessas.

A crise do romance tradicional faz-se, todavia, sentir; há alguns remoinhos de insatisfação. Até mesmo Angus Wilson, decano do «gal-worthismo» moderno, se aventurou em *No Low ght Matter*: esta história de família de 1912 a 1967, é desdobrada pela ironia do autor, que cria um segundo romance, escrito por uma das filhas, e cujo assunto é uma família fictícia que não consegue nunca fazer viver como vive a sua. A família criada por Angus Wilson é representada através de cenas de teatro.

Muriel Spark publicou um feixe de *Novels*. A sua originalidade teve muita influência, nomeadamente sobre William Trevor.

Este ano, um novo escritor, Paul Bailey, levou muito mais longe o estudo geriatrico que primeiro Muriel Spark havia feito em *Momento Mori*, mas suprimido o elemento sobrenatural. Quanto ao romance expe-

rimental, anda mal orientado, e é puramente formal, como *Doubtful* de Robert Nye, representação pseudo-surrealista do estado adulescente sob forma de adagem (?).

Houve, evidentemente, as curtas peças de Beckett, mas estão traduzidas em francês; este escritor é, aliás, irlandês como Flann O'Brien, autor de *At swim two birds*, falecido em 1966, o maior escritor depois de Joyce e Beckett.

Em *The third policeman*, aparecido este ano, conta ele a história de um homem morto que se encontra numa região extraordinária onde os homens são metade bicicletas, metade seres humanos.

A parte isto, o melhor romance do ano é *The Hen's House*, de Peter Israel. O *Je* do romance vive num instituto com intermináveis corredores e discute, todos os dias, o seu caso com um homem a quem ele chama «the Hen» (isto é, «a galinha»).

Pouco a pouco, aceita-se a si mesmo. O importante é ser julgado culpado no fim do tratamento.

Alegoria da vida, do inferno, da morte, do Paraíso?

Israel, o escritor, evoca sobretudo o terror do desconhecido, que tanto nele como em Kafka, tem um valor por si, independentemente do seu objecto. Mas de facto Israel, que vive em França, é americano. Então o balanço inglês... talvez venha a ser preciso voltarmos-nos, finalmente, para a Europa.

C. B. R.

O contrato de Zola com o seu editor

Na «História da Livraria», de Maurice Chavardès, agora publicada, se contam as relações de Zola com os seus editores. E vem, entre outros, o montante da sua primeira mensalidade.

No final do século XIX, as relações entre livreiros e escritores fixam-se numa base mais pessoal. «Já se não trata apenas de um livro, mas muitas vezes se transaccionam obras a publicar e ainda não escritas. Quando o escritor parece ter êxito, obtém o próprio editor uma pensão. A Georges Charpentier, Zola solicitou uma nos seguintes termos: «Preciso de quinhentos francos por mês. Se eu os tiver, penso escrever a minha obra e poderei dar-vos dois livros por ano...» O editor aceitou.

«Nos primeiros tempos pareceu que o editor se arruinaria. Os «Rougon-Macquart» tiveram pouco êxito. Foi o próprio Zola que lealmente ofereceu a Charpentier a anulação do contrato, mas ele recusou. «L'Assomoir» recompensará o editor de tal maneira que foi o próprio Charpentier quem rasgou o mesmo contrato para propor outro, bem mais favorável, ao romancista. Esses assaltos de correcção não-de ter continuidade depois, por altura da venda dos fundos de Charpentier a Fasquelle, a exigir deste que de uma pensão vitalícia àquele.»

POESIA P

por

Afonso L

Não anda actualmente muito lembrado o nome de Afonso Lopes Vieira.

sua poesia, no entanto, é mais significativa de tre a obras poéticas imediatamente anteriores ao modernismo — para não falarmos, agora, da sua acção exemplar de homem de letras, constantemente empenhado no resgate de algumas obras fundamentais da sensibilidade portuguesa; tais como O Amadís de Gaula ou A Diana de Jorge de Montemor, que, apenas corria, e por diferentes circunstâncias, em versões castelhanas.

Como poeta, Afonso Lopes Vieira — que nasceu, em Leiria, em 1878 — estreou-se, em 1897, com o livro Para Quê, bastante típico do estado de espírito finissecular, nas suas decadentes manifestações de derrotismo, mas muito longe de corresponder, por isso mesmo, aos aspectos positivos que posteriormente se afirmariam na sua obra. A este respeito, o segundo livro — Náufrago —, publicado no ano seguinte, já se rá incomparavelmente mais representativo. Como viria a ser Agostinho de Campos, o intérprete sonoro, consciente e estudioso da alma nacional e da tradição popular; o bardo-dadado, apostado em por sempre a sua arte ao serviço das ansiedades, esperanças e nu-lhorias espirituais da nossa grei; o infatigável e infatigável mineiro dos grandes veios líricos lusitanos; o buscador magnético da remota e invisível Estrela que governa o nosso ethos colectivo (...) — todos estes aspectos da alta e defini-

AFONSO

tiva figura de Lopes Vieira, poeta futuro Náufrago, — se-ia, de 1940, mais volumes de que mais plena afirmação (1917), F. Azula (1922) Acaba e M. Tez... o como as lidades in Agostinho- «gentil-hor por foras chamou-lhe ciência in figuras de Jaime Cortesão, Raul Gomes, em rios na que pes Vieira quico), em

A SENHORA MARIA LARANJO DA PRAIA DA NAZARÉ

Minha boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré, em quem tanto souro essa fida de um povo que na Europa o mais muito agradece o almoço de que a me deu junto às ondas da tivera Camões comido um igual, fazia-lhe versos, mas não a zom-

Minha boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré, por minha mulher a receberia (se a minha Amiga quisesse, já se se acaso a conho, quando era para ser agora a ventura taman em vez de por, por, marinho mendigo do mar. Fais de comp-

Estando da handa pobres do já eu não teria, não tenho as remorsos tamanhos tão graves de ver tantas donas roda a passim penaria e a ditaria como eles, por um milagre da que depois no meio Paraíso se o pescador mais da Nazaré

Mas já que eu por destino, o que era a pura, certa, saiba que em e — admiro P no que tem de — alma e o E saibam as atenhoras prin que há uma fida ai na Nazaré com quem elas em aprender e a dar um aim que tão fino

ACABA DE SAIR NA

ANTOLOGIA DA TERRA PORTUGUESA

a segunda edição revista e aumentada de

O MINHO

Introdução, selecção e notas por

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

Recolha de textos de autores do século XIII aos nossos dias sobre a paisagem e os costumes do Minho. Ilustrado com numerosas fotografias de várias épocas

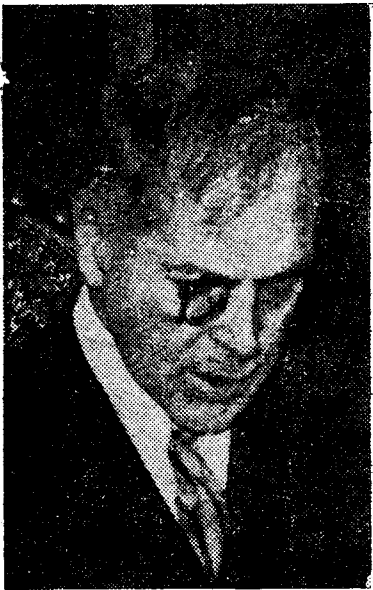
VOLUME DE 244 PÁGINAS — 40\$00

LIVRARIA BERTRAND

IA PARA TODOS

por DAVID MOURÃO-FERREIRA

Afonso Lopes Vieira



AFONSO LOPES VIEIRA

tiveram como companheiro na luta contra inúmeras formas de prepotência e de obscurantismo. «Construtor de nuvens», como ele a si mesmo se apelidava, sentindo constantemente «o exílio na amada pátria», Afonso Lopes Vieira sempre «buscou contribuir para reaportuguesar Portugal tornando-o europeu» — e bem merece, por tudo isso, a nossa mais grata admiração. O seu nacionalismo nunca foi o de muitos outros que pretendam agora aproveitá-lo: foi antes, preponderantemente, um nacionalismo literário, um nacionalismo linguístico.

Os momentos mais fecundos da sua vida viveu-os numa casa que possuía em São Pedro de Muel — «numa casa que está rezando do mar» — e bem pode dizer-se que aí sempre o visitaram — até à hora da morte, ocorrida em 1946 — as vozes mais representativas do lirismo português, de D. Dinis a Bernardim, de Camões aos autores obscuros dos romances populares. Era uma permanente assembleia, de que a todo o momento Afonso Lopes Vieira se sentia acompanhado; eram os eternos «fala-sós» da arte e da quimera, evocados por ele numa poesia das Ilhas de Bruma: «Meu Portugal de almas na lua, inquietas, / Que balbucia tanta incerta voz? / Minha pátria, coitados dos teus poetas, / Que são cá sempre os grandes fala-sós!». Tão importante como esta presença da poesia do passado — como esta presença de múltiplos tempos dentro do seu tempo — se revela também, na sua obra, a presença dos lugares onde as suas raízes mergulham ou onde a infância lhe decorreu: os «lugares», em suma, do termo de Leiria, da província da Estremadura, dessa «provincia bem amada / e toda toda toda povoada / de mosteiros, castelos e Memórias». Esta foi sempre, para Lopes Vieira, «a pequena pátria que adoramos / na grande, a de confins ilimitados». Sob este aspecto, a sua atitude assemelha-se bastante à de Valéry Larbaud na permanente valorização do seu Bourbonnais natal, sem prejuízo, em nenhum deles, da constante apetência cosmopolita e da visão universalista dos problemas culturais. Mas não eram apenas os «lugares» da sua Estremadura bem amada que interessavam ao poeta Afonso Lopes Vieira: eram também as pessoas, os naturais e os habitantes desses lugares, desde um Mouzinho de Albuquerque (que ele evocaria, por mais de uma vez, em verso e prosa) ao mais humilde pescador ou à obscura senhora Maria Laranjo da praia da Nazaré, que lhe serviu um excelente almoço — almoço que ele não esquece e que procura retribuir com um encantador poema de circunstância, que é, sem dúvida, dos mais belos exemplos de poesia populista de toda a nossa literatura e até um curioso documento do sentimento de culpa de uma classe privilegiada perante a elegância natural e a dignidade insubornável de uma limpa figura do povo.

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva,

Auto-retrato inédito do tenor Caruso

Enrico Caruso (1873-1921) foi um dos grandes tenores de sempre e os raros que ainda restam de entre os seus ouvintes lembram-no sempre com saudosismo e verdadeiro desvanecimento. Foi dos nomes mais altos da ópera lírica e dramática de todos os tempos e desde o «Othello» ao «Rigoletto» o seu repertório era o dos grandes cantores.

Enrico Caruso esteve várias vezes em Portugal nos tempos áureos do teatro e da ópera no nosso País. A plateia de São Carlos encheu-se sempre para o ouvir. É de uma dessas ocasiões o desenho inédito que hoje damos aos nossos leitores. Caruso era um tenor de cultura literária e artística e desenhando a primor, em traços firmes. Alguns dos seus auto-retratos são conhecidos. O que hoje publicamos foi feito pelo tenor no álbum de D. Leonor de Castro Guedes Rosa, esposa de Augusto Rosa, em 1903, durante a época de ópera de São Carlos.



Caruso desenhou-se, tal como aparecia na ópera «Rigoletto». O tenor tinha

na altura 30 anos, nascido que fora em Nápoles em 1873.

ORA MARIA LARANJO PRAIA NAZARÉ

a Amigãnhora Maria da praia Nazaré, tanto amo essa fidalguia vo que a Europa o mais fino é, radecido do almoço Real e deu jo às ondas do mar; imões cido um igual, versos, as não a zombar,

a Amigãnhora Maria da praia Nazaré, a mulhã receberia nha Amiquissese, já se vê) a conhe quando era solteiro, agora entura tamanha — le polr, marinheiro, do marais de companha.

da bandos pobres do mar lo teria, o tenho às vezes, i tamanha tão graves fezes antes doem roda a penar; maria e editaria is, por a milagre da fé, bis no mo Paraíso seria lor maisz da Nazaré!...

que eu a por destino fatal, ra a m pura, certa vocação, se em e admiro Portugal tem do a alma e coração. m as atãnhoras princesas uma fidaai na Nazaré em elas em aprender finezas um almque tão fino é.

Esse Pedro Hispano que em Lisboa nasceu, que foi médico e filósofo, cardeal, e ascendeu ao Papado sob o nome de João XXI, morrendo com uma telha na cabeça no seu palácio de Viterbo, tem suscitado estudos sem conta. É um dos grandes lisboetas de todos os tempos. Ainda agora o dr. J. M. da Cruz Pontes publica, em separata de «Revista Portuguesa de Filosofia», o estudo que realizou «Para situar Pedro Hispano Português na história da Filosofia». O único português que Dante nomeia na «Divina Comédia» exerceu acção preponderante na filosofia do seu tempo, não apenas pelos seus livros que se universalizaram, como as «Summae Logicales» e o «Thesaurus Pauperum», mas também por medidas durante os breves oito meses do seu pontificado. No seu estudo, o dr. Cruz Pontes, com uma bibliografia e notas a atestar o recheio de erudição, fixa cada um dos elementos que serviram para universalizar o nome de Pedro Hispano e dar-lhe a grande influência que, de facto, exerceu nas ciências filosóficas.

A função de traduzir não é, apenas, contra o que muitos pensam, uma função mecânica de conhe-

Está em curso, neste momento, a publicação da bibliografia de Thomas Mann. O primeiro volume, saído em 1955, registava nada menos de 3000 títulos. Foi publicado pela «University of Minnesota Press», Minneapolis. O segundo volume, abrangendo o período de 1955 a 1964, sairá em breve e compreende também a roda de 3000 títulos.

A grande camiliana que está a ser leiloadada em Lisboa não tem o nome de quem a reuniu, embora muitos dos livros tragam ex-libris. Mas ela é bem significativa e representativa da paixão de um bibliófilo que um dia quis coleccionar o que lhe fosse possível sobre Camilo. Há livros que foram comprados e encadernados apenas porque, em dada página, trazem um pensamento de Camilo. Outros porque, em determinado local da exposição, o autor fala de Camilo e o cita. E o possuidor anotava, no começo do volume, essas páginas e esses pensamentos. Essa camiliana serviu de elemento de trabalho a alguns estudiosos. Lembremos que há pouco tempo ainda, o eng. Gustavo de Ávila Perez publicava, na Portugalia Editora, um volume sobre «As Traduções do Amor de Perdição». Em tiragem limitada, naturalmente. Os volumes que lhe ser-

TERREIRO DAS LETRAS

cimento de duas línguas. Exigências culturais e conhecimentos são precisos para verter a um idioma o que outrém disse para outras gentes. Já se definiu a função de traduzir como sendo o dizer numa língua aquilo que nela teria dito o autor se nela tivesse escrito. Sendo assim, não são muito menores as exigências do bom tradutor do que as do autor. Como escritor, tanto faz ser-se autor como tradutor. O «Dom Quixote», de Cervantes, vertido em português por Aquilino, é tanto deste como daquele, e nele esplende a prosa de Aquilino como em qualquer dos seus livros originais. Não se compreende, por isso, que alguém se meta a traduzir uma obra sem conhecer sequer a língua para onde traduz. O que pensar, por exemplo, do conceito de responsabilidade de quem toma sobre si o encargo de uma tradução de obra de história e nos fala, em português, de «Bavária». Não se chega, sequer, a perceber que em português há uma região chamada Baviera? Há, igualmente, «Bavária», mas não neste mundo de Cristo. Diz-nos o dicionário que é «o asteroide n.º 301 do catálogo».

Os estudos bibliográficos são indispensáveis para o estudo completo da obra de certos autores. A exemplo do que fez Neves Aguiar em Portugal para Jaime Cortesão, estando prestes a sair a parte brasileira relativa ao mesmo escritor, há que realizar bibliografias sistemáticas dos homens que têm influenciado o pensamento ou a arte portuguesas.

viram para análise vão ser vendidos agora, a quem mais dê.

Na altura em que se multiplicam os estabelecimentos de ensino superior, com Estudos Gerais em Angola e Moçambique e se ergue a Universidade Católica, pode lembrar-se que uma única Universidade existiu em Portugal até à República. Escolas superiores em Lisboa e Porto, depois do Liberalismo, prenunciavam as respectivas Universidades, que só seriam fundadas depois de 1911. E, contudo, já no século XVI, quando surgiu o conflito entre a Universidade de Lisboa e D. João III, foi enviada a este soberano uma carta por muitos dos lentes, entre eles Pedro Nunes, acentuando «Que muito proveito será a seus Reinos o haver hi duas Universidades, pois em outros Reinos há muitas mais». Mas D. João III pensava transferi-la para Coimbra e transferiu mesmo. Quase quatro séculos depois é que Lisboa voltaria a ter a sua Universidade. O movimento universitário português do século XXI é lembrado e estudado, mais uma vez, no estudo que o dr. Jorge Alves Osório consagrou a Mestre João Fernandes, ao reeditar, traduzir e anotar «A Oração sobre a Fama da Universidade» (1548). Editado pelo Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra depõe da cultura e qualidades de trabalho, investigação e inteligência do dr. Jorge Alves Osório, que o apresentou como tese de licenciatura.

EM TORNO DE UMA CONFERÊNCIA

A tradução literária e os seus problemas

por J. A. PENICHE ROSA

Admirável e oportuna a lição que o escritor Curt Meyer-Clason proferiu no Instituto Alemão no passado dia 4 de Dezembro sobre «O Elemento Criador na Tradução de Poesia e Prosa». Dominando perfeitamente o Português (em que se exprime elegantemente com sotaque brasileiro), tradutor experiente de poetas e prosadores tanto brasileiros como portugueses (incluindo Fernando Namora e Rúben A.) para o seu alemão materno, ninguém mais habilitado do que Meyer-Clason a dizer-nos o que uma boa tradução literária deve ser e a apontar-nos os escolhos que o tradutor honesto deve evitar no seu labor.

Embora referindo-se predominantemente às suas soluções para determinados problemas da tradução literária (posto que, modesta mas também verdadeiramente, não se esquecesse de frizar que cada tradutor tem a sua solução), da sua bem documentada conferência resultam diversas lições de aplicação genérica que todos os tradutores de obras literárias fariam bem em ter presentes.

Para aqueles (e são tantos) que consideram a tradução um ramo menor da actividade literária, a conferência de Meyer-Clason constitui uma reabilitação do tradutor. Que no trabalho de tradução entra (ou deveria entrar) um elemento criador na razão directa do conteúdo estético do original, eis o que aprioristicamente se reconhece embora na prática tanto se descure. Vozes autorizadas têm-se levantado para dizer que, salvo honrosas excepções, a tradução literária em Portugal deixa ainda muito a desejar. Chegou-se a sugerir (e bem) a atribuição de um prémio — a que se daria a designação de «Prémio Tomaz Kim», em memória do poeta recentemente desaparecido — às traduções que o merecessem pelo seu brilho e qualidade.

De facto, traduzir-se bastante em Portugal (a nossa produção livreira é predominantemente constituída por traduções), mas nem sempre se pode dizer que se traduzu bem. Quantas vezes, mesmo sem acesso ao original, o leitor sente que há qualquer coisa que destoa, ou, pior ainda, que não faz, sequer, sentido. E, se se comparar o original com a tradução, não raro é a musicalidade que falta, a cadência que anda arredia, o conteúdo que só é dado em parte (quando o é), e, por vezes, a batotazinha de cortar pura e simplesmente o que se atigira mais dificilmente traduzível.

Uma boa tradução não se deve contentar com a mera superficialidade do texto; tem de ser multidimensional. Há que reproduzir tanto quanto possível o conteúdo recôndito dos vocábulos e das expressões, se necessário «desdobrando-os»; há que ecoar, mesmo que, por vezes, de forma algo diversa, a musicalidade e o ritmo do original; há que respeitar construções a que, por parte do autor, presidiu determinado intuito que o tradutor não pode escamotear de ânimo leve. Sobretudo, há que ser fiel ao espírito do original.

Cultura geral, sólido domínio das línguas em causa, preparação literária, perspicácia, estilo, intuição linguística (esse «Sprachgefühl» que, mais do que adquirido, é inato), flexibilidade de expressão — eis algumas das qualidades que, a par da honestidade imprescindível a todo o trabalho consciencioso, o tradutor deve possuir em alto grau.

Que, em muitos casos, traduzir é desafiar o impossível, eis outra realidade que Meyer-Clason não ocultou. Como traduzir o «Ulysses» de James Joyce se não muito aproximativamente? Num plano menos abstruso, como reproduzir numa língua estrangeira as elegantes sutilezas do nosso irónico, mordaz, incomparável Eça, ou a rudeza desse mestre enorme que foi Aquilino? Para nós, portugueses, quase qualquer tradução dos nossos prosadores, mesmo quando cuidadosamente feita, tem um sabor aguçado, como bom vinho que alguém inexplicavelmente adulterou. O mesmo dirão os estrangeiros que leiam traduções dos seus mestres.

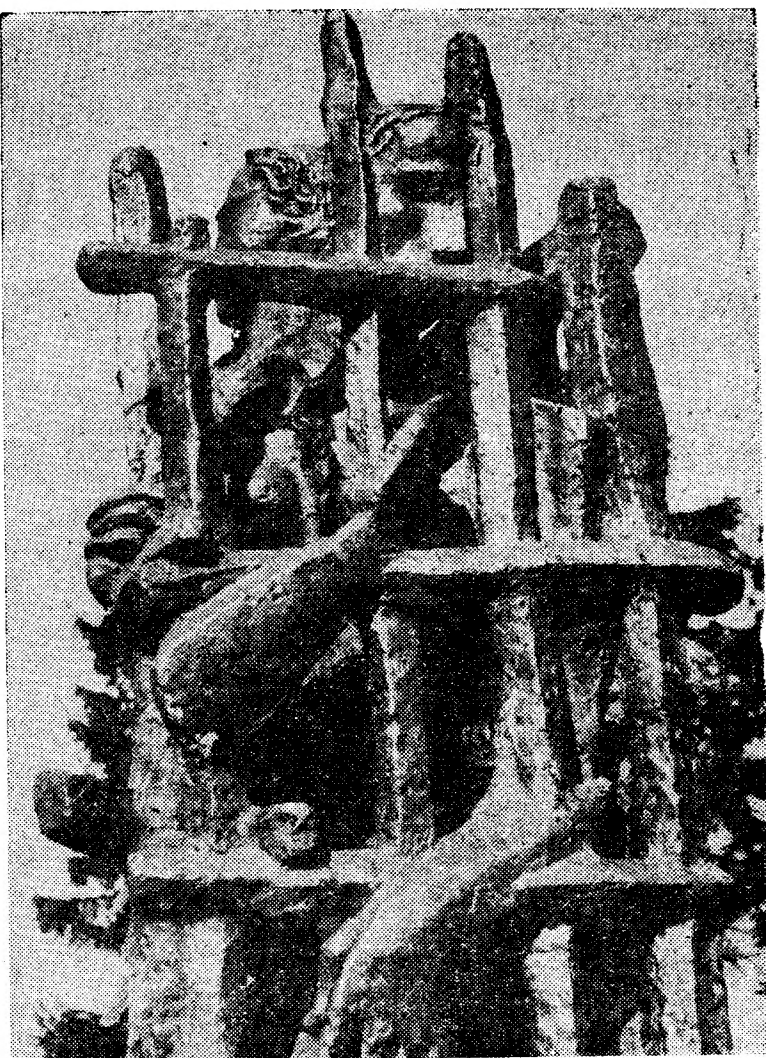
E, se formos para o campo da tradução poética, os problemas a resolver afiguram-se (e normalmente são) maiores ainda. Em inúmeros casos, torna-se impossível fazer uma tradução fiel sem atraiçoar a rima, a métrica ou ambas; para as preservar, e a fidelidade que sofre. Isto não quer dizer que ocasionalmente não surjam traduções de rara felicidade; entre muitas outras, basta citar as de Luis Cardim e a notável tradução de sonetos de Shakespeare por Maria do Céu Saraiva Jorge. Aqui, o tradutor joga com factores menos evidentes na tradução de obras em prosa; a tradução poética obedece a condicionamentos que a tornam sobretudo difícil dado o multidimensionalismo do poeta. E é nela também que o «traduttore» se revela, não raro, mau grado seu, mais do que nunca «tradittore», pela frequente impossibilidade de reproduzir cabal e fielmente a música, o ritmo, a tensão e a economia estrutural do poema que pretende traduzir.

Há um factor, porém, que cumpre mencionar: se muitas traduções não são tão boas quanto poderiam ser, isso deve-se, em alguns casos, às editoriais de que, para cumprirem uma programação carregada, ou para não perderem a oportunidade de publicar no momento favorável a tradução de uma obra literária que causou sensação, obrigam o seu corpo de tradutores a um ritmo que desde logo diminui em grande medida, quando não exclui, a possibilidade de trabalho ponderado. Ora, as editoriais terão as suas razões, mas a actividade do tradutor literário (e seja-me permitido excluir desta categoria o tradutor de obras de valor mais informativo do que estético), para ser profícua, deve-se processar em câmara lenta (a expressão é do próprio Meyer-Clason). De facto, pode-se, talvez, exigir a um tradutor que em duas, três ou quatro semanas traduza um livro sobre a guerra do Vietnam ou sobre as actuais tendências políticas na América Latina; mas pretender que no mesmo espaço de tempo apresente uma tradução válida de Thomas Mann, Kafka ou Virginia Woolf seria, além de prova de inconsciência, um verdadeiro atentado literário.

Um problema curioso que se põe é este: será lícito o tradutor dar à sua tradução um brilho literário que o original não possui? Fê-lo, por exemplo, Eça de Queiroz com «As Minas de Salomão», é certo, mas aqui há uma traição ao invés: em «As Minas de Salomão» temos muito mais de Eça do que de Rider Haggard; em vez do caso mais usual de o tradutor não fazer justiça ao autor, é este, e não aquele, que surge largamente superado. O elemento criador é tão preponderante que o tradutor quase se substitui ao autor. Não se trata, pois, propriamente de uma tradução, porquanto o tradutor, como portavoz do autor, não pode pôr na boca deste o que ele não disse, ou, pelo menos, não disse de forma tão fulgurante.

A tradução literária, sendo, como é, um poderoso meio de difusão cultural, implica responsabilidades que seria criminoso ignorar. É conflagrador encontrarmos, por vezes, autores que reconhecemos espantados na língua original vestidos na pelintra do lugar comum vistoso, na sonoridade oca das frases feitas, no linguajar balofo que pouco significa para além do trivial, quando não no solecismo imperdoável. Acresce que uma má tradução amplamente divulgada, mormente se a língua original for pouco conhecida, pode prejudicar a reputação de um bom autor, prestandolhe, ao fim e ao cabo, um péssimo serviço.

Em 1736 dizia o crítico e escritor alemão Johann Christoph Gottsched na sua obra «Ausführliche Redekunst» que considerava o trabalho de tradução literária um bom treino para o aspirante a escritor. É verdade, mas é pouco: traduzir, mais do que simples treino, deve e pode ser uma actividade eminentemente criadora, como muito bem salientou Curt Meyer-Clason. Que os nossos tradutores literários nunca o esqueçam.



«Os Prisioneiros», de Zadkine

«OS PRISIONEIRO» DE OSSIP ZADKINE

Desapareceu há poucos meses, para sempre, o grande escultor Ossip Zadkine, que nascera na Smolensk, de nome na história, e deixara a sua Rússia nevada para estudar em Paris e Londres, no começo do século. Em Paris se fixaria depois e se nacionalizaria até francês. O grupo intitulado «Os Prisioneiros», que hoje reproduzimos e se encontra na cidade de Colónia, na Alemanha, documenta bem a forma de trabalhar de Zadkine, de talhe directo na matéria e procurando seus efeitos plásticos numa série de jogos de planos convexos e côncavos, em arestas vivas, procurando mais sugerir do que dar-nos a realidade completa

A Escola de Gramática do Cabido da Sé de Lisboa

No seu estudo sobre «As Escolas Capitulares no primeiro século da Nacionalidade Portuguesa», aparecido nos «Arquivos de História da Cultura Portuguesa» (vol. 1, n.º 2), o dr. Francisco da Gama Caeiro trata do problema da localização da primeira Escola de Gramática do Cabido de Lisboa. Muitos a localizaram já em Alfama, no sítio da Cruz, quando o costume era ter essas escolas junto à Sé.

O dr. Francisco da Gama Caeiro diz parecer-lhe que, ainda nesse caso, não houve excepção: «...a escola episcopal funcionava como as demais deste género junto à Sé, ainda no fim do século XII e princípios do século XIII, quando a frequentou um jovem escolar, Fernando Martins, que viria a ser Santo António de Lisboa; e, ao que parece, lá se conservava também quando, depois de 13 de Junho de 1231 (data em que o Santo morreu) o quarto bispo de Lisboa, D. Soeiro II, forneceu alguns elementos biográficos ao legendista da Vita Prima de Santo António (entre os quais a existência dessa escola anexa à Sé), não havendo qualquer prova da transferência da escola episcopal para as casas da Confraria dos Clérigos, nem indicação de que a mesma escola precisasse de nova instalação ou de algum desdobramento. «A escola episcopal de Lisboa não era, aliás, propriamente só uma escola de gramática porque era uma escola para instrução ampla, sobretudo religiosa, base da formação dos candidatos ao sacerdócio, embora entre as disciplinas ensinadas figurasse também certamente, a da gramática».

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

Concurso para a exploração de lojas nas estações do Cais do Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

1 — Até às 16 horas do dia 11 de Março próximo, aceitam-se propostas, em separado, para a exploração por 5 anos, com opção nos seguintes, de lojas nas estações do Cais do Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1968
Sodré e Cascais e do pavilhão da estação do Estoril

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente, das 8 às 24 horas, na Consigne da estação do Cais do Sodré e nos

Vésperas

Ergui-te em contra-luz de poentes opressivos
o mar roxo e dourado pelos câncros do sol
as florestas em baixo uivavam salmes vivos
e então mostrei-te o mundo e disse-te — escolhe

de pedra argila e lua a tua face recta
e os teus olhos de ouro em bocanais nocturnos
a mágoa dum sorriso na lora entreaberta
permanecemos dois passados e futuros

foram nascendo aos poucos estrelas e silêncios
nem pálpebras cintilam no teu rosto cera
apenas os dois fios de lágrimas extensos
nos rios dessa noite ó minha loira eva!

JORGE GUIMARÃES

JOSÉ MARMELO E SILVA

«Querem uma obra profundamente moderna e autenticamente nossa? Querem um escritor de ficção genuinamente português? Porque esperam: aqui o têm.»

JOÃO GASPAR SIMÕES

O SER E O TER SEGUIDO DE ANQUILOSE

Um novo livro do autor de «Sedução» e de «Adolescente Agrihoado» que rompe um silêncio de vinte anos e confirma a capacidade de um grande escritor da moderna literatura portuguesa.

EDITORIA ULISSEIA • Colecção «Sucessos Literários» • 40\$00

LIVROS E EXPOSIÇÕES

RONDA DAS GALERIAS

BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — Angelo de Sousa (pintura).
111 (Campo Grande, 111) — João Hogan (gravura), desde o dia 16.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Rua António Maria Cardoso) — Lud e Martins de Oliveira (desenho e pintura).
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — Pintores portugueses.
DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — António Botelho (guaches).
GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1) — Fernando Conduto (escultura).
GRAVURA (Travessa do Sequeiro) — Isabel Pons (gravura).
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL (Arcadas do Estoril) — Maria Brígida Gonçalves (pintura).
QUADRANTE (Avenida Luis Bivar, 85, c.) — Eurico Gonçalves (pintura).
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Palácio Foz — Restauradores) — Avelino Rocha (pintura).
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — Carlos Ramos (pintura), depois do dia 1. Man (pintura), depois do dia 1. Cartazes de Mathieu, no salão, só depois do dia 5.

ESCAPARATE

(De 9 a 26 de Fevereiro de 1968) Número de páginas — 208.
 Preço — 45\$00.

Autores portugueses

Título — Novos Temas Velhos Temas.
Autor — João Gaspar Simões.
Editora — Portugal Editora — Lisboa.
Colecção — Colecção Problemas, n.º 22.
Número de páginas — 374.
Preço — 50\$00.

Título — O Ser e o Ter Seguido de Anquilose.
Autor — José Marmelo e Silva.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Colecção — Sucessos Literários, n.º 49.
Número de páginas — 206.
Preço — 40\$00.

Título — Novelas Históricas Portuguesas — Antologia.
Autor — Vários.
Editora — Estudos Cor — Lisboa.
Colecção — Colecção de Bolso, n.º 27.
Número de páginas — 283.
Preço — 25\$00.

Autores estrangeiros

Título — Blow-Up e Outras Histórias.
Autor — Julio Cortázar.
Tradutor — Maria Manuela Fernandes Ferreira.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Colecção — Nova Literatura, n.º 1.

«FILHO DE HOMEM»

de Augusto Roa Bastos

É da «Colecção Século XX», lançada pelas Publicações Europa-América este romance que amanhã êxito obteve em toda a América Latina e em que se focam acontecimentos de história do nosso tempo no Paraguai.

Augusto Roa Bastos no «Filho de Homem» dá o ambiente da vida paraguaia, entre a catástrofe de Sapukai e a guerra do Chaco. É romance, sem dúvida, mas a vida paraguaia lateja nas páginas todas do livro que um juri sul-americano, presidido por Miguel Angel Asturias, premiou.

Boa edição com uma sugestiva capa dos estudos Europa-América.

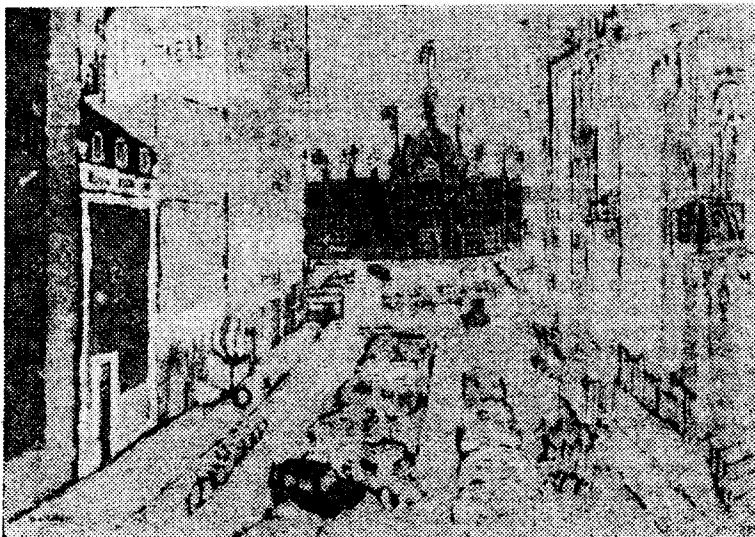
SINTRA ESPERA-O

Para sua deslocação utilize os COMBÓIOS ELECTRICOS



ANTÓNIO BOTELHO

Guaches de António Botelho



Um dos trabalhos do pintor

António Botelho é um pintor que se tem assinalado em diversas exposições e numa actividade constante.

«NERO»

por Emilio RADIUS

Na série de «Grandes Biografias» da Editorial Aster, foi agora publicada a de «Nero», de Emilio Radius, aparecida há tempos em Itália, sob o título de «Vita di Nerone». Foi vertida a português por Maria Eugénia Sá da Bandeira e com a sugestiva capa de Gualdino Sobrinho está, por certo, destinada a êxito certo.

Emilio Radius soube enquadrar Nero no seu tempo e aquela encruzilhada de civilizações, personalidades, povos e religiões. Procura interpretar o seu personagem mais misterioso do que muitos autores o consideram, atirando com ele para uma classe sem cambiantes. O imperador tem encontrado ultimamente certos reabilitadores que acham deixar o crime de ser crime quando o inspira a razão de Estado. Emilio Radius procura sobretudo não se deixar levar por qualquer preconceito perante a figura daquele que para milhões de homens tem sido o símbolo dos monstros na história.

«A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)»

de Mestre JOÃO FERNANDES

«Ao terminar a revisão do texto que foi apresentado em Julho de 1963 como tese de licenciatura em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ficou mais avivada a impressão do muito que resta indagar em volta de figuras e aconteci-

mentos de uma época ainda tão pouco estudada entre nós.»

Estas palavras do dr. Jorge Alves Osório, que tomou para sua tese «A Oração sobre a Fama da Universidade», do velho mestre coimbricense João Fernandes, traduzindo-a, anotando-a e prefaciando-a com uma introdução notável, justificam-se inteiramente. Para tal basta contar pelos dedos de uma mão as monografias consagradas a esses mestres do Renascimento em Portugal, investigando-lhes a vida e estudando-lhes a obra. Homens como este João Fernandes, André de Resende, Diogo de Teive, Buchanan, Aspiqueta Navarro, Cataldo Siculo, e tantos mais, esperam o biógrafo consciente, paciente, erudito e carinhoso que os arranque à poeira dos arquivos. Teve Nicolau Clenardo a sorte de encontrar um Manuel Gonçalves Cerejeira, António de Gouveia encontrou há pouco um Veríssimo Serrão, depois de ter merecido a atenção de um comentador da categoria de Joaquim de Carvalho e de ter sido traduzido por um mestre da língua como Aquilino de Damilão de Góis publicou-se há meses uma biografia, na Holanda. Mas até homens como Jerónimo Osório, com projecção intelectual, moral e política, são deixados ao deus-dará.

Os estudos de conjunto sobre essa época têm ficado quase todos como colunas trunçadas ou edifícios sem cobertura nem conclusão. Que mágoa o inacabado do «Colégio das Artes» e de «A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes», de Mário Brandão!

O dr. Jorge Alves Osório recita agora a «Oratio de Celebritate Academicæ», publicada em 1548, em Coimbra, pondo-lhe em face a tradução. Aproveitando as investigações para essa tese de licenciatura dá-nos, nas cem páginas da introdução, a carreira desse reitor da Universidade e o ambiente académico quinhentista, bem como as desinteligências da Universidade de Lisboa com o rei, que levaram à sua transferência para as margens do Mondego de onde não voltaria, e ainda os precedentes dessas orações «Pro Rostris» que hoje classificamos de «Orações de Sapiência» ainda quando esta nelas escasseie.

Esta obra de João Fernandes é de grande importância para o conhecimento do ambiente renascentista coimbrão e português, pela quantidade de mestres que cita e informes que sobre eles dá.

João Fernandes afastou-se de Coimbra depois de 1548, tendo sido dispensado do ensino universitário em 25 de Maio de 1549. Iria para o paço de Vila Viçosa e na corte ducal se conservaria até 1578, ano em que morreu, comendatário que era de Santiago de Parada. Em Vila Viçosa traduziu para latim a «Crónica de Condestabre», mas dessa tradução se perdeu o rasto como de tantas e tantas outras produções do engenheiro, neste País.

A edição é do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra. — R. R.

ENSINO LICEAL A ADULTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

Rua do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 32 69 57

CRÍTICA LITERÁRIA

«CARNAVAL NEGRO»

conto de Urbano Tavares Rodrigues
(Movimento)

«DESPEDIDAS DE VERÃO»

escorço cinematográfico de Urbano
Tavares Rodrigues (Bertrand)

«A NOITE ROXA»

novelas e contos de Urbano Tavares
Rodrigues, 2.^a edição revista e com
prefácio de Baptista-Bastos (Bertrand)



movimento novela

«Carnaval Negro»

Porque tudo é «metamorfose» humana, neste Carnaval Negro, ocorre-me a seguinte frase do diário de Kafka: «A falta de espaço oprimir-me-á sempre». A literatura kafkiana é claustrofobia irreparável. Por mais amplos que sejam os espaços sociais e físicos a que se reporta, há uma existencial muralha da China a oprimi-la, a obsidi-la, a tolher-lhe a efusão ótica. Daí o símbolo inextinguível que A Metamorfose é: ela reduz o humano à regressão bestial, que descondiciona a ilusão do optimismo pseudo-humanista. Se Kafka suprime sempre, como tem sido notado, uma faculdade que, a estar presente, deitaria por terra a narrativa, é porque os escombros que assim gera não são para ele intuitivamente diferentes dos que a apreensão do que nos falta precipitaria sobre o que somos. Ele próprio chamou a isso o «salário do Diabo».

É de uma claustrofobia semelhante que tentam evadir-se os mascarados de Carnaval Negro. Mas apenas barafam as cartas: há barreiras para o eu-mítico, como as há para o eu-social! Mais artista que poeta, Urbano Tavares Rodrigues enebria-se e enebria-nos com o esplendor desse espectáculo. A plasticidade quase indimensional do seu verbo de tudo sabe tirar encanto e estesia, do mesmo passo que agrupa em significações estratificadas o alcance do que diz. Nesse duplo sentido, este conto é inextinguível. Ao charivari barroco da primeira parte sucede-se a descida aos Infernos da segunda. Ao estilo que estranjava, o que cadaveriza. Contexto social, contexto psicológico, contexto existen-

cial, contexto histórico, contexto essencial são outras tantas estruturas que reparam entre si os nexos da unidade literária em cuja realização concorrem.

E, todavia... E, todavia, este universo de motivações decifradas, explícitas, abertas, tem o quer que seja do já visto. Faz coincidir plenitude estética com verdade estética, recusando, assim, que haja um limiar de insignificância a transpor, como a grande obra de arte sem cessar nos aponta, compelin-do-nos a uma recondição do que somos. Sem o salário-do-Diabo, a que Kafka se referiu, não há poeta. E, sem este, o artista é um cicerone magnífico, mas a quem falta a chave do logis.

ACEITANDO que se possa e deva criar uma ciência da literatura, como a que o estruturalismo está procurando, eu pergunto-me, abrindo um parêntesis aqui, se alguma ciência pôde ou poderá algum dia esgotar o seu objecto. Certo de que não, ponho ante mim a distinção que Todorov fez entre as «virtualidades do discurso literário» que tal ciência analisa e a obra que o contém. E concluo que uma obra é tanto mais acessível a um tal exame quanto menos rica e criadora for (o que me recorda, por exemplo, o estudo que

ficte e não fundo insondável, joga-se no pressuposto de idênticas regras. É, por isso, um divertimento, como Urbano Tavares Rodrigues expressamente reconhece, o texto que escreveu para o filme gorado Despedidas de Verão. Mas que denota o talento que tem esbanjado pelas mil escarpas da sua dádiva. E manda represá-lo, como de outras vezes já sugeri.

Queiramo-lo ou não, é impossível fugir contudo, salvo nos casos de excepção, ao condicionamento da vida literária portuguesa. O que me leva a perguntar, muitas vezes: para quê a crítica, afinal? Para trazermos, uns e outros, o nome no jornal?! Mas não era mais simples, para isso, roubarmos uma carteira ou derraparmos o automóvel! — eis a palavra que resume e nos faz aquiescer. Carnaval Negro da praça pública!... Isso mesmo o diz Baptista-Bastos no prefácio que escreveu para a reedição de Noite Roxa: «Há coisas, factos, pessoas a que



URBANO TAVARES RODRIGUES

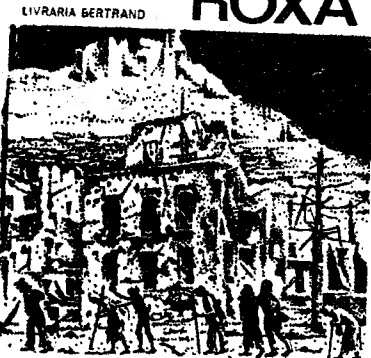
— que é o acto de tomar o peso do que nos rodeia e,

por MÁRIO SACRAMENTO

estamos ligados por sentimentos de honra. Quando chegamos a uma certa esta-

Urbano
Tavares
Rodrigues

A
NOITE
ROXA



«Noite Roxa»

ção da vida e fazemos as opções necessárias à nossa própria viagem no tempo entendemos que essas coisas, esses factos, essas pessoas, nos ensinaram a existir mais Tavares Rodrigues, sem dúvida. A parte que lhe tem

fundamentalmente, explica». Assim se passa com Urbano cabido na consciencialização da nossa problemática europeia não pode subestimar-se: bastaria Noite Roxa para a reputarmos fundamental.

Eis aí a Europa, numa encruzilhada de Escombros de que só na aparência se resarcia ainda! Encruzilhada, todavia, ante a qual nos situámos (nos situámos) como se de outro continente a olhássemos. Só quem a tivesse calcorado, na época, poderia dar-nos o «nosso» sentimento dela.

E isso fez Urbano Tavares Rodrigues. Chama-se Jacinto, o protagonista da novela. E, como o do Eça, é uma «inteligência inútil» e sem norte. Um único escopo, a aventura: «a aventura pela aventura, pelo risco, pela experiência, pela emoção, por um sorriso, por uma rosa, por coisa alguma, como D. Quixote contra os leões».

Situado entre dois grandes sistemas económico-sociais, que considera figurações diferentes dum mesmo mal, não opta — e cai na terra-de-ninguém da Berlim do após-guerra, afundando-se no erotismo e no expediente videirinho. A triangulação em que é posto com uma mulher frígida e outra sexualmente obsidiada põe ao donjuanismismo que toda a obra de Urbano Tavares Rodrigues glosa um sinal reflexivo de ser-e-nada que, a meu ver, é o seu contexto mais fecundo: o dum franciscanismo do amor físico — repartido em esmolas Como fundo de tudo, a cidade e a vida truncadas, mendicantes.

Para Wolfgang, ex-militar e escroque, companheiro de Jacinto, a única saída é despolitizar tudo. Sem a anotação disto, a novela não teria o significado, a data e o alcance que tem. Despolitizar tudo é desumanizar tudo: é cair de borco na alienação histórica do no man's land! Eis assim que Urbano não só põe o dedo na ferida do jactancismo destes dois séculos, mas no do cosmopolitismo insolvente e outsider. «Alagado de culpa e de tédio», o seu protagonista percorre todos os escapes da má-consciência e adia para a «cosmose dos dois mundos» a solução de uma conjuntura que aliena. A sua «imitação do amor» é já uma «imitação da felicidade», — uma imitação da vida. O refrigério de castigo «moral» que a prisão derrama sobre ele repõe o jactancismo na «solução» dum regresso à infância: «nada havia no mundo mais lindo que uma criança — pensou —, nada mais digno de amor que um defeito», são as últimas palavras da novela.

Falta, claro está, a ironia com que o Eça negava o que dizia e afirmava o que negava. Que ironia pode haver sobre escombros?! — Sim, uma: a do humor negro. A dos parodiantes que, no cabaret, imitam Goering, Goebels, Hitler... A do Carnaval Negro, afinal! a dum mundo que come gerações como Saturno comia os filhos.



«Despedidas de Verão»

Umberto Eco fez dos ingredientes com que Ian Fleming cozinhou o seu James Bond: a literalidade de tal análise está para a literatura como a musicologia para a música.

A ser assim, a obra que mostre sem que descubra, a obra que componha sem que inove, a obra que seja super-

RENÉ LÚCIO

Os seus trabalhos correm mundo. Levam ao mundo as figuras, o ambiente, a maneira de ser brasileira. Além de várias exposições na sua Pátria, enviou vários trabalhos à Argentina, Uruguai, Paris, Roma, Milão.

Esteve há pouco entre nós, presente na «Galeria Nacional de Arte». Chama-se René Benjamin Lúcio. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1946. Iniciou os estudos em Nova Friburgo e no Rio de Janeiro. Em 1959 ingressou no Atelier Livre de Pintura do Museu de Arte Moderna, do Rio. A partir de 1960 dedicou-se à xilografia. No mesmo ano foi convidado pelo Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, para assistente no Curso de Pintura Infantil daquele Museu. «Para além do êxito da exposição na capital portuguesa — diz-nos René Lúcio — acontece que a estadia na vossa terra abriu novas perspectivas à minha arte. A estadia em Portugal revela-se-me fecunda — é como se eu ganhasse novas forças».

René Lúcio: um artista que pode servir de traço de união entre duas artes.

LIVROS PELICANO
o homem e o mundo explicados
cientificamente na mais célebre
coleção do nosso tempo

GEORGE PENDLE

40\$00

HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Uma introdução objectiva e autorizada feita por um especialista que, nos últimos trinta anos, se tem dedicado profundamente ao estudo dos problemas do continente latino-americano.

LIONEL KOCHAN

50\$00

A FORMAÇÃO DA RÚSSIA MODERNA

«Não creio que exista melhor resumo para familiarizar o leitor comum com a vastidão da história da Rússia».

Edward Cranshaw — Observer

R. B. WYE e J. E. MORPURGO

75\$00

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

Visando dotar todos os leitores com uma compreensão actualizada do passado americano, esta história dos Estados Unidos, em dois volumes, acentua com destaque o progresso da ideologia americana na política, nas artes, na religião e na vida social.



ULISSEIA • Rua da Misericórdia, 125-1.º — Lisboa-2